

UFAL

FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro

Rafael Bezerra de Lima

Universidade Federal de Alagoas
Campus Aristóteles Calazans Simões
Tabuleiro do Martins
57072-970 – Maceió – Alagoas
Fone (082) 3214-1640/3214-1463

RAFAEL BEZERRA DE LIMA

Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA DENILDA MOURA

COORIENTADOR: PROF. DR. JAIR GOMES DE FARIAS

MACEIÓ
2010

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Dilma Maria dos Santos Cunha

L732c Lima, Rafael Bezerra de.
 Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro
 / Rafael Bezerra de Lima, 2010.
 143 f.

 Orientador: Maria Denilda Moura
 Coorientador: Jair Gomes de Farias
 Tese (doutorado em Letras e Linguística: Estudos Literários) – Universidade
 Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras
 e Linguística. Maceió, 2010.

 Bibliografia: f. 122-130.

 1. Morfossintaxe. 2. Advérbio. 3. Adjetivo. I. Título

CDU: 801.27



TERMO DE APROVAÇÃO

RAFAEL BEZERRA DE LIMA

Título do trabalho: "CARACTERÍSTICAS MORFOSSINTÁTICAS DOS ADVÉRBIOS NO PORUGUÊS BRASILEIRO"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Denilda Moura (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares da Silva (UFPE)

Prof. Dr. Jair Gomes Farias (PPGLL/UFAL)

Profa. Dra. Telma Vianna Magalhães (PPGLL/UFAL)

Prof. Dr. Daniel da Silva Carvalho (UFBA)

Maceió, 12 de agosto de 2010.

Esta pesquisa foi financiada por
uma bolsa da CAPES (06/2005-07/2010)

Aos meus queridos pais, **Vera Lúcia Bezerra de Lima**
e **Cícero Fernandes de Lima**, pelo amor, carinho
e paciência em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de listar e agradecer todos aqueles que de maneira direta ou indireta participaram desse longo processo de edificação pessoal e acadêmica.

Sendo assim, gostaria de iniciar meus agradecimentos citando minha querida orientadora Profa. Dra. DENILDA MOURA que, com muita paciência, dedicação e compreensão, mostrou-me os caminhos pelos quais se deve trilhar para conquistar os objetivos na vida; a ela dedico todo meu agradecimento. Não há dúvidas de que meu percurso acadêmico está dividido em antes e depois de Denilda. Muito obrigado!

Tudo que se disse sobre Denilda pode ser estendido aos meus estimados amigos Prof. Dr. ADEILSON SEDRINS e Prof. Dr. MARCELO SIBALDO, ambos professores da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Agradeço-os por todo companheirismo, amizade, sinceridade, sorrisos e lágrimas nesses anos de trajetória acadêmica. Tenho orgulho imenso de dizer que tenho vocês como meus AMIGOS.

Agora um agradecimento especial a minha querida esposa EMANUELLE CAMILA, pela paciência, carinho, ajuda, incentivo, confiança e, sobretudo, amor. Só ela sabe como a vida tem sido árdua e prazerosa para nós dois. Minha fortaleza é você. Como havia escrito nos agradecimentos de minha dissertação, mais uma vez aqui repito, precisarei de outra vida para retribuí-la e agradecê-la completamente. Muito obrigado!

Agradeço ao meu querido coorientador Prof. Dr. JAIR GOMES, por todas as observações sugeridas em uma versão anterior desta tese, por participar de todas as etapas de meu trajeto acadêmico, meu muito obrigado!

Agradeço à Profa. Dra. TELMA MAGALHÃES por ter participado do exame de qualificação desta tese, uma vez que seu olhar cuidadoso trouxe enorme contribuição para que eu repensasse alguns pontos cruciais. Muito obrigado!

A Profa. Dra. CLÁUDIA TAVARES SILVA, por ter aceitado gentilmente participar da banca de defesa desta tese, trazendo, assim, uma enorme contribuição através de sua leitura cuidadosa, sugestões e correções. Claudinha, meu muito obrigado!

Ao Prof. Dr. DANNIEL CARVALHO, por participar da banca de defesa desta tese, mas principalmente pelos anos vividos no PET (Programa de Educação Tutorial) e na Pós-Graduação, com discussões teóricas, sugestões bibliográficas, incentivo e também pelos vários momentos de descontração com seu humor inigualável. Na verdade, as piadas do Danniell só são interpretáveis se passar pela componente semântica de outra pessoa muito importante em minha vida acadêmica, e a quem devo meus agradecimentos pela amizade, incentivo, discussões teóricas, a Profa. Dra. DOROTHY BEZERRA. Muito obrigado a vocês!

Agradeço à Profa. Dra. MIRIAN CERQUEIRA, por sua amizade, incentivo, companheirismo e, principalmente, por ter sido a promotora da pedra fundamental dessa tese ao me sugerir trabalhar com “advérbios” em minha pesquisa de iniciação científica. Veja até onde chegou essa pesquisa, Mirian. Muito obrigado por tudo!

Ao Prof. Dr. JOÃO COSTA, por ter-me cedido material bibliográfico que foi de extrema importância para esta tese.

A Profa. Dra. MARGARIDA BASÍLIO, por ter-me gentilmente cedido seu artigo.

A Profa. Dra. CÍNTIA ALCÂNTARA, por ter-me enviado sua tese de Doutorado e o artigo de Harris.

Sinto-me na obrigação de agradecer a alguns professores que interferiram de forma direta em minha vida acadêmica ao promoverem excelentes discussões teóricas e mostrarem que o verdadeiro conhecimento científico só é possível com muito trabalho e dedicação. É bom saber que minha formação acadêmica pode contar com professores como estes abaixo.

Assim, agradeço à Profa. Dra. NÚBIA FARIA, pelas excelentes aulas na graduação e pós-graduação, seminários, minicursos, palestras, discussões sobre a língua(gem). Muito obrigado!

Ao Prof. Dr. ALDIR SANTOS (my captain!), pelas aulas da graduação e pós-graduação, por seus ensinamentos, amizade, incentivo, sugestões de bibliografia, bem como por ter sido de fundamental importância na leitura e correção de uma versão prévia desta tese. Muito obrigado!

À Profa. Dra. JANUACELE COSTA, pelas excelentes aulas na Pós-Graduação e pelas discussões sobre fonologia. Muito obrigado!

Durante tanto tempo de dedicação acadêmica, muitos os amigos que conquistei na Universidade Federal de Alagoas e em outras Instituições, como USP e UNEAL.

Bem, na UFAL, gostaria de agradecer aos amigos, DENISE, CRISTIANO SOARES, CRISTIANO LESSA, CARINE, ELAINE, ELYNE, RODRIGO, MEL, FERNANDO, THAÍSE, THAÍSA, VALQUÍRIA BORBA, VALQUÍRIA MOURA, LEÔNIA, SÉRGIO, MÁRCIO e ANTÔNIO.

Na USP, agradeço aos amigos LUCIANA, THIAGO, RAFAEL, SÔNIA, JÚLIO, PAULA, JOÃO PAULO, Profa. Dra. ANA PAULA SCHER, Prof. Dr. JAIRO NUNES, Prof. Dr. JUANITO AVELAR, LÉO E FELIPE. Muito obrigado a todos!

Na UNEAL, gostaria de agradecer ao Prof. Dr. MÁRCIO FERREIRA , Prof. Esp. UEDSON NOMERIANO, Profa Ms. EDNA PORANGABA, Profa. Esp. MÉRCIA LIMA, Profa. Esp. RENATA GICELLY, funcionários e aos meus alunos, que me proporcionaram grandes momentos de aprendizado. Foi na UNEAL, que tive a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos linguísticos adquiridos em minha formação acadêmica. A todos vocês, muito obrigado!

Aos funcionários da UFAL, INÊS, funcionária da secretaria da Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL e JUDSON, funcionário da biblioteca setorial. Muito obrigado!

Devo agradecer aos meus amigos de rock n' roll, IVANILSON, JACKSON, JEAN, DANY LEE, IZABEL, PATRÍCIA, VINNY, PAULA, MICHELLE, ALINE DINIZ, PAULO SÉRGIO E FLÁVIO LIMA, por me proporcionarem momentos únicos e indescritíveis. Valeu galera!

A minha segunda família, ISABEL (sogra), MANOEL (sogro), ALAN, TATY, TAMYRES, TERESA, FELIPE, EDINHA, FLAVINHA, pelo incentivo e força nos momentos difíceis. Muito obrigado!

Aos meus irmãos KELLISON BEZERRA DE LIMA e KESIANE KELLY BEZERRA DE LIMA, por serem simplesmente tudo em minha vida. Muito obrigado pelos melhores momentos.

Ao meu cunhado DAVID ANDRADE e cunhada DANIELA GOMES, por fazerem parte de minha família. Muito obrigado!

A minha sobrinha RITA DE CÁSSIA, por trazer ainda mais alegria a nossa família.

Agradeço de modo especial aos meus avós paternos, CECÍLIA e VICENTE (*in memoriam*). Como eu queria compartilhar esse momento com vocês! Saudade eterna. Muito obrigado!

Aos meus amáveis avós maternos, JOÃO e MARIA de LURDES, que sempre me incentivaram a seguir os bons caminhos da vida. Agradeço ainda o fato de minha avó ter fugido de casa para se casar com meu avô, olha o resultado?! Muito obrigado por tudo!

Agradeço aos meus tios ISABEL, AGUINALDO, VANUSA, IVANDELSON, DÉBORA, FERNANDA, NALVA. Aos meus primos NATÁLIA, MATEUS, MICHEL, FABIANA, MIKELANE, MIKAELY, DENISE, JOSIEL, MARCERISE. Muito obrigado por todos os momentos felizes.

A um anjo. (GABRIEL)

Aos meus pais, obrigado! (Procurei, mas não consegui encontrar palavras para descrever o quanto vocês são importantes em minha vida, só o amor que sinto por vocês pode explicar, como é infinito, não cabe em uma folha de papel).

À CAPES, pelas bolsas de Mestrado e Doutorado concedidas a mim de 06/2005 a 07/2010.

Enfim, a DEUS, por ter colocado as pessoas acima citadas em minha vida.

“Só sabemos com exatidão quando sabemos pouco; à medida que vamos adquirindo conhecimentos, instala-se a dúvida”.

Johann Goethe

RESUMO

Esta tese tem como objetivo descrever e analisar as características morfossintáticas dos advérbios terminados em *-mente* no português brasileiro (PB). Uma dessas características é o fato de os advérbios possuírem uma estreita relação com os adjetivos em construções do tipo (i) *O João entrou na sala rápido* / *O João entrou na sala rapidamente*. Com base nesses exemplos, iremos assumir que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos, tendo em vista que essas categorias ocorrem num mesmo ambiente sintático. Outro fator determinante para essa assunção refere-se a sua constituição morfológica, uma vez que para se formar advérbios em *-mente* é preciso ter uma raiz adjetival. Assim, assumo que os adjetivos em sentenças como em (i) podem possuir uma característica morfológica *default*, isto é, sem acréscimo de *-mente* em sua estrutura interna, ou, por outro lado, obter uma forma mais especificada com o *-mente* em sua estrutura interna. O embasamento teórico aqui adotado se fundamenta nos trabalhos de Marantz (2001), cuja análise sobre a constituição morfológica das nominalizações é estendida aqui para explicar a formação dos advérbios em *-mente* no PB e Harris (1999).

Palavras-chave: Morfossintaxe; Adjetivo; Advérbio, Estrutura Interna.

ABSTRACT

This thesis aims at describing and analyzing the morphosyntactic features of adverbs ending in *-mente* (-ly) in Brazilian Portuguese (BP). One of these features is the fact that adverbs have a close relationship with the adjectives in constructions such as (i) *O João entrou na sala rápido* / *O João entrou na sala rapidamente* “John entered the room fast / O John entered the room quickly”. Based on these examples, we assume that adverbs are a subclass of adjectives, having in mind that these categories occur in the same syntactic environment. Another factor for this assumption relates to their morphological constitution, since, in order to form adverbs in *-mente*, it is expedient to have an adjectival root. Then, I assume that the adjectives in sentences as in (i) may have a morphological default, i.e., without addition of *-mente* in their internal structure, or rather, they have to obtain a more specified form with *-mente* in its internal structure. The theoretical framework adopted here is based on the work of Marantz (2001), whose analysis on the formation of morphological nominalizations is extended here to explain the adverbs in *-mente* in BP and Harris (1999).

Keywords: Morphosyntax; Adjective; Adverb; Internal Structure.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo describir y analizar las características morfosintácticas de los adverbios terminados en *-mente* en portugués de Brasil (PB). Una de estas características es el hecho de que los adverbios tienen una estrecha relación con los adjetivos en construcciones como (i) *O João entrou na sala rápido / O João entrou na sala rapidamente* “Juan entró en la habitación rápido / Juan entró en la habitación rápidamente”. Basándonos en estos ejemplos, asumiremos que los adverbios son una subclase de los adjetivos, una vez que estas categorías se producen en un mismo entorno sintáctico. Otro factor determinante para esta afirmación se refiere a su constitución morfológica, ya que para formar los adverbios en *-mente*, es necesario tener una raíz adjetiva. Por lo tanto, asumo que los adjetivos en oraciones como en (i) pueden presentar una característica morfológica *default*, es decir, sin adición de *-mente* en su estructura interna, o, por otro lado, obtener una forma más específica con *-mente* en su estructura interna. El marco teórico adoptado aquí se basa en el trabajo de Marantz (2001), cuyo análisis sobre la constitución morfológica de nominalizaciones se extiende para explicar los adverbios en *-mente* en PB and Harris (1999).

Palabras-clave: Morfosintaxis; Adjetivo; Advérbio; Estructura Interna.

ABREVIações E SIGLAS

Siglas	Termo em Inglês	Termo em Português
A	Adjective	Adjetivo
Adj.	Adjective	Adjetivo
Adv	Adverb	Advérbio
AdvP	Adverb Phrase	Sintagma Adverbial
AGR	Agreement	Concordância
	Bare adjective	Adjetivo nu
	Covert syntax	Sintaxe coberta
CP	Complementizer Phrase	Sintagma Complementador
D	Determiner	Determinante
DM	Distributed Morphology	Morfologia Distribuída
DP	Determiner Phrase	Sintagma Determinante
	Edge	Margem
	Fission	Fissão
	f-morpheme	Morfema funcional
fem		Feminino
	Fusion	Fusão
GT		Gramática Tradicional
	Head	Núcleo
	Impoverishment	Empobrecimento
LF	Logical Form	Forma Lógica
	l-morpheme	Morfema lexical
<i>Li</i>	Lexical Item	Item lexical
masc.		Masculino
Mod		Modificador
	Merge	Combinar
	Move	Mover
N	Noun	Nome
nP	Nominal Phrase	Sintagma Nominal
NOM	Nominative	Nominativo
NSN		Núcleo do Sintagma Nominal
OBJ		Objetivo
	Overt syntax	Sintaxe coberta
PB		Português Brasileiro
PE		Português Europeu
PF	Phonetic Form	Forma Fonética
pl.		Plural
	ROOT	Raiz
SC	Small Clause	Oração pequena
SN		Sintagma Nominal
	Spell-Out	Saída

Spec	Specifier	Especificador
	S-structure	Estrutura superficial
TP	Tense Phrase	Sintagma Temporal
v	Light verb	Verbo leve
VI	Vocabulary Item	Item de Vocabulário
vP	Light verb Phrase	Sintagma de Verbo Leve
V	Verb	Verbo
VP	Verb Phrase	Sintagma Verbal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1. ADVÉRBIOS TERMINADOS EM <i>-MENTE</i> E ADJETIVOS: DELIMITANDO FRONTEIRAS	23
1.1 INTRODUÇÃO.....	23
1.2 – DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ANÁLISE	26
1.3 – RELAÇÃO ENTRE ADJETIVO E NOME.....	31
1.3.1 – Implicações para a formação de advérbios em <i>-mente</i>	31
1.3.1.1 – Organizando as ideias.....	35
1.4 – RELAÇÃO ENTRE ADJETIVO E ADVÉRBIO	36
1.4.1 – Fatos e problemas preliminares	36
1.4.2 – Classificação dos adjetivos (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980).....	37
1.4.3 – Processo de conversão dos Adjetivos em Advérbios entre as línguas: uma primeira aproximação.....	42
1.4.3.1 – O inglês e o alemão.....	39
1.4.3.2 – O latim	46
1.4.3.3 – O espanhol.....	49
1.4.3.4 – O português europeu	50
1.4.4 – Organizando as ideias.....	54
1.5 – CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	55
CAPÍTULO 2. A CONSTITUIÇÃO MORFOLÓGICA DOS ADVÉRBIOS EM <i>-MENTE</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	57
2.1 – INTRODUÇÃO	57
2.2 – O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO.....	59
2.3 – ADVÉRBIOS E ADJETIVOS: O LIMITE DA FRONTEIRA.....	62
2.3.1 – Características sintáticas.....	62
2.3.2 – Características morfológicas.....	67
2.3.2.1 – Balanta (FUDEMAN, 2004): evidência adicional.....	68

2.4– A ESTRUTURA INTERNA DO ADVÉRBIO: A NATUREZA DE <i>-MENTE</i>	70
2.4.1 – Estrutura de Constituintes: Lyons (1987) [1981].....	71
2.4.1.1 – Forma livre, forma presa e os advérbios e adjetivos em <i>-ly</i>	72
2.4.2 - Os advérbios em <i>-mente</i> como compostos (ZAGONA, 1990; KOVACCI, 1999).....	76
2.4.3 - Os advérbios em <i>-mente</i> como morfologicamente derivados (VARELA ORTEGA, 1990; PIERA & VARELA, 1999).....	82
2.4.4 - Os advérbios em <i>-mente</i> como afixação frasal (TORNER, 2005).....	84
2.5 – CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	88
CAPÍTULO 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	89
3.1 – MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: PRESSUPOSTOS BÁSICOS (HALE e MARANTZ, 1993).....	89
3.1.1 – INTRODUÇÃO.....	89
3.2 – A INTERFACE SINTAXE/MORFOLOGIA.....	90
3.2.1 – A estrutura da gramática: pontos e contrapontos.....	91
3.2.1.1 – A abordagem Lexicalista (CHOMSKY, 1995).....	91
3.2.1.2 – A abordagem da Morfologia Distribuída (HARLEY e NOYER, 1999).....	93
3.2.2 – Primitivos da sintaxe (EMBICK e NOYER, 2005).....	100
3.3 A – ESTRUTURA MORFOLÓGICA.....	104
3.3.1 – Operações morfológicas.....	104
3.3.1.1 – Empobrecimento.....	105
3.3.1.2 – Fissão.....	107
3.3.1.3 – Fusão.....	108
3.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	110
CAPÍTULO 4. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA OS ADVÉRBIOS EM <i>-MENTE</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	112
4.1 INTRODUÇÃO.....	112
4.2O LUGAR DA CONSTRUÇÃO DAS PALAVRAS (MARANTZ, 2001).....	113

4.3 O MORFEMA DE CLASSE FORMAL (HARRIS, 1999).....	116
4.3.1 Os advérbios em <i>–mente</i>	120
4.3.1.1 Os casos de conversão: uma breve análise.....	125
4.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

Os advérbios são considerados uma categoria bastante heterogênea por abarcarem sob esse rótulo palavras com estruturas diversificadas (cf. ALEXIADOU, 1997; ADGER, 2004; CINQUE, 1999; COSTA, 1998; ERNST, 2001; RADFORD, 1988, entre outros). Essa afirmação pode ser facilmente corroborada se observamos seu aspecto morfológico, uma vez que são considerados advérbios, no português brasileiro (doravante PB), itens como *amanhã, cedo, hoje, agora, já, lá, muito, aqui*, bem como *lentamente, recentemente, atualmente, logicamente, diretamente etc.* Como podemos verificar, com base nesses exemplos, os advérbios que possuem certa regularidade morfológica são os que têm terminação *-mente*. Essa regularidade pode ser constatada em diversas línguas naturais, *-mente* em espanhol, *-ly* em inglês, *-ment* em francês, *-weise* em alemão, *-igvis* em norueguês etc.

Com base nisso, serão levados em consideração, nesta tese, apenas os advérbios que possuem terminação *-mente*, uma vez que parece ser um critério seguro para delimitarmos essa classe gramatical. Entretanto, nem todos os advérbios terminados em *-mente* serão considerados aqui, pois alguns destes possuem características bem peculiares, a saber, os intensificadores, como em (1), e os focalizadores como em em (2). Essa exclusão será detalhada no capítulo seguinte.

1. a. O João é *altamente* competente.
b. A Maria ficou *imensamente* preocupada.

2. a. O Paulo comprou *somente* os pães.
b. Minha irmã leu *exatamente* cinco livros.
c. O João correu *aproximadamente* 50 quilômetros.
d. O Fernando *realmente* saiu de casa.

Como mostram os exemplos em (1) e (2), os advérbios terminados em *-mente* apresentam uma relação muito estreita com os adjetivos, uma vez que para formar tais advérbios no PB basta acrescentar o afixo *-mente* a uma base adjetival. Porém, nem todos os adjetivos permitem essa formação como, por exemplo, **azulmente*, **/?contentemente*, etc.

Outro ponto crucial que evidencia a relação entre adjetivo e advérbio é o ambiente sintático em que adjetivos adverbializados e formas com sufixo *-mente* podem ocorrer. Para ilustrar isso, vejamos os exemplos contidos em (3) abaixo:

3. a. Maria entrou *lento* na sala.
 - a'. Maria entrou *lentamente* na sala.
 - b. O João saiu *rápido* da sala.
 - b'. O João saiu *rapidamente* da sala.
 - c. A Joana coube *fácil* no carro.
 - c'. A Joana coube *facilmente* no carro.

Como podemos verificar, tanto o adjetivo quanto o advérbio em *-mente* podem ocorrer numa mesma posição sem que haja prejuízos semânticos para as sentenças.. Os exemplos em (3a) e (3c) nos remetem ao trabalho de Basílio (2007), em que esta autora define tal fenômeno como “conversão”, isto é, os adjetivos se convertem em advérbios.¹ Por outro lado, há sentenças no PB que não permitem a permuta entre adjetivo e o advérbio em *-mente*, como em (4b) e (4d), ou ainda, há construções que restringem totalmente o uso do advérbio, como as sentenças copulares, em (5b) e (6b):

4. a. A Maria cantou *baixo*.
 - b. **A* Maria cantou *baixamente*.

¹ São também reconhecidos na literatura de adjetivos adverbializados ou advérbios adjetivais nos termos de Costa (2009).

- c. O presidente falou *alto* em seu discurso.
 - d. *O presidente falou *altamente* em seu discurso.
5. a. Meu sogro é *rápido* ao dirigir.
- b. *Meu sogro é *rapidamente* ao dirigir.
6. a. *Minha sobrinha está *nervoso* para falar em público.
- b. *Minha sobrinha está *nervosamente* para falar em público.²

Com base ainda no exemplo em (6a), podemos tornar a sentença gramatical se o adjetivo concordar com o NP sujeito da sentença, como em (7). Assim, para se considerar uma relação biunívoca entre adjetivo e advérbio – no processo de conversão – é preciso que o adjetivo esteja numa formação invariável, como ilustrado em (3).

7. Minha _{NP}[sobrinha] está _{ADJ}[nervosa] para falar em público

Procuraremos, também, no decorrer desta tese, descrever e analisar a estrutura morfológica dos advérbios em *-mente*, ou seja, tentar entender os mecanismos de formação dessas categorias, a saber, advérbios como compostos (ZAGONA, 1990; KOVACCI, 1999), como itens morfológicamente derivados (PIERA & VARELA, 1999) ou como produtos de afixação frasal (TORNER, 2005).

Partindo do que foi exposto acima, a presente tese apresenta as seguintes questões norteadoras:

² Percebe-se nitidamente que o tipo de verbo pode oferecer restrições de ocorrência tanto da forma adverbializada do adjetivo quanto do advérbio em *-mente*.

- 8.
- (i) Qual é a relação que há entre advérbios em *-mente* e adjetivos?
 - (ii) Quais as restrições morfossintáticas envolvidas na formação de advérbios em *-mente*?
 - (iii) Que outras evidências morfossintáticas podem ajudar a delimitarmos a categoria advérbio no PB?
 - (iv) Qual a estrutura interna desse tipo de advérbio e qual a natureza do morfema *-mente*?

Com base nessas questões, lançamos mão das seguintes hipóteses:

- 9.
- (i) Esses advérbios formam uma subclasse dos adjetivos, tendo em vista as semelhanças morfossintáticas que estes estabelecem. Ainda mais além, podemos chegar à conclusão de que construções como a) *O João fala **lento*** e b) *O João fala **lentamente***, o que se mostra na verdade é a possibilidade de ocorrer um **adjetivo default**, em (a), ou um adjetivo *mais especificado* com o acréscimo de *-mente*, em (b).
 - (ii) Há restrições de ordem morfossintática e semântica envolvidas na formação dos advérbios em *-mente* no português brasileiro.

- (iii) Uma análise translinguística nos oferecerá subsídios adicionais para corroborarmos nossa hipótese de que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos.

- (iv) A estrutura interna dos advérbios em *-mente* é formada por uma base adjetival composta adicionalmente de um afixo caracterizador de categoria morfossintática, soma-se a esse complexo o item de vocabulário *-mente*, num processo cíclico, com base no trabalho de Marantz (2001) e Harris (1999).

Na presente pesquisa, servimo-nos do método de abordagem o hipotético-dedutivo. Com relação ao método de procedimento, utilizaremos o comparativo, tendo em vista que buscaremos confrontar algumas línguas como forma de subsidiar/corroborar nossas hipóteses acerca do fenômeno aqui delineado. No que tange à análise dos dados, serão observadas sentenças declarativas finitas. Com relação à gramaticalidade das sentenças, iremos nos basear em dados de introspecção e dos julgamentos de gramaticalidade dos falantes nativos do PB. Os dados de outras línguas aqui comparados serão retirados de trabalhos publicados.

Tendo em vista que os advérbios têm recebido pouca atenção no que se refere a sua estrutura interna, nossa pesquisa procurará oferecer um avanço nos estudos sobre essa categoria, sob um ponto de vista morfossintático, pois o que se observa na literatura é o advérbio servindo apenas como diagnóstico para auxiliar análises que levam em consideração movimentos de outras categorias (cf. BELLETTI, 1990; POLLOCK, 1989; TAVARES SILVA, 2004, entre outros).

Esta tese é composta de quatro capítulos centrais mais essa Introdução e as Considerações Finais.

No Capítulo 1, iniciaremos uma discussão sobre as relações estruturais que há entre adjetivo e nome, levando em consideração as implicações que essas relações estabelecem no que se refere à formação dos advérbios em *-mente*. Mais adiante, faremos um apanhado dos fatos e problemas sobre a relação adjetivo/advérbio, tomando como decalque o trabalho de Kerbrat-Orecchioni (1980), que apresenta uma proposta interessante de hierarquia de adjetivos. Assim posto, procuraremos estabelecer comparações entre algumas línguas a fim de obtermos evidências empíricas para reconhecer a premissa aqui defendida de que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos.

No Capítulo 2, problematizaremos a questão da estrutura interna dos advérbios, tentando descrever a natureza de *-mente*. Para tanto, iremos confrontar os trabalhos de Lyons (1987) [1981], Zagana (1990), Piera e Varela (1999) e Torner (2005) que discutem a formação morfológica desses elementos. Ainda nesse capítulo, levantaremos uma série de argumentos tanto sintáticos quanto morfológicos para corroborar a premissa de que os advérbios fazem parte da classe dos adjetivos.

No capítulo 3, faremos uma breve explanação dos pressupostos básicos do modelo teórico da Morfologia Distribuída, com o objetivo de oferecer subsídio teórico ao capítulo de análise em seguida.

No Capítulo 4, iremos propor uma análise dos advérbios em *-mente*, baseando-nos, para tanto, nos trabalhos de Marantz (2001), Harris (1999) e Alcântara (2002). Nesse capítulo, assumo que *-mente* é um item de vocabulário formador de advérbios, na medida em que este se adjunge ao complexo raiz+morfema formador de categorias morfossintáticas (ξ).

Por fim, nas Considerações Finais apresentaremos as conclusões a que chegamos nesta tese, salientando o fato de que nossa pesquisa se encontra ainda num contexto de poucos trabalhos referentes a essa temática; assim sendo, admitimos que o que está exposto aqui deve ser concebido como ponto de partida para futuras pesquisas, haja vista que ficaram mais questões que respostas.

CAPÍTULO 1

1. ADVÉRBIOS TERMINADOS EM *-MENTE* E ADJETIVOS: DELIMITANDO FRONTEIRAS

1.1 INTRODUÇÃO

Os limites morfossintáticos e semânticos estabelecidos para designarem o termo *advérbio* parecem não dar conta da classificação estabelecida para esses elementos, pois, como é sabido, trata-se de uma categoria em que são abarcados diversos tipos de formas, com as mais diferentes características sintático-semânticas. Isso fica evidenciado quando encontramos palavras como *hoje, ontem, antes, talvez, só etc;* e, também, todos aqueles terminados em *-mente*, como *rapidamente, repentinamente, continuamente, lentamente etc.* Se considerarmos um critério para dar uniformidade aos advérbios, de fato, o critério morfológico, com base nesses dados em *-mente*, seria bastante interessante, haja vista que tal critério consegue, de alguma forma, oferecer uma demarcação a essa classe de palavras reconhecida translinguisticamente como demasiadamente heterogênea (ALEXIADOU, 1997; JACKENDOFF, 1972; RADFORD, 1988; CHIERCHIA, 2003, entre outros). Assim posto, assumiremos, neste trabalho, que os advérbios tratados são apenas aqueles com terminação em *-mente*.

A complexidade morfossintática dos advérbios em *-mente* envolve uma outra classe de palavras, a saber, o *adjetivo*, pois sabemos que a formação morfológica desse tipo advérbio depende quase que exclusivamente no PB de uma base adjetival. Entretanto, é imperativo por em destaque o fato de que em outras línguas não apenas adjetivos recebem o afixo *-mente*, haja vista que há casos no francês em que *-ment*, por exemplo, toma como base um substantivo¹, como podemos verificar em (1).

¹ Exemplos apresentados por Denilda Moura (comunicação pessoal), a quem eu agradeço.

1. a. bête-ment.
“estupidamente”.
- b. diable-ment.
“diabolicamente”.
- c. vache-ment.
“realmente”.

Ainda a respeito da formação de advérbios em outras línguas, Alexiadou (1997, p. 18, nota 4) nos apresenta afixos no grego moderno, *-ou* e *-the*, que, embora sejam menos produtivos, formam advérbios a partir de outros advérbios, como estes presentes em (2) abaixo:

- | | | |
|-------------|---|----------------------|
| 2. a. allos | → | <i>allo<u>u</u></i> |
| other | | some other place |
| “outro” | | “algum outro lugar” |
| | | |
| b. eki | → | <i>eki<u>the</u></i> |
| there | | over there |
| “lá” | | “lá mesmo” |

Essa pesquisadora acrescenta ainda que, como (2a), o afixo pode ser adicionado a outros advérbios para produzir novos. Uma outra possibilidade, segundo ela, para derivar advérbios de outros advérbios é através do uso de diferentes prefixos como *pro-* em *prokthes* “o dia antes de ontem” e *meth-* em *methavrio* “o dia depois de amanhã”. É interessante pontuar que esses afixos não são usados somente na formação dos advérbios. Com base nisso, é prudente afirmarmos que os afixos gregos não são equivalentes ao elemento *-mente*, no português, pois, nesta língua, é usado somente para formar advérbios. Entretanto, poderíamos citar exemplos, do PB, em que o *-mente* se junta a outro advérbio, como em (3), ou a um PP (do inglês *Prepositional Phrase*), (4):

3. a. *apenasmente*.

(cf. ALMEIDA, 2001, p. 321)

b. *muitissimamente*4. a. *Derrepentemente*.

(cf. LIMA, 2006, p. 54, ex. (31b) e (32b))

Para Sérgio Menuzzi (comunicação pessoal), os dados acima expostos devem ser considerados como excepcionais, tendo em vista que não são produtivos no PB. Entretanto, seguindo Basílio (1993), se levarmos em consideração a dicotomia condições de produtividade *versus* condições de produção², chegaremos à conclusão de que se trata de exemplos existentes, em menos quantidade, obviamente, mas que podemos encontrar na fala³. Por outro lado, sendo casos menos frequentes, não os incluiremos em nossas análises, admitindo que os advérbios em *-mente* são oriundos somente de bases adjetivais.

Com base no que está sendo apresentado, iremos, no decorrer deste capítulo, discutir as relações que a categoria *adjetivo* possui com outras classes de palavras, em termos de verificarmos quais são as diferenças, semelhanças e restrições que os envolvem. Assim, tentaremos delimitar, na próxima seção, o nosso objeto de análise. Logo após, na seção (1.2), teceremos algumas observações sobre a relação que há entre os adjetivos e os substantivos e qual implicação para a formação dos advérbios em *-mente* no PB, lançando mão dos critérios adotados por Perini (2007), em que esse autor oferece uma delimitação interessante entre as classes de palavras baseada em traços que representem suas diversas configurações sintático-semânticas. É importante esclarecermos que nessa seção apresentamos uma primeira restrição na formação dos advérbios em *-mente*.

² Agradeço à Professora Margarida Basílio por ter-me enviado a versão original desse ensaio.

³ Com a preocupação de ressaltar a distinção entre as condições de produtividade e condições de produção, Basílio (1993, p. 2), citando Corbin (1984), afirma que a produtividade define formas disponíveis e não necessariamente formas atestadas. Assim, por exemplo, formas não existentes por causa do fenômeno do bloqueio (ARONOFF, 1976) seriam casos de formas linguisticamente disponíveis, embora eventualmente não atestadas. Para maiores detalhes ver o referido artigo.

Em seguida, na seção 1.3, iniciaremos uma discussão mais específica sobre o envolvimento morfossintático que há entre os adjetivos e o advérbio, em outras palavras, buscaremos identificar quais os contextos morfossintáticos em que ambos ocorrem; *ipso facto* buscamos, a partir da classificação dos adjetivos em Kerbrat-Orecchioni (1980), na subseção 1.4.2, verificar algumas outras possíveis restrições na formação dos advérbios em *-mente*. Uma outra visão interessante é a de Moraes (2006), cujos argumentos revelam que os únicos adjetivos a receberem *-mente*, além dos adjetivos puros, são os resultativos psicológicos.

Na subseção (1.4.3), discorreremos sobre o processo da *conversão* (BASÍLIO, 2007 [1987]). Essa discussão nos oferecerá indícios importantes para julgarmos a estreita relação entre adjetivos e advérbios, uma vez que buscaremos descrever em diversas línguas os contextos sintáticos em que ocorrem os chamados *adjetivos adverbiais* ou *adjetivos adverbializados*. Na última seção, sintetizaremos nossas considerações, a fim de organizarmos as ideias postas em discussão até então.

1.2 DELIMITANDO O OBJETO DE ANÁLISE

É de conhecimento geral que a classe dos advérbios é extremamente heterogênea, talvez pelo fato de abarcar diversos tipos de elementos, cujas características sintáticas, semânticas e morfológicas fogem a qualquer tentativa de delimitação, como podemos verificar nos exemplos abaixo:

1. a. O João vai chegar *aqui*;
- b. O João vai chegar *lá*;
- c. *Somente* o João saiu de casa;
- d. O João está *muito* doente;
- e. O João anda *rápido*;
- f. O João anda *rapidamente*.

Com base nos exemplos acima, apontamos algumas observações. A primeira diz respeito ao fato de que, seguindo os passos de Ilari et al (2002), não incluiremos os *circunstanciais* (1a) e (1b)⁴, como fazendo parte dos *advérbios*, bem como os intensificadores (1d)⁵. Sobre os circunstanciais, Said Ali (1964) os denomina de advérbios pronominais, isto é, originam-se *aqui, cá, lá* de formas ablativas *hic, hac* do pronome demonstrativo latino aglutinadas a outras palavras (*eccu(m), ill(e)*). Martínez, (1994, p. 30), ao analisar o advérbio no espanhol, classifica-os de *proadvérbios*, “pues son palabras que se supone que van en lugar de otras (de modo análogo a lo que ocurre con los pronombres, que sustituyen a sustantivos y adjetivos”. Assim, são proadvérbios *aqui, allí, acá, allá, hoy, mañana* etc.

Além disso, Martelotta, Processy e Santos (2008), analisando os advérbios qualitativos, locativos e temporais, asseveram que eram ricos no latim processos morfológicos de formação de qualitativos, fato que não ocorria com os temporais e locativos. Por essa razão, estes apareciam mais em forma de sintagma adverbial. Assim, “os advérbios qualitativos no latim eram formados por afixos específicos de advérbio, como *-e* e *-iter*, colocados, respectivamente, nos adjetivos de primeira classe e de segunda classe, como ilustram os exemplos a seguir:

2. His *facile* pulsus ac proturbatis.

Estas facilmente pancadas e expulsáveis.

“E vós expulsáveis facilmente a eles com estas pancadas.”

3. *Acriiter* in eo loco pugnatum est.

Energicamente em este local combateu.

“Combateu-se neste local energicamente.”

(MARTELOTTA, PROCESSY e SANTOS, 2008, p. 56, exs. (5) e (6))

Por outro lado, os temporais e locativos, aqui denominados de circunstanciais, tendem a ocorrer em formação sintática de locução, como

⁴ Para um olhar mais detalhado de base funcionalista sobre esses advérbios, ver Neves (2002).

⁵ Para Ilari et al (op. cit.), os circunstanciais (dêiticos) assim como os intensificadores não se limitam ao papel do modificador que a tradição gramatical lhes atribui ao classificá-los como advérbios. Para mais detalhes, ver a obra citada.

podemos ver sublinhado em (3). Por essa razão, não os incluímos em nossas análises, uma vez que tentaremos argumentar em favor da idéia de que os *advérbios* são uma subclasse dos adjetivos. Talvez isso explique o fato de esses circunstanciais não admitirem o sufixo *-mente*, como mostram as agramaticalidades abaixo:

4. a. Hoje > **Hojemente*;
- b. Lá > **Lámente*
- c. Cá > **Camente*;
- d. Ontem > **Ontemmente*;
- e. Aqui > **Aquimente*;
- f. Amanha > **Amanhamente*;

Poderíamos citar o exemplo *atualmente* como um dêitico temporal e, por essa razão, excluí-lo também de nossas análises. O que precisa ser observado é que não se trata de um dêitico, uma vez que compartilha informações semânticas da construção verbal, i.e. o aspecto⁶. Isso explica a agramaticalidade de (5b) e (5c) em relação à (5a). Por outro lado, o dêitico *hoje* não revela qualquer restrição semântica, como mostram os exemplos em (6). Assim sendo, devemos diferenciar os dêiticos dos advérbios aspectuais:⁷

5. a. Atualmente, Maria trabalha na escola;
 - b. *Atualmente, Maria trabalhou na escola;
 - c. *Atualmente, Maria trabalhará na escola.
-
6. a. Hoje, Maria trabalha na escola;
 - b. Hoje, Maria trabalhou na escola;
 - c. Hoje, Maria trabalhará na escola.

⁶ Para maiores detalhes a respeito dessa classe de advérbios, remetemo-los à leitura de Ilari (2002), em que o autor faz um apanhado sintático-semântico descritivo dos dados do projeto NURC.

⁷ Recomendamos a leitura de Ilari (2002).

Em segundo lugar, os focalizadores⁸ (1c), chamados de delimitadores por Castilho e Castilho (2002), possuem características ainda mais restritas do que aquelas apontadas nos manuais de gramática para os advérbios, de que “é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até mesmo, o próprio advérbio” (ALMEIDA 2001, p. 316). Assim, deverão ser estudados em um trabalho à parte.

Uma terceira observação está baseada na dupla de exemplos (1e) e (1f). Nesses casos, podemos perceber claramente que o advérbio em (1e) está sob a forma de adjetivo, possuindo leitura idêntica a (1f) em que há o advérbio terminado em *-mente*. Tal fenômeno é denominado na literatura de Flutuação categorial ou Conversão.

Segundo Basílio (2007) [1987], conversão é o processo derivacional através do qual um item é adaptado ou convertido a uma nova classe de palavras sem adição de afixo. Ou ainda, como afirma Kehdi (2007, p. 54), “um vocábulo pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, aparentemente sem alterações formais”.

Essa última observação será a dinâmica de nosso trabalho, pois tentaremos argumentar em favor da idéia de que há, nessa configuração sintática (*conversão*), outros aspectos intimamente relacionados; entre eles, a característica morfológica envolvida.

Sem maiores detalhes, podemos afirmar que categorias como verbo, adjetivo, preposição e nome⁹ são bem mais fáceis de serem identificadas, ao passo que os advérbios não o são, como alerta Ian Roberts (comunicação pessoal). Uma razão para esse fato é que, na Teoria Gerativa (CHOMSKY 1970 e CHOMSKY; LASNIK, 1993), estabeleceram-se critérios para se diferenciar

⁸ Para mais detalhes recomendo a leitura dos trabalhos de Lima (2006), em que o autor irá levantar uma série de argumentos para defender a hipótese de que os focalizadores devam ser considerados uma subcategoria dos advérbios em *-mente*, uma vez que sua estrutura sintático-semântica é mais complexa, pois se adjungem a *nomes* (i), a *PPs* (ii), a *sentenças* (iii) etc.

- (i) Somente o João comeu o bolo de chocolate. (Leitura: João foi o único a comer o bolo)
- (ii) O João comeu o bolo *somente* de chocolate. (Leitura: João comeu apenas o bolo de chocolate, havia outros)
- (iii) O João comeu o bolo de chocolate, *somente*. (Leitura: Foi a única coisa que o João fez, poderia ter feito outras coisas)

⁹ Talvez a distinção entre nome e adjetivo seja também considerada uma dificuldade, uma vez que em muitos casos não se tem uma ideia clara sobre o que seja nome ou adjetivo numa sentença. Sobre esse fato, iremos tecer algumas observações no decorrer do trabalho. Entretanto, sugiro a leitura de Wierzbicka (1986) e Perini (2007).

categorias lexicais, por meio de uma combinação lógica de valores (+ e -) a dois traços distintivos fundamentais [N] e [V], obviamente baseados em diagnósticos empíricos. Dessa forma, os traços lexicais são um modo de sistematizar, teoricamente, as classes formais de categorias lexicais que, uma vez combinadas, teríamos o seguinte quadro:

7.

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	Preposição
[+V]	Adjetivo	Verbo

Podemos perceber que dessa combinação só resultam as quatro possibilidades acima descritas, não sendo reservado nenhum lugar aos *advérbios* nem as *conjunções*¹⁰, isto é, não há, nesses termos, traços categoriais que os definam. Talvez pudéssemos atribuir culpa ao fato de que falta uma marca morfológica que os identifique (OLIVEIRA, 1996). Por seu turno, Chomsky (1970) assume que deverá haver traços subsidiários para distinguir adjetivos de advérbios.

Contudo, se analisarmos com mais cuidado os fatos empíricos postos em discussão na presente tese, chegaremos à conclusão de que os *advérbios* nada mais são do que uma subclasse dos adjetivos (ABNEY, 1987; RADFORD, 1988; ALEXIADOU, 1997; ADGER, 2004, entre outros). Para sustentar essa premissa, levamos em consideração os aspectos sintáticos e morfológicos daquela classe de palavras em detrimento desta.

De antemão, vale pontuarmos que as observações feitas por Perini (2007) serão importantes para nosso trabalho, uma vez que ao analisarmos os advérbios como uma subclasse dos adjetivos, veremos que estes, quando compartilham certos traços de substantivos, não podem aceitar o sufixo *-mente*.

1.3RELAÇÃO ENTRE ADJETIVO E NOME

¹⁰ Não serão tratadas nesta tese. Cláudia Tavares (comunicação pessoal) afirma que, em geral, muitas das conjunções são consideradas núcleo do CP.

1.3.1 Implicações para a formação de advérbios em *-mente*

Perini (2007) alega que diferente dos verbos, o limite que delinea a distinção entre os nomes e adjetivos é pouco claro¹¹. Segundo ele, “a separação entre nomes e adjetivos é tão pouco marcada que há razões para duvidar da existência de duas classes distintas” (p. 321). Com base nisso, Perini (2007) faz uma interessante tentativa de diferenciar ambas as categorias através de traços sintático-semânticos.

Um primeiro traço que leva Perini (2007) a distinguir nomes de adjetivos é [+NSN], isto é, poder ser núcleo de um sintagma nominal (SN). Essa, segundo ele, é a posição mais típica de nomes, como podemos ver em (8):

8. Patrícia comprou um PC

Patrícia é núcleo de um SN, que por sua vez constitui o próprio SN. Por essa razão, reconhecemos o traço [+NSN] como parte da definição de uma classe denominada nomes. Entre as palavras cujo potencial funcional inclui [+NSN], podemos citar: *Patrícia, inimigo, cabelo, fazendeiro*. Por outro lado, pode-se encontrar também como NSNs: *endividado, verde, vencer, velho*, que não são, *a priori*, nomes:

9. Os *endividados* vão ter alívio com a nova lei;
10. O *verde* está muito na moda;
11. *Vencer* é meu objetivo;
12. *Velho* em geral dorme pouco.

(PERINI, 2007, p. 322, exs. (5)-(8))

¹¹ Mais adiante, iremos destacar o fato de que adjetivos e advérbios também não possuem uma delimitação clara.

Com base nos exemplos acima, Perini (2007, p. 322) avalia que algumas palavras podem ser modificadores, como em:

13. Uma mesa *velha*;
14. Um avião *inimigo*;
15. Um rapaz *endividado*.

Assim, atribui-se mais um traço [+Mod], que pode ser atribuído a *inimigo*, *fazendeiro*, *endividado*, *verde* e *velho*. Por outro lado, são marcadas [-Mod], por não serem modificadores, as palavras *Patrícia*, *cabelo*, *vencer*. Segundo o autor, seria de se esperar que o traço [+Mod] servisse para caracterizar os adjetivos. Entretanto, palavras como *fazendeiro*, *pianista*, *policia* dificilmente são consideradas adjetivos, contrariamente ao que ocorre nos exemplos em (16):

16. a. Tenho um sobrinho *fazendeiro*
(PERINI, op. cit. ex. (12))
- b. O calvo *pianista* não tocava Chopin
(MENUZZI, 1992, p. 42, ex. (54b))
- c. Quem chegou foi o rapaz *policia*

Por ora, temos duas categorias de palavras, *grupo 1* [+NSN] [-Mod], (8), e *grupo 2* [+NSN] [+Mod], (13-16). Devemos sublinhar o fato de que as palavras contidas no primeiro grupo não aceitam a adjunção do afixo *-mente*, pelo fato de que são exclusivamente nomes. De igual modo, as palavras do grupo 2, mesmo tendo a função modificadora de adjetivos, também não admitem a adjunção de *-mente*.

Já as palavras que podem ser modificadores, mas não NSNs, são sempre chamadas *adjetivos*: *rápido*, *alegre*, *cuidadoso*:

17. a. O rapaz *rápido* foi quem conseguiu o prêmio;
- b. Quem gosta de carnaval é gente *alegre*;
- c. A mãe *cuidadosa* cria melhor seus filhos.

Verificamos, acima, que as palavras em destaque são passíveis de receber o sufixo *-mente*, diferentemente das contidas nos grupos 1 e 2. Assim, teríamos no grupo 1 [+NSN] [-Mod], nomes, os quais não recebem, obviamente, *-mente*; no grupo 2, [+NSN] [+Mod], nomes-adjetivos, que não recebem o sufixo *-mente* e no grupo 3 [-NSN] [+Mod], adjetivos, os quais recebem, como seria de se esperar, o sufixo *-mente*.

Embora, à primeira vista, pareça trivial essa descrição/distinção, será extremamente importante quando, mais adiante, formos analisar a formação morfológica dos advérbios em *-mente*, porque o traço [+NSN] que algumas bases adjetivais carregam bloqueará a inserção do sufixo *-mente*. Isso pode explicar por que adjetivos terminados em *-or*, *-ista* e *gentílicos* não aceitam *-mente*.

- | | | |
|-----|-----------------------------------|---|
| 18. | O professor <i>treinador</i> | * <i>treinadoramente</i> |
| 19. | O rapaz <i>motorista/pianista</i> | * <i>motoristamente / pianistamente</i> |
| 20. | A fruta <i>argentina/italiana</i> | ? <i>argentinamente / italianamente</i> |

Em outras palavras, podemos generalizar que todos os adjetivos que carregarem o traço [+NSN] bloquearão, inevitavelmente, a presença do sufixo *-mente*. Isso acontece porque esse traço, em uma primeira análise, indica que o item lexical é agentivo (CÂMARA JR., 1976). Por definição, deve-se afirmar que os advérbios não possuem característica agentiva, mas modificadora.

Apesar de os itens *cantor* e *pianista*, em (21), poderem ser considerados adjetivos, devido sua posição sintática, não admitem o sufixo *-mente*. Esses exemplos são explicados pelo fato de tais adjetivos compartilharem traços típicos de nomes, como vimos acima:

- | | |
|-----|-------------------------------|
| 21. | a. O pianista <i>cantor</i> ; |
| | b. O cantor <i>pianista</i> . |

Essa mobilidade funcional das categorias é bem comum no PB. Em relação a isso, Basílio (2007) ressalta que:

podemos ter conversões de adjetivos para substantivos (*os pobres, os doentes, os agudos*) e vice-versa (*batom rosa, sombra cinza*); podemos também ter conversões de verbo para substantivo (*o poder, o dever*) e de adjetivos para advérbios (*andar rápido, falar alto*) (p. 66)

Essa autora acrescenta que, mesmo parecendo falho e assimétrico, o fenômeno de conversão oferece previsões, seja por características gerais das classes, seja por fenômenos já conhecidos da estrutura lexical do português. (BASÍLIO, 2007).

Os casos mais comuns de conversão são os de adjetivos para nomes, por causa da compatibilidade das funções de caracterização e designação, como vimos acima; outro é o de adjetivos para advérbio, por causa da identidade de função. Neste último, havendo diferença apenas no tipo de objeto a ser caracterizado, como em (22):

22. Ela escreve *rápido*.

(PERINI, 2007, p. 342, ex. (64))

Com relação à conversão de adjetivo em advérbio, Basílio (2007) afirma que, como a esmagadora maioria dos advérbios é formada pelo acréscimo do sufixo *-mente* a adjetivos, não temos padrões de conversão de advérbios para adjetivos.

Como vimos até agora, as categorias lexicais *nome, adjetivo e advérbios* têm uma estreita relação morfológica, principalmente entre nomes e adjetivos, que só são definidos claramente em termos sintáticos, como em (21). Com relação ao adjetivo e advérbio, essa relação é ainda mais íntima, uma vez que mesmo a sintaxe não dá conta de diferenciá-los, como em (23):

23. Ela escreve *rápido/rapidamente*.

Isso nos mostra como essas duas últimas categorias lexicais possuem uma dinâmica morfossintática especial. Podemos afirmar que a linha que separa adjetivos de advérbios é demasiadamente curta, caracterizando-se, a nosso ver, um campo de discussão interessante de ser investigado.

1.3.1.1 Organizando as ideias

É preciso organizarmos algumas ideias até aqui abordadas antes de nos lançarmos em uma discussão mais específica entre os adjetivos e os advérbios.

Sabendo que o objetivo principal desta tese é o de procurarmos descrever e analisar o comportamento morfossintático de advérbios terminados em *-mente* no PB e, partindo de alguns pressupostos como:

- (i) Os advérbios “verdadeiros” são aqueles cuja terminação é *-mente*;
- (ii) Os advérbios devem, por questões morfossintáticas, ser considerados uma subclasse dos adjetivos;
- (iii) O sufixo *-mente* é um elemento que, no PB, se adjunge a bases adjetivais.

fica evidente que devemos levantar uma discussão prévia sobre as características dos adjetivos.

Uma dessas características é o fato de os adjetivos possuírem uma relação estreita com nomes, como observamos em Perini (2007) e Basílio (2007). Essa observação vai ser importante quando formos analisar, com mais detalhes, o processo morfológico dos advérbios em *-mente* e o tipo de base adjetival que aceita ou não esse morfema, além, obviamente de outros fatores que iremos discutir mais adiante.

Assim, tentaremos definir, na próxima seção, quais os adjetivos que permitem essa configuração. Para tanto, iremos nos basear na classificação que

Kerbrat-Orecchioni (1980) estabelece para os adjetivos e discutir algumas informações contidas no trabalho de Moraes (2006).

1.4 A RELAÇÃO ENTRE ADJETIVO E ADVÉRBIO

1.4.1 Fatos e problemas preliminares

Basílio (2007) afirma que uma conversão bastante comum na língua portuguesa, em sua modalidade coloquial, é a que se verifica entre adjetivo e advérbio e nos apresenta os seguintes exemplos:

24. João fala muito *alto*;
25. João chegou *rápido*;
26. João correu *direto* para a sala;
27. João falou *bonito/grosso/macio*;
28. Isto se vende *fácil*.

Para esta pesquisadora, os casos de (24) a (26) são palavras tradicionais que ocorrem tanto como adjetivo quanto como advérbio. Em (27) e (28), observam-se outras instâncias de conversão. Essa autora alerta ainda que esse fenômeno não foi bem estudado no português, talvez pelo fato, acrescenta, de ser característico da língua falada coloquial. Essa observação de Basílio corrobora as análises de Hummell (2000) e de Rodrigues (2007), em que, segundo esses autores, raros no PB são os advérbios de modo em *-mente* (a ocorrência fica em torno de 6 a 8% do total de advérbios com essa forma. Isso aponta para o fato de que a noção de modo está sendo realizada de outras maneiras e o uso de adjetivos adverbiais é uma delas (FOLTRAN, 2010).

Hummel (2002b) conclui ainda que, após observar o emprego dos advérbios em *-mente* na língua falada coloquial do Brasil e em Portugal, os

advérbios em *-mente* são pouco utilizados nessas duas línguas¹². Esses advérbios são utilizados sim, mas como advérbios de frase¹³ (felizmente, principalmente).

Nos exemplos (24-25), “podemos observar que não há uma diferença nítida de função entre a derivação do advérbio e a conversão, embora haja uma sensível mudança de tom expressivo entre uma possibilidade e outra”. (BASÍLIO, 2007, p. 70). A forma adjetiva, para Basílio (2007), expressa uma idéia mais direta e forte, enquanto a forma em *-mente* apresenta um tom mais neutro e formal.

É comum assumirmos que os adjetivos predicam sobre SNs, enquanto advérbios, por sua vez, predicam sobre eventos (FOLTRAN, 2010; LEUNG, 2007). Entretanto, essa diferença não se observa, pelo menos de forma nítida, nos exemplos de (24) a (28).

1.4.2 Classificação dos adjetivos

Kerbrat-Orecchioni (1980) apresenta um esquema de classificação dos adjetivos, em (29), e, a partir dessa classificação, procuramos identificar quais são os tipos de adjetivos mais propícios a admitir *-mente*.

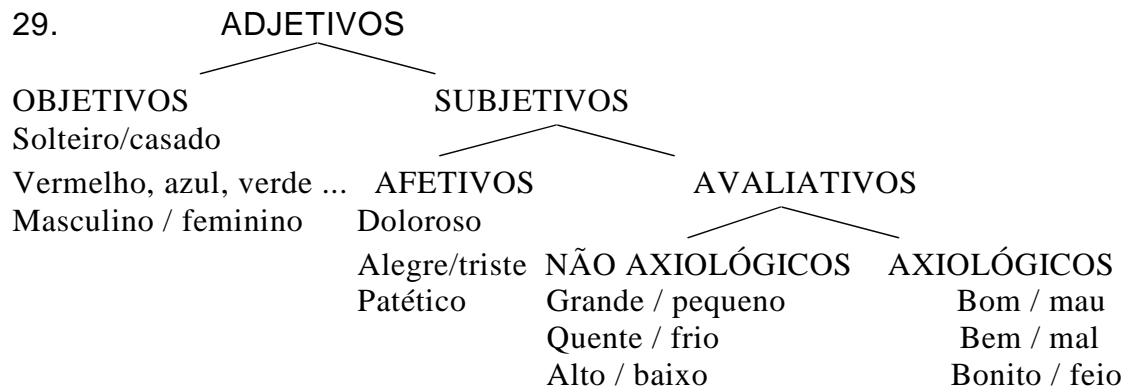
¹² Diferentemente do que afirma Costa (2009), como veremos mais adiante.

¹³ Os resultados obtidos por Hummel (op. cit.) encontram reflexo, por exemplo, no *corpus* coletado na comunidade quilombola Muquém (MOURA, 2009). Nele, pudemos constatar que a população daquela comunidade utiliza muito pouco os advérbios em *-mente* e, quando o fazem, utilizam os chamados focalizadores (justamente, exatamente) ou aspectuais (antigamente). Entretanto, encontramos construções como em (i) abaixo:

(i) “Eles num dissero *diretamente* o nome da pessoa”

(MOURA, 2009, p. 90)

É pertinente sublinhar que seria interessante para um trabalho futuro fazer um levantamento quantitativo sobre as ocorrências dos adjetivos adverbializados ou dos próprios advérbios em *-mente* e, conseqüentemente, uma análise mais aprofundada. É preciso deixar registrado o excelente *corpus* levantado pelos pesquisadores em Moura (2009), destacando o fato de que muitas das respostas que procuramos podem estar presentes nesse tipo de registro.



O que fica claro, de acordo com os exemplos a seguir, é que os que podem ser transformados em advérbios com o acréscimo do sufixo *-mente*, como em (30), são os chamados *afetivos*, diferente dos denominados *objetivos* e *não-axiológicos*, como em (31), talvez pelas razões apresentadas acima pela autora. Por outro lado, os *axiológicos*, parecem não ser totalmente avessos ao acréscimo de *-mente*, como mostra (32). Com base nisso, não é possível estabelecermos uniformemente quais são, de fato, os adjetivos passíveis de receber *-mente*.

30. a. Dolorosamente;
b. Alegrementemente/ tristementemente;
c. Pateticamente.
31. a. ?*Solteiramentemente;
b. ?*Vermelhamentemente;
c. ?*Pequenamentemente;
d. ?*Baixamentemente.
e. Altamentemente
32. a. Belamentemente;
b. ?Feiamentemente.

A observação acima apresentada nos faz remeter ao trabalho de Moraes (2006), que descreve a junção de adjetivos resultativos psicológicos, derivados de verbos de mudança de estados psicológicos, com *-mente*, na formação de advérbios de modo.

Essa autora justifica a sua análise, afirmando que os adjetivos abstratos, tanto “puros” (*ofensiva*), como participípios passivos psicológicos (*ofendida*) trazem realmente uma leitura de modo, isto é, os adjetivos resultativos psicológicos dão aos advérbios, a partir de valores não mensuráveis, a leitura sobre um evento, como em (33). Por outro lado, os adjetivos mensuráveis mais *-mente* podem não ser definidos como advérbios de modo, como em (34) (MORAES, 2006, p. 1641).

33. João andava *preocupadamente* pelas ruas de São Paulo.
34. a. anualmente, constantemente, pontualmente,
simultaneamente (tempo);
b. limitadamente, totalmente, amplamente, extremamente
(quantificadores);
c. certamente, seguramente, indubitavelmente,
incontestavelmente (afirmação);
d. distantemente, afastadamente (lugar);
e. cientificamente, particularmente, especificamente
(modalizadores).

Uma outra observação que a pesquisadora revela é o fato de participípios adjetivais de verbos transitivos diretos não poderem unir-se a *-mente*, como *compradamente, por possuírem o traço aspectual perfectivo, usado apenas como predicativos (35a) e atributivo (35b), (p. 1646)

35. a. O livro está *comprado*;
b. O livro *comprado* está sobre a mesa.

Baseada nessas informações, Moraes (2006) afirma que *–mente* além de unir-se a adjetivos “puros”, só pode unir-se a adjetivos *resultativos*, pois, segundo ela, só esses participípios têm todas as propriedades¹⁴ dos adjetivos “puros”.

Assim, temos os seguintes exemplos:

36. a. A solidão desesperou *Maria* (construção causativa);
 b. *Maria* ficou *desesperada* (construção passiva adjetiva resultativa);
 c. *Maria* gritava meu nome *desesperadamente*.

(MORAES, 2006, p. 1647, ex. (22))

De acordo com Moraes (2006, p. 1648), “isso significa que o advérbio de modo *–mente*, formado a partir da junção de *–mente* mais o *adjetivo resultativo psicológico*, refere-se unicamente à entidade que vivencia a situação psicológica, isto é, ao sujeito da sentença”. Esse fato pode ser evidenciado quando se pode tirar a ambiguidade em sentenças em que há duas entidades [+animadas] e um predicado secundário:

37. a. As mães falavam de suas filhas *aborrecidas*; (interpretação ambígua)
 b. As mães falavam de suas filhas *aborrecidamente*.

A autora conclui seu artigo alertando para o fato de ocorrerem construções com verbos polissêmicos no sentido de admitir ambas as formas, a saber, adjetivos “puros” ou os adjetivos resultativos psicológicos, como nos mostram (38a) e (38b):

38. a. Ofensiva (adjetivo “puro”) – *Maria ofensivamente* respondia as perguntas

¹⁴ Em seu artigo, Moraes (op. cit.) elenca uma série de argumentos interessantes para corroborar sua hipótese de que os advérbios de modo terminados em *–mente* são originários apenas de adjetivos resultativos, como já observamos na discussão acima. Para entender melhor seus argumentos ou para maiores detalhes acerca do exposto, recomendamos a leitura de seu trabalho.

b. Ofendida (adjetivo resultativo psicológico) – Maria *ofendidamente* respondia as perguntas.

Assim, em (38a), percebe-se uma leitura de modo diretamente relacionada ao evento e em (38b) uma leitura de modo resultativa de uma causa anterior ao evento (MORAES, op. cit).

O trabalho de Moraes nos oferece uma dimensão da complexidade que envolve advérbios e adjetivos. De fato, não podemos adjungir *–mente* a um participio qualquer, como em (39).

39. a. A bola estava *furada*;
 a'. *A bola foi arremessada *furadamente*;
 b. Aquele rapaz é *metido*;
 b'. ?Aquele rapaz fala *metidamente*.

Os exemplos supramencionados nos revelam o fato de não poder haver em posição pós-cópula um adjetivo com o sufixo *–mente*, como em (41), ao contrário do que acontece com os predicados oriundos de verbos de mudança de estados psicológicos (40):

40. a. O João gritava meu nome *desesperado*;
 b. O João gritava meu nome *desesperadamente*.
41. a. O João está lento/**lentamente*;
 b. A Maria é sábia/**sabiamente*;
 c. O Pedro parece confuso/**confusamente*;
 d. O Antônio ficou aterrorizado/**aterrorizadamente*.

Os dados de (41) ilustram claramente que se trata de uma *small clause* e, talvez, por isso, não aceitem a forma do adjetivo em *–mente*. Nesse caso, poderíamos apontar como uma restrição causada pela própria configuração estrutural das sentenças copulares¹⁵.

¹⁵ Para uma descrição detalhada das construções copulares no PB, ver Moura (2006, 2007) e Sibaldo (2009).

1.4.3 Processo de conversão dos Adjetivos em Advérbios entre as línguas: uma primeira aproximação

Como poderemos observar nesta subseção, o fenômeno da conversão é bastante produtivo em algumas línguas, enquanto em outras não. No romeno, por exemplo, é o único processo de formação de advérbios dessa língua. Isto é, os poucos advérbios em *-mente* existentes no romeno são empréstimos do francês (Hummel, 2002b, apud Barbosa, 2006), como podemos verificar em (42) abaixo:

42. a. *scrisul frumos*
 “A letra bonita”
 b. *El scrie frumos*
 “Escreve bonito”

Por outro lado, há línguas em que o uso adverbial do adjetivo é mais restrito, como veremos mais adiante no trabalho de Costa (2009) para o português europeu (doravante PE). É pertinente salientarmos o fato de que o PB e o PE, curiosamente, se distanciam com relação ao fenômeno da conversão, enquanto o PB e o inglês têm certas semelhanças. É o que veremos na próxima subseção.

1.4.3.1 O inglês e o alemão

O processo de conversão é bem nítido no inglês, conforme aponta o trabalho de Souza (2010). Algumas comparações podem ser feitas entre esta língua e o português, mesmo sabendo que ambas têm origens diferentes. A fim de ilustrar essa observação, elencamos os exemplos abaixo, todos retirados de Souza (2010), de (43) a (46) para o PB¹⁶ e de (47) a (50) para o inglês:

¹⁶ Além destes, há ainda casos em que o nome atua em função adverbial:

43. Adjetivo em nome:

- a. Os alunos pobres enfrentam tantas dificuldades quanto os alunos *negros*;
- a'. Na verdade, as cotas nas universidades não deveriam ser para os *negros*, mas sim, para os pobres.

44. Nome em Adjetivo:

- a. Os *ursos* pandas estão ameaçados de extinção;
- a'. Tomé Cássio era grosso, de *ursos* ombros. (Guimarães Rosa)

45. Verbo em nome:

- a. Os alunos devem *olhar* para os conteúdos com mais atenção;
- b. Os professores devem direcionar um *olhar* especial aos alunos com dificuldade.

46. Adjetivo em advérbio:

- a. João sempre foi um menino *diferente*;
- a'. João correu *diferente* do que eu esperava;
- b. O professor teve de falar *alto* porque os alunos estavam gritando;
- b'. O professor teve de subir em um patamar mais *alto* para chamar atenção dos alunos;
- c. Fala *sério*!
- c'. Fala *seriamente*!

47. Adjetivo em Nome (pouco produtivo):

- a. She learned from *bitter* experiences;
“Ela aprendeu com as experiências amargas”
- a'. I'd like two pints of *bitter*, please! (tipo de bebida)
“Eu gostaria de dois *quartilhos* de amargo, por favor!”

-
- (i) a. Nado *borboleta*;
 - b. Nado *peito*;
 - c. Nado *cachorrinho*.

Por ora, iremos deixar esses casos excepcionais à parte para futuros trabalhos.

48. Nome em adjetivo:

a. There is a pile of *bricks* to build the wall;
 “Há uma pilha de tijolos para a construção do muro”

a'. It's a *brick* wall;
 “É uma parede de tijolos”

49. Adjetivo em advérbio:

a. He spoke *loud* and *clear*;
 “Ele falou alto e claro”

a'. He spoke *loudly* and *clearly*.
 “Ele falou alto e claramente”

Há casos em que não há a forma adverbial correspondente do mesmo item lexical, nestes casos a forma adjetiva é usada (SOUZA, 2010), ou seja, tanto *fast* quanto *big* correspondem a uma única forma para adjetivos e advérbios:

50. a. He always thinks *big* (informal);
 “Ele sempre pensa grande”

a'. The house is *big*;
 “A casa é grande”

b. They are running *fast*;
 “Eles estão correndo rápido”

b'. He is *fast*;
 “Ele é rápido”

Os dados acima mostram quão produtivo é o processo de conversão tanto no português como no inglês de diversas classes gramaticais.

Alexiadou (1997, p. 198) afirma que, em muitos dialetos do inglês, não há distinção morfológica entre adjetivos e advérbios, como já observamos nos

exemplos (49) e (50). É o caso do holandês também¹⁷. Com relação ao alemão, em (51a), essa autora afirma que “manner adverbs do not carry any affixes and their form is identical to the predicative adjectival form, (51b), which is not inflected”:

51. a. Er ist *klug*;
“Ele é esperto”
b. Er spielt *klug*.
“Ele joga espertamente”

Partindo dos dados sobre o inglês e o alemão, Bowers (1975) propõe que adjetivos e advérbios possuem a mesma estrutura interna, com o afixo *-ly* (-mente) designado quando o AP é dominado por VP. Uma visão similar pode ser encontrada em Emonds (1985) e Radford (1988), onde advérbios são analisados como adjetivos “disfarçados” ou como adjetivos com uma distribuição defectiva (ALEXIADOU, 1997, p. 199). Essas propostas teóricas, de alguma forma, irão subsidiar nossa idéia de que os advérbios formam uma subclasse dos adjetivos, cuja estrutura morfológica será posta em discussão no capítulo 3 desta tese.

Ainda sobre o processo de conversão, Hummel (2002b) advoga em favor da ideia de que esse fenômeno não surgiu em época moderna e constitui-se no tipo de formação mais comum e de tradição oral em todas as línguas românicas, o que o faz supor que esse mecanismo já funcionou em latim vulgar. Por essa razão, deter-nos-emos, na próxima subseção, nos aspectos desta língua no que tange aos adjetivos e advérbios.

¹⁷ A autora não apresenta nenhum dado do holandês.

1.4.3.2 O Latim

De acordo com Pereira (1935) apud (CEZARIO et al, (2009, p. 190), o latim formava advérbios a partir de adjetivos, acrescentando as desinências *-e*, *-er* e *-iter*, além de dar valor adverbial a certos adjetivos no acusativo. Porém, segundo aquele autor, um processo novo desenvolveu-se em português e nas demais línguas românicas na formação de advérbio de modo, a saber, aglutinou-se o nome feminino *-mente* (do latim *mentem* = maneira, intenção) aos adjetivos, que, com isso, passam à forma feminina.

No português arcaico, essa forma já havia sido incorporada como um único vocábulo, como ilustra (52):

52. A uestidura *legeiramente* fazdilycado o corpo riio.¹⁸

(CEZARIO et al, op. cit.)

Adicionalmente, podemos citar também outro processo comum na formação de advérbios no latim. Martelotta e Processy (2006), apoiando-se nos dados de Climent (1945), apresentam casos de adjetivos adverbializados nessa língua, a saber, o nominativo adverbial, constituindo advérbios procedentes de adjetivos, como é possível visualizar no exemplo contido em (53) abaixo retirado de Barbosa (2006):

53. Antonius cedit *prorsus* (predicativo)
 AntônioNOM:masc. anda retoNOM:masc.
 “Antônio anda *reto*”

O elemento destacado acima podia ser empregado na forma de predicativo, concordando em gênero, número e Caso com o sujeito. Contudo, como a noção de circunstância era geralmente expressa por advérbios, esse elemento acabou sendo interpretado também como advérbio, adquirindo assim

¹⁸ O autor, infelizmente, não coloca a glosa do referido exemplo em seu texto.

o significado de *retamente*. Dessa forma, a estrutura sintática passou a ser a seguinte:

54. Antonius cedit *prorsus* (predicativo)
 AntônioNOM:masc. anda retoADV
 “Antônio anda *retamente*”

Essa observação pode ser estendida a outros tipos de construções do latim, por exemplo, aquelas em que há um sintagma feminino ou plural, não alterando a configuração morfológica desse elemento.

55. Mulier *prorsus* cedit.
 MulherNOM:fem. *retamente*ADV anda
 “A mulher anda *retamente*”

56. Homines *prorsus* cedent.
 HomensNOM:masc.:pl. *retamente*ADV andam
 “Que os homens andem *retamente*”

Esses casos poderiam, de antemão, fazer supor que o processo de conversão já havia se iniciado no latim e que, por conseguinte, não seria uma inovação nas línguas atuais como se propõe na literatura. Partindo dessa premissa, Faria (1995) apud (CEZARIO et al, 2009, p. 194), atesta que esse fenômeno já era um caso prototípico de confusão entre duas classes no latim. Aquele autor revela ainda que o próprio termo *adjetivo adverbializado* é problemático, já que “advérbios como *forte* sempre foram advérbios, bem como o verbete *alti*, em (57) no português arcaico, com valor de adjetivo:

57. A ave voa *alti* pare ver longe.
 “A ave voa alto para ver longe”¹⁹

¹⁹ Esse tipo de advérbio ao receber o *-mente* em sua estrutura modifica seu sentido, assim não seria possível derivar (ii) de (i) abaixo:

- (i) A ave voa *alto*;
 (ii) *A ave voa *altamente*;

Ao analisar os advérbios no latim, Pinkster (1972) argumenta que tanto advérbios como adjetivos são formados de um único lexema. Assim,

In *prudens homo* (o homem sábio) the actual form *prudens* can be regarded as the realization of the adjectival lexeme *PRUDENS* inflected for the morphosyntactic categories Case, Number, Gender, actually nominative case, singular number and masculine gender in agreement with *homo*. Similarly, in *prudenter fecit* (agiu sabiamente) *prudenter* could be said to be the realization of a lexeme *PRUDENS* inflected by reason of its standing in a construction with the verbal form *fecit* exemplifying the morphosyntactic category Adverbial. (p. 64)

Percebemos que o morfema *-er*, junto com *-e* e *-iter*, como já havíamos apresentado anteriormente, formam advérbio a partir de uma base adjetival. Nesse caso, o advérbio aqui é considerado, segundo Pinkster (op. cit.), uma flexão do adjetivo. Com base nessa informação, surgem dois questionamentos (i) é possível alargar esse viés de análise para a formação dos advérbios em *-mente*? Isto é, seria *-mente* um morfema que revela a flexão do adjetivo? Essas indagações serão foco do nosso segundo capítulo, cujo objetivo será discutir a natureza desse elemento. Vale destacarmos, porém, que nenhuma das hipóteses analisadas no próximo capítulo sobre a formação morfológica dos advérbios terminados em *-mente* assume esse morfema como flexão.

Ou ainda:

- (iii) O rapaz dança *legal*;
- (iv) *O rapaz dança *legalmente*.

A agramaticalidade de (ii) será retirada se o elemento *altamente* ocorrer em posições típicas de intensificadores, já que, para nossa análise, é esse seu estatuto categórico (LIMA, 2006), fato que pode ser corroborado pelo exemplo abaixo:

- (v) Esse trabalho é *altamente* complexo.

O elemento *legalmente*, por seu turno, possui, em sua estrutura, uma leitura jurídica, como podemos observar em (vi):

- (vi) O detento está *legalmente* acobertado.

1.4.3.3 O espanhol

Martínez (1994), ao tratar dos advérbios e dos adjetivos, afirma que há muitas disparidades entre eles, uma delas é o fato de que advérbios não variam nem em gênero, nem em número, enquanto o adjetivo, sim. Entretanto, há algo muito interessante, segundo essa pesquisadora, que os une: trata-se do *gênero neutro*, manifestado nos adjetivos, que pode confundir-se com a imobilidade genérica e numérica dos advérbios, como nos mostra (58):

58. Fernando llegó *pronto*.
 “Fernando chegou logo”²⁰

Assim, na visão da autora, existe uma dúvida entre se o Fernando chegou *rapidamente* ou *antes da hora*. Para ela, essa confusão desapareceria se o sujeito estivesse no plural ou fosse feminino, como em (59). Outro exemplo interessante, ela cita, seria o que está em (60), em que *mucho* pode ser complemento direto (e, portanto, nome neutro) ou um complemento circunstancial de quantidade, dessa forma, pertenceria à categoria adverbial.

59. Teresa llegó *pronto / pronta*.
 “Teresa chegou logo”

60. Félix Lee *mucho*.
 “Felix lê muito”

(MARTÍNEZ, 1994, p. 15)

Como seria de se esperar, no espanhol há também casos de conversão, nomeado por Martinez (1994) de gênero neutro do adjetivo. Com relação ao PB, em princípio, não teríamos o gênero neutro dos adjetivos. Porém, vale pontuarmos que o fenômeno da conversão nas línguas nos oferece fortes subsídios para argumentarmos em favor da premissa de que os advérbios

²⁰ Tradução nossa.

formam uma subclasse dos adjetivos, uma vez que, como vimos neste capítulo, eles chegam muitas vezes a se confundirem.

Por outro lado, há indícios do PE que podem oferecer contra-argumentos para nossa análise, uma vez que o processo de conversão não é produtivo nesta língua (COSTA, 2009 ms.).²¹ É o que será discutido na subseção seguinte.

1.4.3.4 O português europeu

No que tange à conversão, como veremos a seguir, o PB parece se aproximar mais do inglês do que do PE. Para Costa (2009), analisando os dados do PE, o processo de formação de advérbios por conversão distingue-se da formação de advérbios em *-mente* por não ser produtivo. Com efeito, não é possível, segundo ele, criar advérbios através do processo de conversão.

Costa (2009, p.26, ex. (30)) alerta ainda que nem sempre é possível encontrar casos como os ilustrados em (61), em que o advérbio gerado através desse processo possui sinônimo equivalente para os terminados em *-mente*:

61. a. Ele corre *rápido*;
b. Ele corre *rapidamente*.

Por outro lado, advérbios como *alto* e *altamente* não são sinônimos; aquele tem valor de modo, enquanto este valor de intensificador.²² Pode ainda haver casos de lacuna, ou seja, quando não há correspondência morfológica entre o adjetivo e o advérbio em *-mente*:

62. a. Ele fala *simpaticamente*;
b. *Ele fala *simpático*.

²¹ Agradeço imensamente a João Costa por ter-me, gentilmente, enviado seu trabalho ainda em preparação.

²² Ver nota 19.

63. a. Eles jogam limpo;
b. *Eles jogam *limpamente*.

(COSTA, 2009, p. 26, exs (31) e (32))

Se traçarmos um paralelo entre o PE e o PB no que se refere aos dados acima, poderemos verificar que não há agramaticalidade nos exemplos em (b) para o PB. Em (62b), se adicionarmos um elemento intensificador a frase torna-se gramatical no PB; e (63b), para nossa leitura, é perfeitamente gramatical. É imperativo colocarmos em destaque que não estamos refutando o fato de não haver os chamados *casos de lacuna* no PB, uma vez que (64) e (65) nos mostram claramente esse fenômeno.

64. a. A Maria morreu *tragicamente*;
b. *A Maria morreu *trágico*.

65. a. *A Maria aceitou a proposta *gentil*;
b. A Maria aceitou a proposta *gentilmente*.

Sobre este aspecto, no PE, existem quatro casos possíveis, segundo Costa (2009):

- a) Coexistência de um advérbio adjetival²³ e de um advérbio em *-mente* como o mesmo valor semântico e modificando a mesma classe de constituintes (p. 26, ex. (33)):

66. a. Ela cantou (desafinado/desafinadamente) a ária;
b. Ela fala (claro/claramente);
c. As gazelas correm (rápido/rapidamente).

²³ Nos termos de Costa (2009).

Baseando-se nos exemplos acima, fica claro que não há qualquer diferença de leitura entre o PB e o PE, i.e, todos estes exemplos são possíveis no PB.

b) Coexistência de um advérbio adjetival e de um advérbio em *-mente* com valores semânticos diferentes e modificando classes de constituintes diferentes (op. cit. exs. (34) e (35)):

67. a. Eles saltam (alto/*altamente);
b. Eles são (*alto/altamente) irritantes.

68. a. Ela agora fala-te mais (fino/*finamente);
b. Estas rendas são (*fino/finamente) trabalhadas.

c) Inexistência de um advérbio em *-mente* como contrapartida da forma adverbial adjetival (p. 27, ex. (36)):

69. Este detergente lava mais (branco/*brancamente).

É de se esperar que adjetivos que indicam cor não admitam *-mente* em sua estrutura, ilustrado acima em (69), haja vista que os adjetivos objetivos bloqueiam o morfema *-mente*, conforme Basílio (1998), Alexiadou (1997, p. 227, nota 2), entre outros.

d) Existência da forma adverbial em *-mente* sem contrapartida adverbial adjetival (op. cit. ex. (36)):

70. a. Está a chover (torrencialmente/*torrencial);
b. O Pedro canta o fado (apropriadamente/*apropriado);
c. Eu penso (distintamente/*distinto).

Em (70a), a construção favorece ao bloqueio de *torrencial*, mas em construções copulares o elemento bloqueado é exatamente o advérbio em *-mente*, como já pudemos observar no exemplo (41), aqui repetido em (71).

71. a. O João está lento/**lentamente*;
 b. A Maria é sábia/**sabiamente*;
 c. O Pedro parece confuso/**confusamente*;
 d. O Antônio ficou aterrorizado/**aterrorizadamente*.

Com relação à (70c), consideramos possível a construção, principalmente se colocarmos um PP depois do adjetivo, como em (72) abaixo:

72. Eu penso *distinto* (de você).

Costa (2009, p. 27) expõe que, embora todas as formas adverbiais adjetivais ocorram como advérbios de modo, não parece ser possível estabelecer uma regra que nos permita saber se um determinado adjetivo pode ou não ter um uso enquanto advérbio. Para exemplificar essa observação, esse autor nos oferece os exemplos contidos em (73):

73. a. Eu penso *diferente*;
 b. Eu penso *diferentemente*.

(op. cit., p. 28, ex. (37))

Para ele, não há qualquer diferença entre (73a) e (73b) e, no entanto, apenas *diferente* pode ser um advérbio adjetival. Essa observação é extremamente importante, pois revela que se adotarmos o argumento defendido nesta tese de que os advérbios formam uma subclasse dos adjetivos, poderíamos validar a visão de que temos em um caso um adjetivo com um elemento *-mente*, cuja natureza ainda não sabemos; e, em outro caso, um adjetivo nu (*Bare adjective*, nos termos de Corver, 2005). Nesse último caso,

preferimos afirmar que se trata de uma espécie de forma *default*, em que a base adjetival com o *-mente* seria mais especificado.²⁴

1.4.4 Organizando as ideias

Esta seção nos mostrou o grau de complexidade que está envolvido quando se trata de adjetivos e advérbios no PB, o que fica evidenciado quando também apresentamos dados de outras línguas. Baseados numa tipologia dos adjetivos (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980), verificamos que há outras restrições quanto à formação dos advérbios em *-mente*, além daquelas apresentadas na seção (1.2), em que adjetivos com os traços [+NSN] [+Mod] não podem receber *-mente* em sua estrutura.

Adentrando em uma área mais específica entre adjetivos e advérbio, houve uma primeira tentativa de aproximarmos adjetivos de advérbios, no sentido de defendermos a tese de que advérbios, de fato, formam uma subclasse dos adjetivos no PB ou, pelo menos, os advérbios predicativos, uma vez que há outras estruturas com *-mente*, mas que não são consideradas neste

²⁴ Apesar de o fenômeno da conversão ser apenas um argumento levantado por nós para corroborarmos a análise aqui defendida, a saber, os advérbios são uma subclasse dos adjetivos, muitos questionamentos sobre esse fenômeno surgiram para trabalhos futuros, como:

- (i) É possível estabelecermos contextos estruturais que deem conta da dinâmica morfossintática do fenômeno da conversão;
- (ii) Se sim, quais seriam esses contextos;
- (iii) O que explicaria a variação entre a forma *default* e a forma mais especificada, como vimos acima para o PB, o PE e para o espanhol abaixo:
 - I. El médico habló *bajo* / **bajamente*.
“O médico falou baixo”.
 - II. Eva caminaba *mecánicamente* / **mecânico*.
“Eva caminhava mecanicamente”
 - III. El Joan treballa *dur* / *durament*
“O João trabalha duro”

(BARTRA; SUÑER, 1997, pp. 9-10)

Sabemos que para analisarmos com mais cuidado esse fenômeno, é preciso levarmos em consideração outros fatores envolvidos como o tipo de verbo, o contexto estrutural, o tipo de advérbio, o tipo de adjetivo, o aspecto.

trabalho, como vimos na introdução deste capítulo, a saber: os intensificadores, focalizadores e dêiticos²⁵ que, por sua vez, não compartilham a mesma dinâmica morfossintática dos advérbios que participam do processo de conversão.

De qualquer sorte, tentamos levantar mais problemas do que propriamente oferecer modelos de análises, com o intuito de evidenciarmos a natureza complexa que envolve essas duas classes de palavras.

Mais adiante, depois de apresentarmos o fenômeno da conversão em diversas línguas, alguns questionamentos surgiram das discussões levantadas, entre eles o que faz com que uma estrutura admita a forma *default* do adjetivo ou a forma mais especificada em *-mente*.

1.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Esse capítulo torna-se de grande importância para o progresso desta tese, pois revela alguns segredos existentes entre os adjetivos e os advérbios, revelações estas que nos impulsionam a tentar buscar uma análise que contemple a sua dinâmica morfossintática.

É sabido que, em diversas línguas, os advérbios são formados a partir de um elemento *-mente*, para o PB, *-ment*, para o francês, *-weise*, para o alemão etc, que se adjungem a uma base adjetival. Em muitas situações, o adjetivo ocorre em posição predicativa com valor substancialmente de advérbio, (78), o que nos leva a crer que o advérbio pode formar uma subclasse dos adjetivos, quiçá os advérbios de modo.

²⁵ Por outro lado, Lima (2006, p. 61, exs. (56)-(58)) demonstra que os elementos locativos (dêiticos) possuem também um estatuto sintático interessante, como podemos verificar em (i), (ii) e (iii), em que o sentido entre locativo e não-locativo muda de acordo com o seu posicionamento na sentença.

- (i) Eu *lá* compro roupa velha (*LOCATIVO/NÃO-LOCATIVO)
- (ii) Eu compro *lá* roupa velha. (LOCATIVO/NÃO-LOCATIVO)
- (iii) Eu compro roupa velha *lá*. (LOCATIVO/*NÃO-LOCATIVO)

É interessante observar que esses dados ratificam a análise de Jackendoff (1972), cuja proposição é a de que advérbios em posição de auxiliar têm leitura ambígua.

74. A Joana fez *rápido* seu trabalho.

No romeno, por exemplo, a conversão é o único processo de criação de advérbios. Os poucos advérbios em *-mente* que há nesta língua são oriundos do francês. De fato, podemos destacar que tais elementos parecem desfrutar das mesmas características morfossintáticas. Porém, ainda é cedo para afirmarmos com convicção que se trata de uma mesma categoria, como defendem Alexiadou (1997), Radford (1988), Adger, (2004), entre outros; ou não, como aposta Costa (1994, 2009). Precisamos de mais evidências empíricas para assumirmos tal proposição. Assim, esse será nosso objetivo no próximo capítulo.

Ao final deste capítulo, deparamo-nos com alguns questionamentos interessantes, baseados nos exemplos (75), (76) e (77) abaixo:

75. Ela corre *rápido/rapidamente*;

76. Eles pensam **mecânico/mecanicamente*;

77. Está chovendo **torrencial/torrencialmente*

Com base nos dados acima, poderíamos perguntar: *por que em algumas ocasiões podemos ter ambas as formas e em outras apenas uma? A priori, ainda não dispomos aqui de uma análise que ofereça uma resposta.* (cf. nota 24)

CAPÍTULO 2

2. A CONSTITUIÇÃO MORFOLÓGICA DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

2.1. INTRODUÇÃO

Os advérbios constituem, atualmente, um excelente campo de investigação nas teorias sintáticas, uma vez que podem ser uma rica fonte de diagnóstico para as análises que lidam com movimento de categorias nas línguas naturais (POLLOCK, 1989; TAVARES SILVA, 2004, entre outros). Entretanto, é imperativo destacarmos que a natureza morfológica dessa categoria, no que se refere à Morfologia Distribuída² (DM, do inglês *Distributed Morphology*), é muito pouco explorada³, embora encontremos trabalhos interessantes em outras perspectivas (TORNER, 2005; COVER, 2005, entre outros).

Assim, não é incoerente sublinharmos o fato de que o advérbio tem-se configurado, durante o passar dos anos, como uma área que propicia muitas discussões e que, muitas vezes, não há consenso quanto a sua natureza, seja morfológica, semântica ou sintática, devido ao fato de ser justamente uma categoria extremamente heterogênea, tendo em vista que esse rótulo abarca diversas palavras com diferentes estruturas (vide capítulo 1). Uma delas é o advérbio terminado em *-mente*, cuja configuração morfológica será posta em discussão neste capítulo.

¹ Agradeço ao Prof. Aldir Santos de Paula pela leitura cuidadosa deste capítulo, bem como suas interferências e correções. Os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

² Os pressupostos da Teoria da Morfologia Distribuída serão apresentados no capítulo 3 desta tese. Por ora, deixemos de lado essa discussão, haja vista que não é relevante para o desenvolvimento e compreensão deste capítulo.

³ Heidi Harley (comunicação eletrônica) afirma que não há trabalhos que tomem, especificamente, os advérbios em *-mente* como objeto de análise na perspectiva da DM.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: de início, na seção (2.2), apresentaremos uma discussão sobre a tentativa das gramaticais tradicionais (doravante GT) em classificar/delimitar a classe dos advérbios e, assim, elencaremos uma série de definições. O nosso objetivo, com isso, é expormos que tal categoria parece não possuir, como já observamos, uma uniformidade quanto ao seu comportamento morfossintático e semântico.

Partindo desse pressuposto, procuraremos, na seção (2.3), estabelecer o limite que separa os adjetivos dos advérbios, levantando uma série de argumentos empíricos em favor dessa ideia. Assim, iremos apresentar a assunção de que, por um lado, a morfologia tem papel fundamental nessa separação. Por outro lado, fatores sintáticos também serão postos em análise. Assumiremos que a produtividade dos advérbios em *-mente* está diretamente ligada à produtividade do adjetivo. Corroboraremos essa premissa, apresentando dados de uma língua africana.

Na seção (2.4), colocaremos em debate a estrutura interna dos advérbios em *-mente*, procurando responder a seguinte indagação: (i) qual é a natureza de *-mente*? Estabelecido, na seção (2.3), o pressuposto de que advérbios formam uma subclasse dos adjetivos, resta-nos agora saber o que é esse *-mente*. Para isso, tomaremos como ponto de partida, os trabalhos de Zagona (1990); Piera e Varela (1999) e Torner (2005). Esses três trabalhos diferem respectivamente quanto às propostas de analisar *-mente* ou como um composto, ou como um afixo derivacional ou, ainda, com um afixo derivacional frasal. Destacaremos que nenhuma das tentativas parece ser satisfatória. Apresentaremos na seção (2.5) as conclusões do capítulo.

2.2. O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

A significação que as GTs fazem em relação ao advérbio dá-lhe a impressão de certa uniformidade. Como forma de elucidar essa afirmação, elencamos algumas definições:

1. “Advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial” (BECHARA, 2004, p. 287);
2. “É toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até mesmo, o próprio advérbio” (ALMEIDA 2001, p. 316);
3. “É o vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio” (SAID ALI, 1964, p. 183);
4. “São palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade” (CUNHA, 1986, p. 499).

Para definir os advérbios, alguns manuais de gramática ainda se utilizam de três critérios: palavra invariável (morfológico), modificador do verbo, adjetivo e advérbio (sintático), palavras que exprimem circunstância (semântico). A partir disso, podemos perceber o grau de complexidade dessa categoria de palavras.⁴

É relevante observarmos que essa aparente uniformidade não acontece na língua em seu uso real, pois muitos advérbios fogem às regras pré-estabelecidas nas GTs. Podemos, por exemplo, citar o advérbio *menos* em construções do tipo:

5. Tem *menas* pessoas hoje na festa.

ou o advérbio *meio* em (6):

6. Ela está *meia* cansada.⁵

⁴ Para corroborar essa afirmação, Ian Roberts (comunicação pessoal) alerta que a categoria advérbio se configura como um problema para os estudos linguísticos, uma vez que é difícil definir seu lugar entre as categorias canônicas existentes, a saber, *nome, verbo, preposição e adjetivo*.

⁵ Cezario et al (2009, p. 191) afirma que é comum a cópia dos traços típicos da morfologia de adjetivo. Segundo eles, Camões usava a forma, resultando no exemplo (6). Ainda de acordo com eles, Camões usava a forma flexionada de *meio*. “Em linguagem literária do romantismo e do modernismo, esse uso não é incomum, conforme (i), (ii) e (iii):

Assim, contraria, dessa forma, o critério morfológico do advérbio, que é o de ser, segundo as GTs, uma categoria invariável, ou seja, que não pode ser flexionada.

Ilari et al (2002, p. 61) explicam que esses advérbios são percebidos como adjetivo por atuarem no sintagma nominal, concordando com o nome. Os autores alertam ainda que “[...] as classes de palavras devem ser entendidas não como recortes categóricos do léxico, e sim como um conjunto de pontos nítidos separados uns dos outros por faixa sem nitidez”. Essa afirmação resume bem aquilo que foi discutido no primeiro capítulo desta tese.

O problema da classificação também se evidencia pelo fato de não ter o advérbio uma definição clara e que abarque todas as possibilidades de ocorrência, prova disso é que até o próprio gramático tem dificuldades em classificar essa categoria, de acordo com Bechara (2004, p. 290):

Constituindo o advérbio uma classe de palavras muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo anteceder-lo ou vir-lhe posposto. [...]

Isso evidencia o fato de que alguns autores, entre eles, Macambira (1970), procuram definir o advérbio sob os aspectos mórficos, sintáticos e semânticos, separadamente. Porém, não é só o caráter sintático do advérbio que oferece dificuldades de classificação, mas também seu aspecto semântico. Assim, Mattoso Câmara (s/d) *apud* Bechara (2004) alega que “perturba a descrição e a demarcação classificatória a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios”. Por seu turno, Neves (2000) acrescenta que:

-
- (i) Huns caem *meios* mortos. (*Os Lusíadas*)
 - (ii) A virgem *meia* suspensa, a rosa *meia* oculta. (G. Dias)
 - (iii) ...rompendo nessas palavras *meias suspiradas*... (M. de Assis)

Na prática, o gramático defronta-se com inúmeros exemplos em que aqueles critérios (morfológico e sintático) levam a classificações conflitantes; e às dificuldades da aplicação dos próprios critérios a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconsequente, decorrente em grande parte da tentativa de associar de maneira constante à palavra certas propriedades que se confirmam apenas para algumas de suas ocorrências.

Desse modo, observamos que, ao classificar e distribuir os advérbios em quadros, a saber, *de modo, intensidade, dúvida* etc., a GT, de certa forma, deixa de abarcar outras possibilidades de um mesmo vocábulo exprimir diversas circunstâncias em contextos diferentes ou, até mesmo, apresentar uma função diferente, como é o caso da palavra *agora*, classificada pela gramática como advérbio de tempo, mas que tem a função, em alguns contextos, de conjunção, como em (7):

7. Vou fazer a prova, *agora* não estudei.

Portanto, não seria fato inédito afirmarmos que os advérbios não encontram lugar pacífico nos manuais de gramática, bem como uma definição que contemple todas as possibilidades de ocorrência, talvez, pelo fato de se inserirem nesse rótulo diversas palavras que, em muitos casos, não o são (MACAMBIRA, 1970; TRAVIS, 1988; ALEXIADOU, 1997; ILARI, 2002; LIMA, 2006, 2007, 2008).

Rochette (1991) corrobora a ideia de que os advérbios se caracterizam como uma categoria demasiadamente heterogênea:

Entre as diferentes categorias gramaticais, a do “Advérbio” é sem dúvida a que reúne sob uma mesma etiqueta o maior número de elementos dotados de características muito variadas. Contrariamente ao que a denominação “Advérbio” deveria deixar entender, é frequente verem-se atribuídos a esta categoria não só a classe dos elementos que modificam o Verbo, mas também as dos Advérbios de oração, de tipo ilocutório, dos de grau etc.

O acima exposto nos oferece a dimensão do problema que a categoria advérbio oferece às análises que se baseiam em classificação. É pertinente salientarmos que comungamos da ideia de que é sempre muito complicado classificar qualquer categoria, uma vez que é preciso considerar critérios bem

fundamentados e dados empíricos que comprovem tal tentativa. Sabendo-se disso, buscaremos, na próxima seção, propor, seguindo os argumentos de vários linguistas, que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos.⁶

2.3. ADVÉRBIOS E ADJETIVOS: O LIMITE DA FRONTEIRA

2.3.1 Características sintáticas

Muitos linguistas assumem que o advérbio nada mais é do que uma subclasse dos adjetivos (ABNEY, 1987; RADFORD, 1988; ADGER, 2004, ALEXIADOU, 1997, entre outros)⁷. Para Radford (1988), essa assunção mostra-se verdadeira no sentido de que, quando novos adjetivos são criados/introduzidos em uma determinada língua, novos advérbios também são criados a partir desses adjetivos, acrescentando-lhes, para tanto, a forma *-ly*. Ainda para esse autor, outra característica que mostra os advérbios e os adjetivos estarem em um mesmo rol é o aspecto sintático, isto é, esses elementos estariam em distribuição complementar em uma determinada sentença, como nos mostra (8) para o inglês:

8. a. Her decision was *independent* of mine. (Adj)
 “Sua decisão foi independente da minha”
 b. She decided *independently* of me. (Adv)
 “Ela decidiu independentemente de mim”

(RADFORD, 1988, p. 139)

⁶ Segundo Heidi Harley (comunicação eletrônica), não há nenhuma distinção fundamental, exceto morfológica, entre advérbio e adjetivo.

⁷ Para uma abordagem que assume os advérbios semelhantes às preposições, ver Jackendoff (1972); Lemle (1982).

Corver (2005) argumenta que uma identificação da natureza adjetival dos advérbios explica o fato de que podem ser especificados pela mesma classe de elementos de grau como *so*, *too*, *how*, *very*, *less*.

12. a. John is [so quick]
 “John é muito rápido”
 b. John ran [so quickly]
 “John corre muito rapidamente”
13. a. This is [very easy]
 “Isto é muito fácil”
 b. John found his way [very easily]
 “John descobriu este caminho muito facilmente”
14. a. [How quick] is she?
 “Quão rápida ela é?”
 b. [How quickly] did she run?
 “Quão rapidamente ela corre?”
15. a. John is [less careful than Bill is]
 “John é menos cuidadoso do que Bill”
 b. John opened the box [less carefully than Bill did]
 “John abriu a caixa menos cuidadosamente do que Bill”
- (CORVER, 2005, p. 1)

Ainda para o inglês, o *status* adverbial do adjetivo é corroborado pelo fato de que, em muitas variedades dessa língua, é possível realizar o advérbio⁸ de modo como adjetivo nu⁹ (CORVER, 2005):

⁸ Alguns linguistas chamam esse elemento de *zero adverbs* (TRUDGILL, 1990). Outros linguistas, por sua vez, argumentam que não são advérbios, mas sim adjetivos propriamente ditos (LOBATO, 2005).

⁹ Em inglês, *bare adjective*.

16. a. You pronounced that word *wrong*.
 “Você pronunciou aquela palavra errado”
- b. He drove dead *slow* round the corner.
 “Ele dirigiu lento ao virar à esquina”
- c. Don’t talk so *loud*!
 “Não fale tão alto”
- d. Come *quick*!
 “Venha rápido”
- e. She took me home again very *quick*.
 “Ela me trouxe para casa muito rápido”
- f. I beat them *easy*.
 “Eu bati neles fácil”
- g. He ran *quick*.
 “Ele correu rápido”
- h. He writes *bad*.
 “Ele escreve mal”
- i. They answered *wrong*.
 “Eles escreveram errado”
- j. She speaks very *clever*.
 “Ela fala muito inteligente”
- k. Bring it here *quick*
 “Traga-o aqui rápido”
- l. You’re doing that a bit too *slow*.
 “Você está fazendo isso um pouco lento”
- m. She was talking very *quiet*.
 “Ela estava falando muito calmo”
- n. He done it *good*.
 “Ele o fez bem”

No que tange ao PB, podemos corroborar o argumento acima, uma vez que também se podem obter sentenças como em (17), (18):

17. a. O preso fugiu *rápido* da cidade.

- b. O preso fugiu *rapidamente* da cidade.
 - c. #O preso *rápido* fugiu da cidade.
 - d. O preso *rapidamente* fugiu da cidade.
- 18.
- a. O defunto foi enterrado *rapidamente*.
 - b. O defunto foi enterrado *rápido*.
 - c. O defunto *rapidamente* foi enterrado.
 - d. *O defunto *rápido* foi enterrado.

Em (17), percebemos que tanto o advérbio quanto o adjetivo adverbializado podem ser licenciados na posição pré-verbal. Entretanto, em (17c), o adjetivo possui uma interpretação diferente em relação a (18d), pois esta pode ser parafraseada da seguinte forma: *O preso, de modo rápido, fugiu da cidade*, enquanto aquela parafraseia-se como: *dentre uma gama de presos, o mais rápido fugiu da cidade*. A mesma observação pode ser alargada para a sentença em (18d), entretanto, por restrições semânticas, esse exemplo é agramatical, uma vez que não é possível parafrasear da seguinte forma: *dentre uma gama de defuntos, o mais rápido foi enterrado*.

É pertinente salientarmos que os exemplos acima poderiam figurar-se como contra-exemplos a nossa proposta de abarcar os advérbios na classe dos adjetivos, haja vista que o adjetivo empregado na posição pré-verbal claramente toma como escopo o DP (do inglês *Determiner Phrase*) sujeito, diferentemente do advérbio, que toma como escopo o evento de fugir. Porém, os adjetivos em destaque podem assumir uma leitura de advérbio de modo se estiverem no diminutivo¹⁰, como se observa em (20):

- 19.
- a. O preso *rapidinho* fugiu da cidade.
 - b. O defunto *rapidinho* foi enterrado.

¹⁰ Agradecemos à Ana Paula Scher (comunicação pessoal) pela observação feita acerca desse tipo de construção.

Essa assunção pode ser confirmada na medida em que (20b) não possui mais incompatibilidade semântica, tendo em vista que *rapidinho* refere-se agora ao evento e não ao DP sujeito.

É imperativo aqui pontuarmos o fato de que os adjetivos adverbializados parecem todos admitirem o morfema de grau, como podemos verificar nos exemplos que seguem:

20.
 - a. O João estudou a lição *direitinho*;
 - b. A Maria sai da sala *rapidinho*;
 - c. O Marcelo fala (bem) *lentinho*;
 - d. O Daniel correu *retinho* para o quarto;
 - e. A Maria canta (tão) *esquisitinho*;
 - f. Ele fala (até) *fortinho* pra sua idade;
 - g. A Joana canta *legalzinho*;
 - h. Ela escreve *apagadinho*.

Uma outra característica morfossintática relevante é a conversão que já foi demasiadamente apresentada no capítulo 1. Assim, todos os indícios até então estudados e discutidos nos levam a crer que estamos nos aproximando de corroborar nossa hipótese, a saber, de que advérbios formam uma subclasse dos adjetivos. Por isso, evidências adicionais serão discutidas na próxima subseção.

2.3.2. Características morfológicas

Como já fora exposto, Radford (1988) observa que novos adjetivos inseridos numa determinada língua podem também ter correspondentes adverbiais. Assim, é pertinente observarmos que há uma relação muito estreita entre o advérbio e o adjetivo em muitas línguas através da adição de *-mente* em português e espanhol, *-ly* em inglês, *-ment* em francês, *-weise* em alemão

etc. Esse tipo de morfema parece se apresentar regularmente nas línguas naturais¹¹, de acordo com os exemplos abaixo:¹²

21. Norueguês:

- a. [Held]*igvis* “felizmente”
- b. [Tydel]*igvis* “evidentemente”
- c. [Sannsynl]*igvis* “provavelmente”

22. Serbo-croata:

- a. [Iske]*no* “francamente”
- b. [Očigled]*no* “evidentemente”
- c. [Inteligent]*no* “inteligentemente”

23. Chinês:

- a. [Xiar]*an* “evidentemente”
- b. [Yib]*an* “geralmente”
- c. [Wanqu]*an* “completamente”

24. Albanês:

- a. [Sinqer]*isht* “sinceramente”
- b. [Mjer]*isht* “infelizmente”
- c. [Tërës]*isht* “completamente”

Ainda, em algumas línguas não há distinção morfológica entre o advérbio e o adjetivo. No alemão, por exemplo, como visto no capítulo anterior, o

¹¹ Em grego moderno, interessante, há, segundo Alexiadou (1997), alguns casos em que o sufixo –os (-mente) é diferente de –a (-mente) no sentido de que os advérbios em –a têm leitura de modo, em (i), enquanto os advérbios em –os têm leitura de advérbio sentencial, como em (ii):

- (i) Zi *ikonomika*.
“Ela/Ele vive *economicamente*”
- (ii) *Ikonomikos*, den pame kala.
Financeiramente NEG ir-1PL bem.
“*Financeiramente* falando, nós não vamos bem”.

¹² Todos os exemplos foram coletados de Cinque (1999).

advérbio de modo, em (25), não carrega nenhum afixo e sua forma é idêntica ao predicativo adjetival, como mostra (26):

25. Er ist *klug*
“Ele é inteligente”

26. Er spielt *klug*
“Ele joga inteligentemente”

Torna-se pertinente salientarmos, com base no exemplo do alemão acima, que não é fácil distinguir morfologicamente, apenas sintaticamente essas duas classes de palavras, principalmente quando se trata de adjetivo em posição típica de advérbio, através da conversão. Estes fatos só fazem reforçar nossa hipótese.

2.3.2.1 Balanta (FUDEMAN, 2004): evidência adicional

Até aqui oferecemos uma série de argumentos favorecendo a ideia de que os advérbios devam ser considerados uma subclasse dos adjetivos, ilustrando, por exemplo, línguas como o inglês e o português, que são ricas em adjetivos, conseqüentemente, ricas também em advérbios pela adição de *-ly*, naquela língua, e *-mente*, nesta outra¹³. Por outro lado, podemos também citar o Balanta que, assim como muitas línguas africanas, possui um conjunto limitado de adjetivos. Desse modo, é esperado que tal língua não possua advérbios. E, de fato, Fudeman (2004) afirma que, virtualmente, não há advérbios nessa língua.¹⁴ Partindo então desse pressuposto, essa constatação nos oferece argumento adicional na tentativa de considerar o advérbio subclasse dos adjetivos.

¹³ Dixon (1982) já observava que enquanto as maiores classes de palavras *Nomes* e *Verbos* ocorrem em todas as línguas, outras classes, como *Adjetivo* e *Advérbio*, não são universais.

¹⁴ Os advérbios que existem são modificadores temporais tais como: *so* ‘ontem’, *wammo* ‘agora’, *gai* ‘rapidamente’ sempre analisados como advérbios de VP e que para nossa análise não devem ser considerados advérbios de fato, são apenas elementos dêiticos (ver capítulo 1).

Curiosamente, “os falantes dessa língua devem sempre utilizar outra estratégia para realizar noções que tipicamente seriam expressas por adjetivos em uma língua como o inglês” (FUDEMAN, 2004, p. 117). Essas estratégias incluem o uso de verbos intransitivos; nomes como *nduulu* ‘um pouco’ ou *ndaani* ‘muito’ para traduzir noções como *vagarosamente/gentilmente/raramente* ou *alto*¹⁵/*frequentemente*; e PPs como *ɲgi* ‘com’, tal como *ɲgi nafa*, literalmente, ‘com prazer’, ou seja, prazeroso.¹⁶ O exemplo em (27) ilustra como, nessa língua, o PP destacado é usado para se referir a uma leitura adjetival (FUDEMAN, 2004).

27. saa ma alama wɔmu gi ɲgi gunu
 Cobra DEF rei comer-PASS COP com veneno
 “A cobra que o rei comeu era venenosa”

Fudeman (op. cit.) acrescenta ainda que outra estratégia utilizada pelos falantes dessa língua é a utilização de ideofones, em (28), o que, crucialmente, compensaria a virtual falta de advérbios nessa língua, devido à pobreza também de adjetivos.

28. agio adete, ma ahit mbuta ma, *bɪɲ* !
 “Ele estava correndo, e ele bateu na criança, *bum!*”

Como observamos, o ideofone *bɪɲ* (bum!) serve para expressar a noção de força, que em português poderia ser traduzido, nesse contexto, pelo advérbio *fortemente*, assim como também no inglês poderia usar *forcefully*.

Em suma, o que se tentamos, nesta seção, foi fornecer argumentos e dados empíricos que evidenciassem a postulação de que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos. Essa premissa nos fornecerá embasamento suficiente para nossas próximas seções, haja vista que teceremos algumas considerações acerca da estrutura interna dos advérbios terminados em *-mente*.

¹⁵ *Loudly* no original.

¹⁶ *Pleasant* no original.

Com base no que já foi discutido, a seguinte pergunta pode surgir, levando-se em consideração o título que abre essa seção: Qual é então o limite da fronteira que divide advérbios dos adjetivos? Em outras palavras, o que difere o adjetivo do advérbio? Radford (1988) alega que poderíamos chamar advérbio de *adverb* e o adjetivo de *adjective*, tendo em vista que são categorias muito próximas. Com isso, assumimos a premissa de que a linha tênue que separa essas duas categorias parece ser a sua constituição morfológica¹⁷.

2.4 A ESTRUTURA INTERNA DO ADVÉRBIO: A NATUREZA DE *-MENTE*

Como ficou constatado, o advérbio nada mais é do que um adjetivo acrescido de um morfema *-mente*. À primeira vista, parece trivial assumirmos essa assunção, entretanto, não está esclarecida na literatura qual a natureza desse morfema.

Por um lado, alguns linguistas analisam o advérbio em *-mente* como uma forma que entra em composição com o adjetivo (ZAGONA, 1990), por outro lado, há linguistas que o assumem como participante de uma derivação morfológica (PIERA e VARELA, 1999). Há outros pesquisadores ainda que afirmam ser o processo pelo qual passa esse tipo de advérbio de afixação derivacional frasal (TORNER, 2005).

Assim, mostraremos algumas abordagens sobre a natureza morfológica dos advérbios em *-mente* para o espanhol, partindo do pressuposto de que essa língua se aproxima do PB¹⁸. Em outras palavras, esta seção tem como objetivo principal analisar criticamente as propostas teóricas aqui apresentadas.

¹⁷ É importante colocarmos em destaque que estamos apenas levando em consideração os advérbios com terminação em *-mente*. Sabemos, pois, que há outros tipos de advérbio, cuja constituição morfológica não possui *-mente*. Talvez, se considerarmos os advérbios existentes nas línguas naturais só aqueles que terminam em *-mente*, metade dos problemas seria resolvido, haja vista que teríamos uma forma morfológica regular para essa categoria, entretanto, não é isso que se observa na prática. Por essa razão, não faz parte do escopo desse trabalho, como já foi observado no capítulo 1, advérbios que não possuam essa configuração morfológica.

¹⁸ É importante salientarmos que não encontramos muitos trabalhos sobre a estrutura interna dos advérbios em *-mente*, aqueles que pudemos ter acesso são tentativas de análise para o espanhol

2.4.1 Estrutura de Constituintes: Lyons (1987) [1981]

Lyons (1987) [1981] procura examinar o aspecto da estrutura de constituinte, adotando como base da gramática o *morfema*¹⁹ e partindo de um ponto de vista distribucional que, segundo este pesquisador, é característico dos períodos mais recentes da linguística pós-bloomfieldiana²⁰. De acordo com Lyons (1987) [1981], na linguística pós-bloomfieldiana, a gramática se subdividia em morfologia e sintaxe, em que aquela dava conta da estrutura interna das formas vocabulares, enquanto esta dava conta da distribuição destas em todas as sentenças bem formadas da língua. Todavia, Lyons (1987) [1981] afirma que a morfologia é em si um tipo de morfologia sintática, isto é, “aplicava à análise gramatical das palavras os mesmos princípios que à análise sintática de unidades maiores como sintagmas e sentenças” (p. 117).

O que Lyons (1987) [1981] constata com relação ao abandono da distinção morfologia e sintaxe pode ser observado no trecho abaixo:

A sintaxe tornou-se o estudo da distribuição dos morfemas (e não das formas vocabulares²¹); e as formas vocabulares passaram a ser não mais simplesmente unidades puramente sintáticas, mas unidades que (com o contorno prosódico adequado) poderiam servir de enunciados mínimos e, em determinadas línguas, de âmbito para certos traços fonológicos supra-segmentais. Essencialmente é este o ponto de vista adotado, como parte da herança pós-bloomfieldiana, pela gramática gerativa de Chomsky (p. 118).

Poderíamos, logicamente que guardadas as devidas ressalvas, comparar a citação acima com o que se propõe em DM, ou seja, assumir que o mecanismo que gera/compõe sentenças é o mesmo mecanismo que gera as

¹⁹ O conceito de morfema para Lyons será dado adiante e difere daquele que trataremos no capítulo 3 e capítulo 4 desta tese, uma vez que nesses capítulos, o morfema será encarado como um complexo de traços de dois tipos, fonológicos e gramatical / sintático-semântico, inseridos num inventário de nós sintáticos divididos em *morfemas abstratos* e *Raízes* (cf. EMBICK e NOYER, 2005, p. 5). Harley e Noyer (1999), por sua vez, conceituam morfemas em termos de *f-morfemas* e *l-morfemas*.

²⁰ O termo *linguística pós-bloomfieldiana*, usado por Lyons (1987) [1981], se refere especialmente ao Gerativismo. Entretanto, manteremos o termo original para evitar ambiguidades.

²¹ *Palavras*, nos termos de Lyons (1987) [1981].

estruturas interna das palavras. Nesse sentido, segundo Lyons (1987) [1981], a sintaxe conseqüentemente teria sua definição ampliada.

Antes de expormos a estrutura que Lyons (1987) [1981] apresenta para a constituição morfológica dos advérbios em *-mente*²², é interessante observarmos o que esse autor revela sobre o conceito de **forma livre** e **forma presa** e de sua aplicabilidade na construção de palavras.

2.4.1.1 Forma livre, forma presa e os advérbios e adjetivos em *-ly* (-mente)

De acordo com o que assevera Lyons (1987, p. 118) [1981]:

as palavras podem ser representadas como cadeias de um ou mais morfemas: morfemas sendo formas mínimas; e as palavras sendo, na definição bloomfieldiana (embora só parcialmente satisfatória) clássica *forma livre mínima* (ou seja, formas que não consistem totalmente de formas livres menores).

Esse autor acrescenta ainda que a oposição de uma forma livre a uma forma presa se dá na medida em que aquela pode ocorrer, acompanhada do contorno prosódico adequado, na condição de enunciado (embora não necessariamente de sentenças) em algum contexto normal de uso. Para elucidar essa afirmação, Lyons (1987) [1981] ilustra o exemplo *cat* (gato), que é tanto morfema (por ser forma mínima) quanto palavra (por ser forma livre); já *cats* (gatos) não pode ser considerado morfema, uma vez que é composto de duas formas mínimas, *cat* e *s*, porém é uma palavra, mesmo *cat* sendo forma livre e *s* não.

Outro exemplo que Lyons (1987, p. 118) [1981] utiliza para ilustrar a diferença entre formas livres e formas presas é o termo *unfriendliness*²³ (não-

²² O autor apresenta, como veremos, uma estrutura baseada nos exemplos do inglês.

²³ Como veremos no capítulo 4, esse exemplo é bastante interessante do ponto de vista de sua estrutura interna, haja vista que é possível para essa língua a concatenação de mais um morfema acima do morfema *-ly*, fato que para o PB seria impossível, como mostra (i) abaixo:

(i) a. *infelizmente[ado]

propensão à amizade), palavra composta de quatro morfemas, *un –friend-ly-ness*; delineada por Lyons (1987, p. 118) [1981] em (29), todos eles, à exceção de *friend*²⁴, são formas presas.

29.[prefixo de negação-amigo (substantivo)-sufixo formador de adjetivos-sufixo formador de substantivo].

Com relação à formação *friend-ly*, Lyons (1987) [1981] destaca que no inglês é um processo moderadamente produtivo, pelo qual os adjetivos derivam dos substantivos, ou melhor, da subclasse, digamos N_c , através da sufixação de *-ly*. Com base nisso, Lyons (1987, p. 120) [1981] apresenta a seguinte regra: atribui-se arbitrariamente o rótulo A_x ao conjunto de formas que resulta na sufixação de *-ly* aos membros da classe formal N_c . Assim obtemos:

30. $N_c + -ly \rightarrow A_x$

-
- b. *felizmente[*inho*]
 - c. *amigavelmente[*oso*]
 - d. *rapidamente[*cão*]

Pode-se afirmar que o contrário é possível, isto é, *-mente* pode ser alocado, mesmo que raramente, no final de algumas palavras, como podemos verificar nos dados em (iii) abaixo. Como podemos observar, *-mente* parece ser a última instância na estrutura interna de uma palavra no PB.

- (ii) a. Derrepente[*mente*]
- b. Apenas[*mente*]
- c. Muitíssima[*mente*]
- d. Contente[*mente*]

Entretanto, o que acontece de fato é que, no inglês, o morfema *-ly*, além de um elemento formador de advérbios, quando adjungindo a bases adjetivais, como em (ii), também é usado para formar adjetivos, adjungindo-se a bases nominais, como em (iv):

- (iii) a. Slowly (vagarosamente)
- b. Completely (completamente)
- c. Frankly (francamente)
- d. Calmly (calmamente)
- (iv) a. Friendly (amigável, afável)
- b. Manly (forte, brioso)
- c. Womanly (feminino, próprio de mulher)

²⁴ Numa Teoria mais recente, por exemplo, a DM trataria essa forma livre de l-morfema ou Raiz (cf. Pesetsky, 1995)

Lyons (1987) [1981] acrescenta ainda que a notação supracitada indica que todas as formas da subclasse N_c são inter-substituíveis pelo menos nos contextos cobertos por essa regra. Por conseguinte, os membros da subclasse A_x são intercambiáveis nos contextos cobertos por outras regras dispostas abaixo.

$$31. \quad A_x + \text{ness} \rightarrow N_a$$

e também

$$32. \quad \text{un} + A_x \rightarrow A_x$$

Tomando como base, por exemplo, (30), então obtemos a seguinte regra: para todo e qualquer N_c [adjetivo e nome] concatenado ao elemento $-ly$ (-mente) seja igual a um A_x [advérbio ou adjetivo], no inglês. *A priori*, essa formulação parece dar conta da estrutura interna dos advérbios em $-mente$, como nos mostram os exemplos em (33), para o inglês, e (34), para o PB, abaixo:

33. a. Loud $-ly$ (alto, no sentido de ruidoso)
 b. Complete $-ly$ (completamente)
 c. Slow $-ly$ (vagarosamente)
 d. Intelligent $-ly$ (inteligentemente)
 e. Beautiful $-ly$ (belamente)
 f. Quiet $-ly$ (silenciosamente, discretamente)

34. a. Inteligente $-mente$
 b. Facil $-mente$
 c. Consequente $-mente$
 d. Inutil $-mente$
 e. Similar $-mente$
 f. Amavel $-mente$

É pertinente destacarmos, entretanto, que a regra²⁵ sugerida por Lyons consegue dar conta dos exemplos em inglês, e parcialmente em português também, desde que não levemos em consideração os aspectos flexionais que esta última apresenta. Assim, em inglês, os adjetivos não possuem morfemas de gênero, podendo, pois, obedecer à configuração proposta por Lyons. Em contraste, o PB apresenta os adjetivos em (35), que são flexionados em gênero. Mais, devem sempre ser flexionados no gênero feminino, caso contrário a formação morfológica fracassa, como se verifica em (36).

35. a. Bela *–mente*
b. Paralela *–mente*
c. Rapida *–mente*
d. Cuidadosa *–mente*
36. a. *Belo *–mente*
b. *Paralelo *–mente*
c. *Rapido *–mente*
d. *Cuidadoso *–mente*

É importante ressaltar um fato interessante quanto à impossibilidade, no PB, de a estrutura interna dos advérbios em *–mente* não admitir a forma flexionada do adjetivo no masculino. Curiosamente, há determinadas construções sintáticas em que o adjetivo no masculino recebe uma leitura adverbial, como nos casos de conversão, em (37), i.e., modificadores eventos, propriedade atípica dos adjetivos:

²⁵ Vale ressaltarmos que Lyons (1987) [1981] propõe essas regras baseado nos preceitos distribucionalistas da era pós-bloomfield, como ele mesmo denomina. Apesar de esse autor não revelar explicitamente em seu livro, inferimos que se trata da vertente teórica gerativista em seus primeiros passos. (CHOMSKY, 1965)

37. a. A Maria fala *lento*.
 b. A Joana come *rápido*.
 c. Elas gritavam *desesperado* meu nome.
 d. A prefeita falou claro em seu discurso.

O português possui uma estrutura morfológica mais aproximada do espanhol do que do inglês, obviamente isso se deve ao fato de aquelas línguas serem provenientes da mesma língua-mãe, o latim. Partindo disso, elencamos, nas seções seguintes, algumas propostas de análise sobre a formação morfológica dos advérbios em *-mente*, com base no espanhol. Entretanto, teceremos, sempre que possível, comparações com dados do PB.

2.4.2 Os advérbios em *-mente* como compostos (ZAGONA, 1990; KOVACCI, 1999)

Iniciemos essa seção concordando com o que afirma Torner (2005, p. 115): “Perhaps there are few constructions as difficult to characterise in Romance languages as *-mente* adverbs”²⁶. De fato, os advérbios se caracterizam como uma categoria de palavras que possui um comportamento morfo-sintático-semântico demasiadamente heterogêneo em muitas línguas (cf. ALEXIADOU, 1997; COSTA, 1998; CINQUE, 1999; ERNST, 2001; ILARI, 2002; TORNER, 2005; LIMA, 2006, entre outros). O capítulo 1 desta tese ilustra alguns dos problemas envolvendo os advérbios. Entretanto, nesta seção, como já fora dito, estamos nos detendo mais especificamente às propriedades morfológicas dos advérbios em *-mente*.

Assim, podemos afirmar que há várias propostas de se analisar a configuração morfológica dos advérbios no espanhol (TORNER, 2005). Porém, ater-nos-emos, por ora, em três delas, a saber, *Composição*, *Derivação* (4.2.3) e

²⁶ Talvez existam poucas construções tão difíceis de caracterizar em línguas românicas como o advérbio em *-mente* (Tradução nossa).

Afixação Frasal (4.2.4), com a finalidade de tentar estendermos, se possível, alguma dessas análises para o PB.

Sobre a ideia de defender os advérbios em *-mente* como fazendo parte de uma configuração de composição, podemos citar Kovacci (1999). O primeiro e principal argumento dessa hipótese está baseado em estruturas como em (38), ou seja, os advérbios em *-mente* podem ser elididos em todos os membros de uma coordenação, exceto no último.²⁷ O mesmo fenômeno pode ser constatado em coordenações disjuntivas, em (39a), e com comparativos, em (39b) (cf. KOVACCI, 1999, p. 709).

38. Lo hice *rápida y cuidadosamente*.
o fiz-1sg rápida e cuidadosamente
“Eu o fiz rápida e cuidadosamente”
39. a. Directa o Indirectamente.
“Direta ou indiretamente”.
- b. Lo han resuelto tanto técnica como teóricamente.
o tem-3p resolvido tanto técnica como teoricamente
“Eles têm resolvido tanto técnica como teoricamente”

No espanhol, não é possível elidir sufixos, como se pode observar nos exemplos em (40). Isso se configura como um argumento forte em favor do processo de composição.

40. a. Sufixos flexionais
mesa y sillas
mesa e cadeiras
- b. Sufixos apreciativos
mesa y sillita

²⁷ Um dos argumentos oferecidos para as análises feitas acerca dessa classe de palavras refere-se à coordenação dos advérbios. Assim, em línguas como o francês, não é possível haver elisão de *-mente* em nenhuma das duas formas; o catalão só admite elisão na secunda, conforme (i). Por outro lado, o espanhol admite elisão na primeira. Desse modo, podemos admitir que o espanhol possui características semelhantes ao PB no que se refere a esse tipo de estrutura.

(i) rápidamente i silenciosa [rapidamente e silenciosa]mente]]

mesa e cadeirinha

c. Sufixos derivacionais

**un problema observa y analizable*

*um problema observa e analisável

Como se verifica nos exemplos supracitados, em (40a) não é possível obter a leitura “mesas e cadeiras”, em (40b), não se pode interpretar com “mesinha e cadeirinha”, e em (40c), o sufixo *-ble* (*-vel* no PB) não tem escopo sobre os dois adjetivos na sentença. Todas essas observações baseadas nos dados do espanhol podem ser verificadas também no PB.

No espanhol, em construções de coordenação com compostos, em (41), é permitida a elisão do núcleo no primeiro conjunto e que, por sua vez, é recuperado cataforicamente no segundo conjunto. Ou melhor, em compostos, o elemento elidido é sempre o núcleo, como mostra a representação em (42).

41. a. Países *centro y suramericanos*.

“Países centro e sul-americanos”.

b. Datos tanto *macro* como *microeconómicos*.

“Dados tanto macro como microeconômicos.”

c. *Pre y postpalatares*.

“Pré e pós-palatais”

42. [Adj [N *centro*] [Adj – head \emptyset] y [adj [N *sur*] [Adj – head *americano*]]

(TORNER, 2005, p. 118, exs. (4) e (5))

Seguindo os exemplos supracitados, sugere-se que os advérbios sejam considerados também como compostos e que *-mente* seja o seu núcleo, uma vez que esse elemento pode ser omitido em coordenações. Em resumo, é proposto então que esses advérbios sejam compostos formados por um adjetivo flexionado no feminino mais o nome *-mente*, que é o núcleo, apresentados nas estruturas em (43) e (44)

43. [Adv [adj ADJ-fem] [N – head *mente*]]

44. [Adv [adj direta] [N – head Ø] ou [adv [adj indireta] [N – head *mente*]]

O segundo argumento em favor da ideia de compostos no espanhol leva em consideração a estrutura interna da palavra. Como já observado, *-mente* vem depois da flexão do adjetivo. Se se tratasse de um sufixo derivacional iria de encontro a uma regra que parece ser geral na formação de palavras no espanhol: sufixos flexionais sempre seguem sufixos derivacionais (TORNER, 2005). Sobre isso, Saporta (1990, p. 181) cita o exemplo da formação do superlativo do advérbio, haja vista que o sufixo de superlativo deve preceder *-mente*. Isso significa que embora alguns advérbios morfologicamente simples do espanhol possam aparecer em forma superlativa, mostrado em (45), a única maneira de transformar advérbios em *-mente* no superlativo é formando o advérbio do adjetivo no superlativo, conforme (46a) em oposição a (46b) abaixo:

45. *Lejísimo*.
“Longíssimo”
46. a. *Fuertísimamente*.
“Muito forte”
b. * *Fuertementísimo*

As observações feitas acima por Torner (2005) e Saporta (1990) para o espanhol podem ser estendidas para o PB, tendo em vista o fato de que também nesta língua *-mente* se adjunge à forma flexionada do adjetivo. Com relação ao superlativo, o único caso que temos conhecimento está em (47). Entretanto, como podemos observar em (47), *-mente* se junta a um intensificador já no superlativo (ver Introdução do Capítulo 1).

47. *Muitísimamente*²⁸

²⁸ Esse dado, embora pareça estranho, é, pelo menos no meu dialeto, bastante produtivo, como na sentença em (i):

(i) Ela fala *muitísimamente* bem.

Como pudemos perceber até agora, os argumentos arrolados para propor os advérbios em *-mente* como compostos, no espanhol, podem facilmente ser estendido para o PB.

Outro fator determinante favorecendo essa abordagem está relacionado à estrutura prosódica desses elementos. Assim como no português, em espanhol os advérbios em *-mente* têm acentuação secundária, mantendo o acento na base adjetival, apesar do fato de *-mente* ser tônico. Ou seja, palavras derivadas (seção 2.4.3) nunca teriam esse padrão de acentuação, uma vez que recebem apenas um acento no sufixo, se este for tônico, como em (48), ou na base, se for átono, como em (49), diferentemente do advérbio em (50):

48. a. Destru*Í*ÇÃ*O*
 b. Polui*Í*ÇÃ*O*
 c. Julga*M*EN*T*O
49. a. Descar*T*Á*v*el
 b. Male*Á*v*e*l
 c. Come*S*TÍ*v*el
50. a. *R*ápida*m*ente.
 b. Peri*G*Òs*a*mente.
 c. Lín*d*a*m*ente
 d. AF*À*v*e*l*m*ente

Até aqui, a proposta de formação morfológica dos advérbios em *-mente* no espanhol através do processo de composição parece se configurar em um bom caminho para dar conta também dos dados do PB. Assim, os argumentos de que (i) em contextos de coordenação há a possibilidade de elisão, (ii) *-mente* é alocado após a flexão e (iii) as propriedades acentuais, cabem muito bem para o PB.

Por outro lado, é extremamente complicado assumirmos que *-mente*, no PB e mesmo no espanhol (TORNER, 2005), seja considerado um nome²⁹,

²⁹ Torner (2005) mais adiante, na seção (2.4.4), irá comprovar que nesses casos *-mente* não pode ser considerado um elemento nominal.

conforme a regra (43) apresentada acima, pois sabemos que *-mente* não pode ser considerado uma palavra independente.³⁰

Sobre isso, Said Ali (1964) esclarece que esta terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens*, que tinha estatuto de nome³¹. Entretanto, este se passou a valer como sufixo derivativo³². Para Hummel (2002a), as formas hoje consideradas advérbios autênticos só aparecem nas línguas românicas. Isto significa dizer que o sufixo *-mente* é uma inovação românica.

Pela razão apresentada acima, torna-se difícil assumir esse tipo de argumento para a análise que estamos propondo, isto é, se nossa assunção de que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos estiver correta, não podemos considerar *-mente* uma palavra independente. Uma alternativa seria assumir que *-mente* não é um nome, mas sim o próprio adverbializador, como veremos com mais detalhe essa hipótese no capítulo 4.

Outra visão de análise para a formação morfológica dos advérbios em *-mente* é a derivação. Nessa perspectiva de análise, *-mente* é um afixo derivacional que se junta a bases adjetivais para formar advérbios, isso parece concordar com alguns aspectos morfo-sintático-semânticos do comportamento dessas categorias, verificados na seção subsequente.

2.4.3 Os advérbios em *-mente* como morfológicamente derivados (VARELA ORTEGA, 1990; PIERA & VARELA, 1999)

Como já foi posto, essa análise trata *-mente* como afixo derivacional, que se junta a adjetivos para formar advérbios. Segundo Piera e Varela (1999), em espanhol, os afixos selecionam a base dependendo dos traços, a saber, categorial, contextual e aspectual.

³⁰ Obviamente que há no PB a forma nominal “mente” referindo-se à faculdade de conhecer, inteligência etc, diferentemente da forma *-mente* sufixo adverbial.

³¹ Logo adiante na seção (2.4.4), Torner (2005) oferece explicação plausível para não comprarmos a ideia de que *-mente* se trata de nome, como no latim. Suas observações com relação a isso serão cruciais para nossa proposta de análise no capítulo 4.

³² Geuder (2002) levanta evidências de que não há processo de derivação com relação aos advérbios em *-mente*, o que se há na verdade, segundo suas hipóteses, é uma flexão dos adjetivos desencadeada na sintaxe. Para detalhes, ver Geuder (2002) e Foltran (2010).

Os categoriais referem-se ao fato de que afixos frequentemente selecionam a base de uma categoria gramatical específica³³. Assim, temos *-dad* (espanhol), *-ity* (inglês) e *-dade* (PB) só se juntam a adjetivos; *-ble* (inglês); *-vel* (PB) se juntam a verbos (*amável*). Com base nessa constatação, podemos afirmar que *-mente*, por sua vez, seleciona bases adjetivais.

Os traços contextuais significam que alguns afixos levam em consideração a estrutura argumental da base à qual se adjungem. Por exemplo, o sufixo *-ción* (*-ção*) forma nome a partir de verbos e, crucialmente, estes nomes aceitam o objeto interno do verbo, que pode ser expresso com um PP, em (51).

51. a. Destruir *lá ciudad*.
 “Destruir a cidade”
 b. La destrucción *de la ciudad*.
 “A destruição da cidade”

Similarmente, os advérbios em *-mente* mostram um comportamento parecido com esses afixos, segundo os exemplos contidos em (52b) e (53b). Dessa forma, o que se observa é que se o adjetivo tem um argumento expresso por PP, o mesmo argumento deve aparecer com o advérbio:

52. a. simultáneo *a esa acción*.
 “Simultâneo a essa ação”
 b. simultáneamente *a esa acción*.
 “Simultaneamente a essa ação”
53. a. contrario *a lo esperado*
 “Contrário ao esperado”
 b. contrariamente *a lo esperado*
 “Contrariamente ao esperado”

³³ Os argumentos utilizados por esses autores podem ser também empregados no PB.

Ainda, podemos afirmar, seguindo Torner (2005), que as restrições semânticas que *-mente* impõe a seus argumentos estão diretamente ligadas às restrições que as bases adjetivais impõem a seus argumentos. Por exemplo, advérbio de orientação para o sujeito como *inteligentemente*, *estupidamente* e *cuidadosamente* é derivado de adjetivos que podem modificar um nome que denota uma ação feita por um agente, como em (54), cuja leitura é a de que: a forma como João fechou a porta foi cuidadosa.³⁴

54. O João *cuidadosamente* fechou a porta.

Por sua vez, Varela Ortega (1990, p. 84) argumenta que as restrições que alguns adjetivos do espanhol mostram na formação de advérbios em *-mente* são devidas ao aspecto. Para esse autor:

a diferença entre os adjetivos que admitem *-mente* e os que não admitem reside numa distinção de carácter aspectual. Os adjetivos que projetam o aspecto télico [...] serão candidatos potenciais à adverbialização.³⁵

O segundo argumento dessa proposta faz alusão ao fato de que *-mente* não deve ser considerado como um nome, ou seja, uma palavra independente, e, por essa razão, assume-se como um afixo derivacional. Ora, se *-mente* sempre aparece concatenado a um adjetivo, é plausível considerá-lo como um morfema que tem a obrigação de atracar-se em seu hospedeiro, o adjetivo (TORNER, 2005).

Em terceiro lugar, a hipótese de que *-mente* é um sufixo explica o fato de que a categoria de palavra resultante do processo de derivação nem é adjetivo

³⁴ É importante frisarmos que muitos autores assumem que esse tipo de construção carrega uma ambiguidade, ou seja, o advérbio em destaque pode ter leitura de modo ou de orientação para o agente (JACKENDOFF 1972; COSTA, 1998, entre outros). Entretanto, esse fato não se configura como um problema para a abordagem aqui discutida.

³⁵ Basicamente, esse autor busca subsídios em prefixos do espanhol que tomam como base determinados verbos e outros não, isto é, prefixos *a-* e *en-* não se concatenam com verbos télicos, como em (i). Isso mostra mais uma vez que os advérbios em *-mente* se comportam como afixos derivacionais (op. cit).

(i) **a-/en-* encontrar, **a-/en-*nacer, **a-/en-*romper.

nem é nome, sabendo-se que há muitos sufixos em espanhol que selecionam bases de uma categoria gramatical específica para formar palavras de categorias distintas – por exemplo, como já pontuamos, *-dad* é um sufixo que serve para formar nomes de adjetivos e *-ble* para formar adjetivos de bases verbais, fato que acontece também com o sufixo *-mente* para formar advérbios de adjetivos.

Todos os argumentos levantados para sustentar a hipótese de que o processo morfológico dos advérbios em *-mente* é derivacional podem ser estendidos para uma análise similar no PB, haja vista que os dados oferecidos pelos autores, no espanhol, encontram reflexo no PB.

Por outro lado, o fato de que *-mente* sempre aparece depois da flexão do adjetivo pode ser omitido em estruturas de coordenação e, ademais, preserva dupla acentuação, são um comportamento não característico de sufixos derivacionais (cf. TORNER, 2005).

Com base nos problemas apresentados pelas duas propostas acima discutidas, Torner (2005), na seção seguinte, lança mão da hipótese de que o processo morfológico da formação dos advérbios em *-mente* é o resultado de afixação frasal. Para tanto, esse teórico baseia-se nas ideias de Zwicky (1987).

2.4.4 Os advérbios em *-mente* como afixação frasal (TORNER, 2005)

Torner (2005) assevera que os advérbios em *-mente*, como vimos acima, apresentam um comportamento híbrido entre derivação e composição, tendo em vista que, de um lado, *-mente* é muito similar a um afixo, pois impõe restrições ao adjetivo com o qual se adjunge, e, de outro lado, porém, se outras características dos advérbios forem analisadas (cf. seção 2.4.2), eles devem ser considerados compostos, apesar do fato de que sua estrutura interna no espanhol não seja de composto.

Assim, Torner (2005), tomando como base os trabalhos de Zwicky (1987) e Miller (1991) e (1992) para os clíticos no finlandês, argumenta que esses morfemas, tanto os clíticos quanto os advérbios em *-mente*, têm certas propriedades afixais, mas possuem comportamento sintático parcialmente

similar às palavras independentes. Com base nisso, esse autor elenca as propriedades características de afixos em (55); e de palavra em (56) (p. 126).

55. a. They attach to a host, unlike words; that is, they are bound morphemes.
 b. They occur in a fixed order is usually different from that of the corresponding full phrases.
 c. They show arbitrary gaps.
 d. Their phonological shape can be affected by phonology of stem or of other affixes with which they combine.³⁶
56. a. They may have wide scope over co-ordination
 b. They show so-called “promiscuous attachment”, i.e., they can attach to words of various categories.³⁷

Torner (2005) procura desdobrar a análise acima para os advérbios em *-mente*, embora reconheça que *-mente* não é um clítico, uma vez que têm acendo tônico e possui uma natureza morfo-sintático-semântica distinta dos morfemas que têm sido analisados como afixo frasal. Por essa razão, *-mente*, segundo ele, não possui todas as propriedades listadas em (55) e (56). Assim, Torner (2005) conclui que *-mente* é uma afixo derivacional frasal que se concatena com AP (do inglês *Adjective Phrase*).

A hipótese de que *-mente* é um afixo frasal é favorecida por seu comportamento híbrido entre palavra e morfema preso. Com isso, Torner (2005, p.128) afirma que encontra em *-mente* muitas das propriedades dos afixos. Primeiro, assumir que *-mente* é um afixo (frasal) derivacional habilita-nos a resolver o problema da mudança de categoria: é o afixo derivacional que deriva advérbios de adjetivos. Segundo, se *-mente* é um afixo, não há necessidade de explicar o fato de não existir como palavra independente. Por outro lado, se se

³⁶ a. Eles adjungem a um hospedeiro, ao contrário de palavras, isto é são morfemas presos.
 b. Elas ocorrem em uma ordem fixa, é diferente do que ocorre com as frases completas.
 c. Eles mostram falhas arbitrarias.
 d. Sua forma fonológica pode ser afetada pela fonologia da base ou dos afixos, com os quais se concatenam. (Tradução nossa)

³⁷ a. Eles podem ter escopo amplo sobre uma estrutura de coordenação.
 b. Eles mostram o chamado “vínculo promíscuo”, ou seja, podem adjungir-se a palavras de diferentes categorias. (Tradução nossa)

assumir que *-mente* é um afixo frasal que se concatena com APs, pode-se explicar por que a concatenação é feita depois da flexão³⁸. Para este linguista, *-mente* não se adjunge a uma base lexical do adjetivo no léxico, mas ao AP na sintaxe, além disso explica por que é omitido em contextos de coordenação, como vimos na seção (4.2.2).

Bosque (1987) assume que, em (57), temos uma coordenação de advérbios e não uma coordenação de AdvP (do inglês *Adverbial Phrase*), uma vez que o elemento catafórico deve obedecer às condições de ligação:

57. [Adv *directa-∅*] o [Adv *indirecta-mente*]
 “Direta-∅ ou indiretamente”

Entretanto, para Torner (2005, p.132), no caso em (57), não há elisão. Na verdade, *-mente* se adjunge ao AP formado via coordenação, produzindo uma AdvP, como mostrado em (58).

58. [AdvP [AdjP *directa o indirecta*] *-mente*]
 “Direta ou indiretamente”

Outro exemplo sugerido por Torner (2005, p. 133, ex. (21)) para sustentar sua hipótese está em (59). De acordo com ele, a presença do advérbio de intensidade *más* (mais) em ambos os elementos da coordenação mostra claramente que não há coordenação de advérbios, mas de AdvPs, e *-mente* se junta ao AP, como podemos perceber em (60).

59. Lo hizo *más rápida y más eficazmente* de lo que yo creía.
 o fiz-3sg mais rápida e mais eficazmente do que eu pensava
 “Eu o fiz mais rápida y mais eficazmente do que eu pensava”

60. [AdvP [AdjP *más rápida y más eficaz*]mente]

³⁸ Iremos assumir no capítulo 4, junto com Lobato (2005), Harris (1999) e Alcântara (2003), que o que parece ser a flexão do adjetivo no feminino, na verdade, é uma vogal temática

Percebemos, com base em (60), que a afixação frasal proposta por Torner (2005) parece dar conta também do que ele chamou de acentuação dupla, haja vista que a integridade morfológica do adjetivo é mantida. Mais, o afixo frasal se junta à palavra e não a bases derivacionais, ou seja, explica o fato de *–mente* ser adjungido à forma flexionada do adjetivo.

No que tange ao PB, a proposta de Torner (2005) se mostra bastante interessante, uma vez que os dados do espanhol podem perfeitamente ser comparados com dados daquela língua. Todavia, não há necessidade, a nosso ver, de assumir que *–mente* seja um afixo derivacional frasal para dar conta da formação morfológica dos advérbios em *–mente*. Primeiro, porque assumimos que o adjetivo em palavras como *rapidamente* não está na forma flexionada (ver nota 38 deste capítulo). Segundo, se retomarmos aqui os casos de conversão descrita no capítulo 1 e aqui repetidos em (61), parece que os advérbios possuem mais uma estrutura morfológica alternativa. Em outras palavras, o suposto *adjetivo* empregado nos exemplos (61a) e (61c) pode ser considerado *advérbio*, uma vez que assume postura morfo-sintático-semântica típica dos advérbios.

- 61.a. A Maria entrou *lento*.na sala
- b. A Maria entrou *lentamente* na sala.
- c. A Joana saiu *rápido* da sala.
- d. A Joana saiu *rapidamente* da sala.

Partindo então dos problemas acima, buscaremos propor, no capítulo 4, à luz do modelo teórico da DM, uma proposta de análise que contemple a formação morfológica dos advérbios em *–mente*, no PB, tentando justificar argumentos levantados com base no fenômeno da conversão. Para tanto, tomaremos como decalque a proposta de Marantz (2001) e Harris (1999).

2.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Definir uma determinada categoria de palavras não é um empreendimento dos mais simples, como já havíamos pontuado no início do capítulo 1. Essa observação pode ser corroborada quando nos deparamos com os manuais de gramática que tentam rotular ou limitar uma determinada classe de palavras em quadros ilustrativos, sem levar em consideração, muitas vezes, seu comportamento empírico.

Procuramos, ainda, fornecer evidências adicionais para nossa hipótese sobre os advérbios em *-mente*, isto é, aquela que preconiza que estes formam uma subclasse dos adjetivos (RADFORD, 1988; ALEXIADOU, 1997; ADGER, 2004, entre outros). Uma interessante constatação foi mostrada na seção (2.3.2.1), em que, em uma língua africana, observou-se que havia poucos adjetivos e que, supúnhamos, não houvesse advérbio. Como previsto, vimos que virtualmente não há advérbios nessa língua, os poucos que existem são os chamados circunstanciais (*dêiticos*). Isso se evidencia como um forte argumento para nossa proposta, isto é, uma língua que quase não tem adjetivos não pode ter advérbios, pois estes formam uma subclasse daqueles.

Pudemos afirmar que há um limite estreito na linha que separa adjetivos e advérbios, como o próprio fenômeno da conversão nos mostra. Mais, pudemos perceber que o aspecto morfológico oferece indícios translinguísticos de que a assunção aqui discutida tem relevância. Quase todas as línguas naturais dispõem desse dispositivo de formação de advérbios, i.e., a uma base adjetival adjunge-se um morfema, transformando-o em um advérbio.

CAPÍTULO 3

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: PRESSUPOSTOS BÁSICOS (HALE e MARANTZ, 1993)

3.1.1 INTRODUÇÃO

Esta tese toma como *background* teórico os pressupostos basilares da DM, cujos precursores foram Morris Hale e Alec Marantz, em seu artigo *Distributed Morphology and the Pieces of inflection*, publicado em 1993. O surgimento dessa publicação trouxe uma grande contribuição para o desenvolvimento da gramática gerativa nos últimos anos, conforme pode ser constatado nos trabalhos de Chomsky (1993, 1995) e Hale e Keyser (1993), neste último a ideia de se trabalhar uma sintaxe interna aos itens lexicais é bastante difundida.

Para tanto, lançaremos mão, ainda, de outros trabalhos que nos ofereçam subsídios teóricos adicionais, bem como apresentem os refinamentos do quadro atual do modelo da DM, a saber, Halle e Marantz (1994); Marantz (1997, 2001); Harley e Noyer (1999); Embick e Noyer (2005) e outros.

Antes, é preciso destacarmos, tomando como decalque as palavras de Embick e Noyer (2005, p.10), que a abordagem da DM com relação aos aspectos morfológicos da palavra é sintática. Asseveram ainda que, como consequência da arquitetura da gramática à luz da DM (seção 3.2.1), a estrutura morfológica e a estrutura sintática são as mesmas, uma vez que para este modelo não há Léxico, em que objetos complexos são montados de acordo com regras distintas das regras da sintaxe. PF (do inglês *Phonetic Form*), também assumido na literatura como o local onde se encontra a componente morfológica, processa informações adicionais à estrutura que, por sua vez, é

derivada da sintaxe, sob a forma de operações morfológicamente relevante como a Inserção de Vocabulário.

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: na seção (3.2), discutiremos aspectos relacionados ao modelo lexicalista e ao modelo da DM, no que tange à interface sintaxe/morfologia, levando em consideração a estrutura da gramática proposta por ambas as vertentes (subseção 3.2.1). Na subseção (3.2.2), iremos tecer uma descrição dos elementos básicos que fazem parte do modelo da DM, tomando como subsídio o trabalho de Embick e Noyer (2005). Na seção (3.3) e subseções posteriores, iremos destacar as operações morfológicas propostas pela DM, como *Empobrecimento*, *Fissão* e *Fusão*, no processo derivacional de uma determinada estrutura. Para tanto, basear-nos-emos nos trabalhos de Harley e Noyer (1999), Embick e Noyer (2005), Medeiros (2008) e outros. Em seguida, na seção (3.4), concluiremos o capítulo.

3.2 A INTERFACE SINTAXE/MORFOLOGIA

Como bem afirmam Embick e Noyer (2005), uma teoria de interface sintaxe/morfologia é primeiro uma teoria de como “palavras” e sua estrutura interna se relacionam com a estrutura gerada pela sintaxe, e, segundo, uma teoria de como as regras para derivar palavras complexas se relacionam com as regras para derivar estruturas sintáticas.

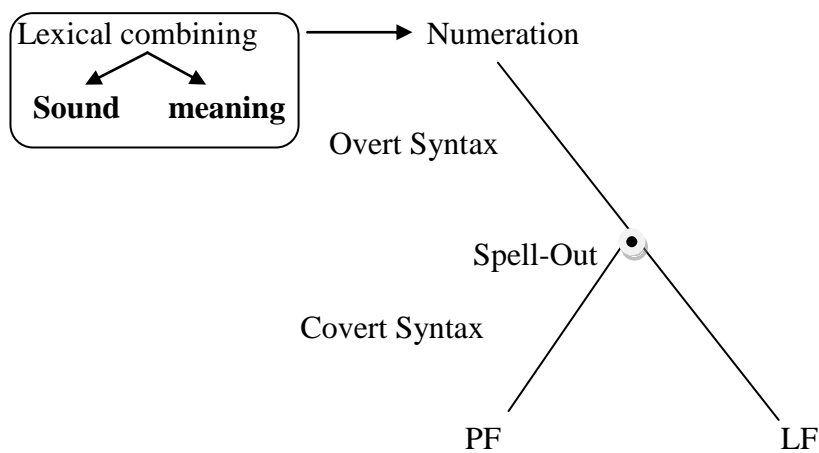
A assunção acima descrita vai de encontro aos pressupostos de Chomsky (1981) e seus descendentes lexicalistas, uma vez que para este Modelo a arquitetura gramatical deve conter duas computações separadas, a saber, uma que monta traços que formam palavras, constituindo assim o léxico do indivíduo, e outra que combina palavras umas com as outras na computação sintática. Nesse tipo de abordagem, como podemos observar, a construção das palavras antecede as operações de sintaxe. Essas assunções serão detalhadas na subseção seguinte, quando discorreremos sobre os modelos de estrutura da gramática nos modelos lexicalista e da DM.

3.2.1 A estrutura da gramática: pontos e contrapontos

3.2.1.1 A abordagem Lexicalista (CHOMSKY, 1995)

Para o tipo de abordagem lexicalista, Chomsky (1995) propõe a seguinte estrutura da gramática em (1). Como podemos observar, esse modelo de estrutura consiste de um **Léxico**, **Numeração**, **PF** e **LF**¹. A derivação prossegue até **Spell-Out**², e deixa de fora os traços fonológicos, o que é chamada de **Overt Syntax** (ou Sintaxe Visível), equivalente a S-structure³ no modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1986). A derivação que se segue após Spell-Out é chamada de **Covert Syntax** (ou Sintaxe não-visível).

1.



Nesse sentido, um item lexical é um conjunto de traços: traços fonológicos, traços semânticos e traços formais. Os itens lexicais para serem usados na

¹ Do Inglês *Logical Form*.

² Em qualquer ponto da derivação, podemos aplicar a operação Spell-Out, cuja função é efetuar a ligação para a componente PF.

³ Do inglês *Surface Structure* (Estrutura Superficial).

construção de uma sentença são retirados do **Léxico**⁴ para uma **Numeração**⁵. Dessa Numeração, os itens lexicais são selecionados e concatenados com o propósito de constituir uma categoria maior, usando, para isso, as operações *Move* e *Merge*.

Uma necessidade conceitual para a existência da numeração nesse tipo de abordagem é a checagem dos traços morfológicos, ou seja, os itens lexicais são completamente flexionados quando são introduzidos na Numeração.

Dessa maneira, a derivação que começa na Numeração prossegue e alcança *Spell-Out*, cujos traços fonológicos são abandonados depois dessa etapa. Esses traços fonológicos, por meio da morfologia entram na componente PF. É importante salientarmos que não há qualquer interação entre PF e LF. Isto é, se introduzirmos um item lexical que não tem traços fonológicos, mas tem traços semânticos depois de *Spell-Out*, então este item não pode ter interpretado corretamente o seu significado, o que causaria o fracasso da derivação. Se ao invés disso, nós introduzíssemos um item lexical sem os traços semânticos, mas com traços fonológicos, também não poderíamos interpretar tais traços, uma vez que não há interação entre LF e PF.

Marantz (1997, p. 201), ao se referir ao modelo apresentado em (1), afirma que

as palavras são criadas no Léxico, por processos distintos dos processos sintáticos de colocar morfemas/palavras juntos. Alguma fonologia e algumas conexões estrutura/significado são derivadas no léxico, enquanto outros aspectos da fonologia e outros aspectos da relação estrutura/significado são derivados na (e depois) da sintaxe. (Tradução nossa)

Com base nisso, esse linguista pontua que o Lexicalismo ou a Hipótese Lexicalista (CHOMSKY, 1970) prediz que a sintaxe manipula palavras internamente

⁴ Repositório de todas as propriedades (idiossincráticas) dos itens lexicais particulares. Estas propriedades incluem a representação da forma fonológica de cada item, a especificação de sua categoria sintática, e as suas características semânticas.

⁵ Podemos entender Numeração como uma estação intermediária na qual os itens lexicais que são usados na construção da frase são coletados. A Numeração é importante também no sentido de que decide o conjunto de referências e providencia os traços formais que desencadearão o movimento sintático. O que para Chomsky (1995, p. 314) é definido como (i):

(i) N é um conjunto de pares (Li, i)

em que Li é um item do léxico (do inglês *Lexical item*), e i é o seu índice, compreendido como o número de vezes que Li é selecionado.

complexas e não unidades atômicas. Nesse ponto, acontecem as divergências entre o modelo lexicalista e o modelo em DM, uma vez que a DM propõe uma arquitetura de gramática em que um único sistema gerativo é responsável pela estrutura da palavra e pela estrutura da sentença (ver seção 3.2.1.2). (cf. EMBICK e NOYER, 2005). Em outras palavras, “a DM tenta deixar precisa a afirmação de que toda a derivação de objetos complexos é sintática” (EMBICK e NOYER, 2005, p. 2).

Como pontuam Harley e Noyer (1999), não há léxico na DM, pelo menos em termos da gramática gerativa das décadas de 1970 e 1980. Em outras palavras, a DM rejeita a Hipótese Lexicalista⁶. Assim, não havendo léxico em DM, o termo item lexical não tem qualquer significação na teoria, nem podem ser ditas, por conseguinte, expressões como “isso acontece no léxico”, “lexical”, “lexicalizado” (cf. HARLEY e NOYER, 1999, p. 3).

É importante pontuarmos, seguindo Embick e Noyer (2005, p. 2), que os argumentos contra o Léxico Gerativo não são argumentos sobre a **capacidade gerativa**, ou o poder formal da abordagem lexicalista de estabelecer um padrão. Antes, são argumentos contra a tese central do Lexicalismo, isto é, a *modularidade*⁷, e a afirmação de que “palavra” é um objeto especial no que diz respeito à gramática.

Na subseção seguinte, iremos expor as propriedades que distinguem a DM de outras teorias morfológicas, a saber, Inserção Tardia, Subespecificação e Estrutura Hierárquica top-down, bem como apresentar a configuração estrutural da gramática conforme esse modelo teórico.

3.2.1.2 A abordagem da Morfologia Distribuída (HARLEY e NOYER, 1999)

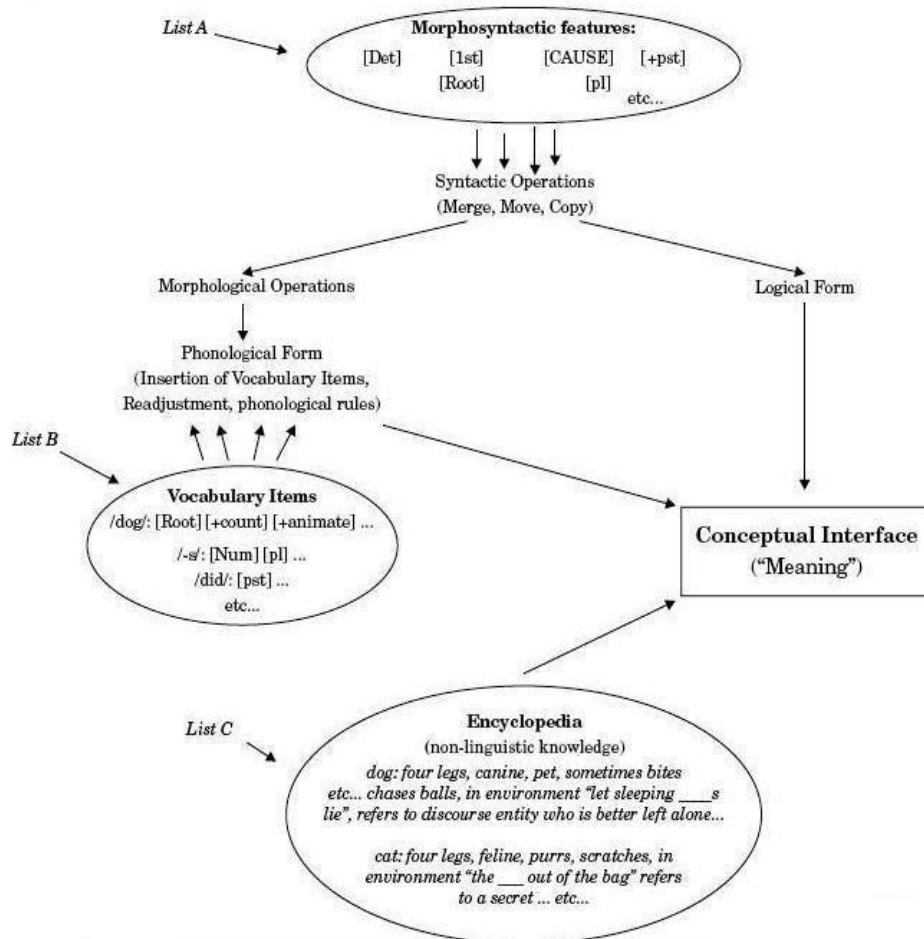
Na perspectiva teórica da DM, a estrutura da gramática é a apresentada em (2). Diferentemente da teoria de Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981) e seus descendentes, na DM a sintaxe não manipula qualquer coisa parecida com itens lexicais, mas sim, gera estruturas mediante a combinação de traços morfossintáticos

⁶ Uma exposição anti-Lexicalista completa, baseada nos preceitos da DM pode ser encontrado em Marantz (1997), haja vista que, nas palavras desse autor, “Lexicalism is dead, deceased, demised, no more, passed on...” (p. 202).

⁷ Ver figura em 1.

(via operações *Move*⁸ e *Merge*⁹) selecionados a partir de um estoque disponível, sujeitos a regências de princípios e parâmetros de tal combinação (cf. HARLEY e NOYER, 1999, p. 3).

2.



Como mencionado anteriormente, três propriedades são essenciais no modelo da DM: Inserção Tardia, Subespecificação e Estrutura Hierárquica top-down, as quais apresentamos brevemente abaixo (HARLEY e NOYER, 1999).

A **Inserção Tardia** se refere à hipótese de que a expressão fonológica de terminais sintáticos é, em todos os casos, prevista no mapeamento para a PF, i.e. categorias sintáticas são puramente abstratas, não tem qualquer conteúdo

⁸ Uma operação pela qual uma palavra ou sentença é movida de uma posição de uma estrutura a uma outra. (cf. RADFORD, 1997)

⁹ Uma operação pela qual duas categorias são combinadas para formar uma outra categoria (cf. RADFORD, 1997)

fonológico¹⁰. Nesse sentido, somente depois da sintaxe há expressões fonológicas chamadas de **Itens de Vocabulário** (doravante VI do inglês *Vocabulary Items*), tais expressões são inseridas no processo chamado *Spell-out* (ver nota 3).¹¹ Nesse sentido, a Inserção Tardia obedece ao Princípio do Subconjunto, em (3) retirado de Halle (1997), em que este princípio controla a aplicação dos VI e soluciona a maioria dos casos de competição, como mostram (6) e (8)

3. **Subset Principle:** The phonological exponent of a Vocabulary Item is inserted into a position if the item matches all or a subset of the features specified in that position. Insertion does not take place if the Vocabulary Item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary Items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.¹²

É importante salientarmos que todos os VIs podem competir por sua inserção em qualquer nó (cf. HARLEY e NOYER, 1999, p. 5)

A **Subespecificação** (de Itens de Vocabulário) significa que expressões fonológicas não precisam ser totalmente especificadas para uma posição sintática na qual devam ser inseridas¹³. Portanto, segundo Harley e Noyer (1999), não há necessidade de as peças fonológicas de uma palavra fornecerem traços morfossintáticos daquela palavra. Mais, os VIs são, em muitas instâncias, sinais *default*, inseridos quando nenhuma outra forma mais específica está disponível. Para ilustrar o fato acima descrito, Embick e Noyer (2005, pp. 8-9) oferecem um exemplo, considerando os prefixos de número/pessoa para objetos e sujeitos descobertos na língua athabaskan Hupa:

¹⁰ Inserção Tardia aqui é contrastada com a “Early Insertion” de outras teorias, as quais assumem que Entradas Lexicais são combinadas no Léxico e contribuem seus traços aos traços de palavras, que então são combinadas na sintaxe. Em tais teorias, os traços sintáticos/semânticos dos nós terminais são aqueles da Entrada Lexical; nós terminais não têm traços independente dos Itens Lexicais. (cf. HALLE e MARANTZ, 1994, p. 276)

¹¹ Como pontuam Harley e Noyer (1999), não há essencialmente nenhuma diferenciação pré-sintática entre dois nós terminais contendo traços idênticos, pois, eventualmente, no processo de *Spell-out* receberão Itens de Vocabulários distintos como, por exemplo, *cão* e *gato*.

¹² **Princípio do Subconjunto:** O expoente fonológico de um item de Vocabulário é inserido em uma posição se o item corresponde a todos ou um subconjunto dos traços especificados nessa posição. A inserção não ocorre se o Item de Vocabulário contém traços não presentes no morfema. Quando vários Itens do Vocabulário preenchem as condições para inserção, o item correspondente ao maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido. (Tradução nossa)

¹³ A Subespecificação contrasta com a Especificação Completa em outras teorias, em que Entradas Lexicais carregam todos os traços necessários para a estrutura de uma palavra complexa, ou seja, as Entradas Lexicais não competem por sua inserção. (cf. HALLE e MARANTZ, 1994, p. 276)

4. Subject and Object Markers

	SUBJECT	OBJECT
1S	W-	Wi-
2S	n-	ni-
1PL	di-	noh-
2PL	oh-	noh-

Na forma plural, enquanto os expoentes *di-* e *oh-* aparecem na posição de sujeito e distinguem a primeira da segunda pessoa do plural, a distinção não é feita na posição de objeto, no qual há um único expoente, *noh-*. Com base nisso, a teoria assume que posições morfossintáticas são completamente especificadas quando a Inserção de Vocabulário ocorre. Esses autores continuam a explanação, apresentando um quadro, em (5), contendo os feixes de traços dos nós de plural, baseados nos exemplos em (4) e elencados em (6) os VIs de plural referentes a essa língua:

5. Feixes de traços

$$\begin{array}{cccc}
 \text{a. } \left. \begin{array}{l} +1 \\ +\text{PL} \\ +\text{SUBJ} \end{array} \right\} & \text{b. } \left. \begin{array}{l} +2 \\ +\text{PL} \\ +\text{SUBJ} \end{array} \right\} & \text{c. } \left. \begin{array}{l} +1 \\ +\text{PL} \\ +\text{OBJ} \end{array} \right\} & \text{d. } \left. \begin{array}{l} +2 \\ +\text{PL} \\ +\text{OBJ} \end{array} \right\}
 \end{array}$$

6. (a) [+1 +PL +Subj] ↔ di
 (b) [+2 +PL +Subj] ↔ oh
 (c) [+PL +Obj] ↔ noh

Com base no exposto acima, Embick e Noyer (2005) revelam que o VI (5c) não se refere aos traços [1] e [2], e por isso estão sub-especificados com relação aos feixes de traços a que se aplicam, (5c) e (5d), isto é, são considerados formas *default*. Esse fato pode ser constatado com relação ao português, uma vez que

podemos citar o exemplo da conjugação do verbo *ter*¹⁴ apresentada no paradigma em (7). Nota-se que de maneira geral há formas distintas para singular e plural de terceira pessoa:

- 7. Tinha
- Tinham
- Teve
- Tiveram
- Tenha
- Tenham
- Tivesse
- Tivessem
- Etc.

Entretanto, com relação ao tempo presente do indicativo existe apenas uma forma tanto para o singular como para o plural *tem*¹⁵, cuja especificação de traços é: {ter, presente, 3p. sg.} e {ter, presente, 3p. pl.}. Com base nisso, podemos afirmar que o VI tem o feixe de traços em (8) e, por essa razão, é sub-especificado para número, isto é, pode ser inserido nos dois casos singular ou plural.

- 8. {ter, pres. 3p.} ↔ tem

A **Estrutura Hierárquica top-down**, por seu turno e de acordo com Harley e Noyer (1999), implica que elementos dentro da sintaxe e dentro da morfologia dividem os mesmos tipos de estrutura de constituintes, diagramados, inclusive, através de árvores binárias. Os elementos tanto da sintaxe, quanto da morfologia, segundo a DM, são entendidos como constituintes discretos.

Como foi discutido acima, na DM, não existe Léxico, o que de fato existe são três Listas que se propõem a substituí-lo, Lista 1 (Traços Abstratos), Lista 2 (Itens de Vocabulário) e Lista 3 (Enciclopédia), como nos mostra a figura em (2). Com isso, Marantz (1997, p. 203) afirma que:

¹⁴ Exemplo retirado de França e Lemle (2006, p. 272)

¹⁵ É importante frisarmos que na modalidade escrita do PB, a forma destinada ao plural possui acento. Assim, temos, por exemplo, Ele *tem*/ Eles *têm*. Porém, na modalidade oral da língua essa distinção é, obviamente, inútil.

Any theory must include one or more lists of atomic elements that the computational system of Grammar might combine into larger units. Distributed Morphology explodes the Lexicon and includes a number of distributed, non-computational lists as Lexicon-replacement

A computação sintática começa quando a operação Selecionar introduz na Sintaxe propriamente dita traços abstratos sem substância fônica, fornecidos pela Lista 1, isto é, são feixes de traços morfossintáticos (ou gramaticais) e previsões de pontos para inserção de raízes (*place-holders*). O que costuma ser atribuído a esta lista são traços como, por exemplo, verbalizador, determinante, relacionador, pessoa, número, tempo, complementizador, agentivizador e adverbializador¹⁶.

Assim, continuando o curso da derivação, depois de os traços abstratos terem sido juntados e movidos, chega-se ao *Spell-Out*. É, nesse ponto, que a computação é remetida à forma lógica (LF), em que são lidos apenas traços, e ao componente morfofonológico, no qual está presente a Lista 2, cuja função é fornecer as formas fonológicas para os nós terminais da sintaxe/morfologia – isto é, para os feixes de traços gramaticais (funcionais) e para as raízes. França e Lemle (2006, p. 271), apresentam um bom exemplo com a palavra *corredor*, aqui ilustrado em (9), no qual os nós terminais com traços funcionais advindos da sintaxe são preenchidos por VI com forma fonológica e traços de natureza idêntica à dos traços abstratos da Lista 1. No que diz respeito aos nós terminais reservados para as raízes, estes serão preenchidos por VI lexicais, raízes, possuidoras de substância fonológica.

¹⁶ Esse traço será estipulado aqui para os contextos como em (i), conforme foi apresentado no capítulo 1, desta tese. Nesse sentido, o VI a ser inserido nesse tipo de nó terminal é *–mente*, cuja função é adverbializar e tornar as sentenças abaixo possíveis no PB.

- (i) Maria anda *mecânico/mecanicamente.
Ela vive *modesto/modestamente.
Maria assistiu ao filme *atento/atentamente.

É imperativo pormos em relevo que, segundo Embick e Noyer (2005, p. 4), o processo pós-sintático, isto é, na componente PF (morfofonológico), não constitui um sistema gerativo separado para derivar palavras. Mais, o processo em PF efetua modificações a uma estrutura já gerada pela sintaxe, modificações estas que estão limitadas a operações menores que, por sua vez, manipulam os nós de uma forma acentuadamente restrita.

3.2.2 Primitivos da sintaxe (Embick e Noyer, 2005)

Embick e Noyer (2005) chamam as unidades manipuladas pelas operações sintáticas *move* e *merge* de **morfema**, os quais são os nós terminais da configuração arbórea para ilustrar a estrutura dos constituintes sintáticos (ver 2 e 9). Nesse sentido, os morfemas são um conjunto de traços de dois tipos: *fonológico* e *gramatical/sintático-semântico*. Para estes pesquisadores, o inventário básico de terminais sintáticos é dividido em *morfema abstrato* e *Raízes*¹⁹, cujas definições seguem em (10) abaixo (p. 5):

10. Terminais

- a. **Abstract Morpheme:** These are composed exclusively of non-phonetic features, such as [Past] or [pl], or features that make up the determiner node D of the English definite article eventuating as *the*.²⁰

¹⁹ Numa perspectiva teórica mais antiga, a saber, Harley e Noyer (1999), os morfemas eram denominados como **l-morfemas** e **f-morfemas**, como forma de distinguir o binômio morfemas concretos *versus* morfemas abstratos, apresentados em Halle (1992) e, como vimos, com reflexos em Embick e Noyer (2005) (vide 10a). A distinção l-morfema e f-morfema, segundo Harley e Noyer (1999), faz alusão à divisão entre categorias lexicais e categorias funcionais. De um modo geral, os f-morfemas correspondem ao que Embick e Noyer (2005) chamam de morfemas abstratos; os l-morfemas, por sua vez, correspondem ao que Embick e Noyer (2005) chamam de Raízes. Para uma discussão mais acurada a respeito desses embates teóricos, remetemo-los a leitura dos trabalhos acima descritos. Vale pontuar que nesta tese iremos assumir as ideias propostas por Embick e Noyer (2005), i.e. os VIs são ou morfemas abstratos ou Raízes

²⁰ Estes são compostos exclusivamente por traços não-fonéticos, como [passado] ou [pl], ou traços que compõem o nó determinador D do artigo definido Inglês *the*.

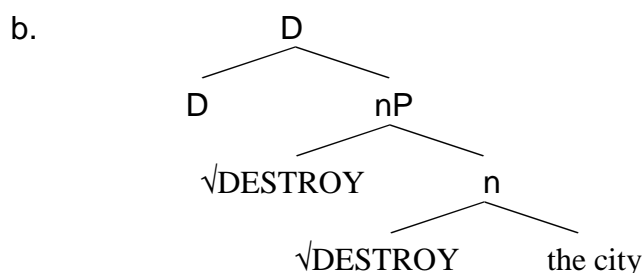
- b. Roots:** These include items such as $\sqrt{\text{CAT}}$, $\sqrt{\text{OX}}$, or $\sqrt{\text{SIT}}$, which are sequences of complexes of phonological features, along with in some cases, non-phonological diacritic features. As a working hypothesis, we assume that the Roots do not contain or possess grammatical (syntactic-semantic) features.²¹

De um modo geral, as Raízes não aparecem “nuas” (*bare*), isto é, elas devem ser categorizada numa relação local com um núcleo funcional definidor de categoria, como *v*, *n*, *a* etc, conforme Marantz (1995):

11. **Categorization Assumption:** Roots cannot appear without being *categorized*; Roots are categorized by combining with category-defining functional heads.²²

Com base na informação acima, podemos citar o exemplo da raiz $\sqrt{\text{DESTROY}}$, que tanto pode ser derivada em uma nominalização, se essa raiz for concatenada imediatamente a um nó funcional nominalizador, como *n*, ilustrado em (12). Por outro lado, se essa mesma raiz for concatenada imediatamente a um nó funcional verbalizador, como *v*, ilustrado em (13) abaixo:

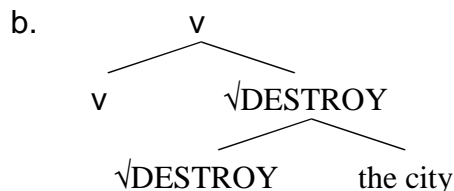
12. a. The destruction of the city, the city’s destruction.
“A destruição da cidade”



²¹ Estas incluem itens como $\sqrt{\text{GAT}}$, $\sqrt{\text{BOI}}$, ou $\sqrt{\text{SENT}}$, que são sequências de conjuntos de traços fonológicos, e que, em alguns casos, apresenta traços diacríticos não-fonológicos. Como hipótese de trabalho, assumimos que as raízes não contêm ou possuem traços gramaticais (sintático-semântico). (Tradução nossa).

²² Categorização: raízes não podem aparecer sem estarem categorizadas; as raízes são categorizadas na combinação com o núcleo funcional definidor de categoria. (Tradução Nossa).

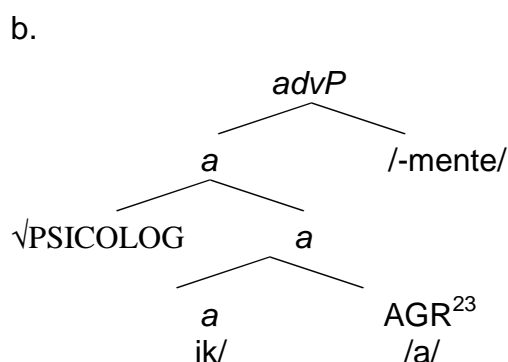
13. a. John destroyed the city.
 “João destruiu a cidade”



(cf. MARANTZ, 2001, pp. 26-27, ex. ((4) e (5))

Como veremos no capítulo 4, a formação dos advérbios em *-mente* possui restrições de formação em sua estrutura interna. O VI *-mente* é inserido no nó aqui denominado *adverbializador* (*adv*), cuja função é tornar o adjetivo em um advérbio, como podemos ver em (14). Por outro lado, há algumas restrições com relação a essa formação, uma delas é a de que o VI *-mente* deve ser imediatamente precedido pelo nó funcional *a*. Se for concatenado a um morfema *agentivo*, por exemplo, cujo nó funcional é *n*, a derivação sempre será bloqueada para seguir até *Spell-Out*, mesmo essa palavra sendo considerada adjetivo na sentença, como mostra (15):

14. a. *Psicologicamente*

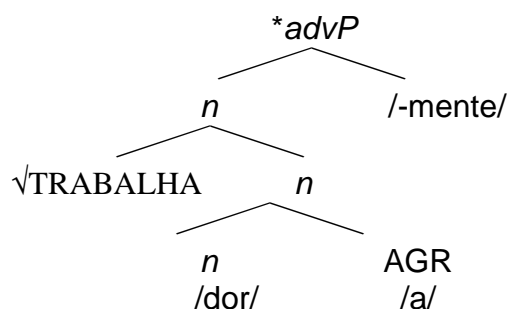


²³ Iremos assumir, no próximo capítulo, que no caso dos advérbios em *-mente* não há AGR, uma vez que não há concordância, como propõe Medeiros (2008), Torner (2005), entre outros. Assim, iremos sugerir que esse nó abarque o *sufixo temático* ou *vogal temática* (HARRIS, 1999; ALCÂNTARA, 2003).

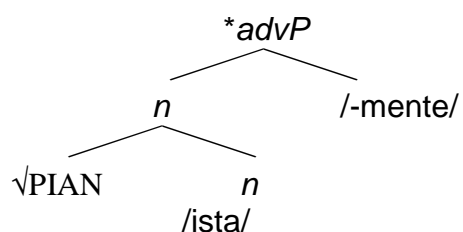
(exemplo adaptado de MEDEIROS²⁴, 2008, p. 34, ex. (12))

15. a. Rapaz *trabalhador*, o cego *pianista*

b.

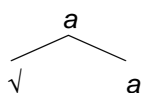


c.

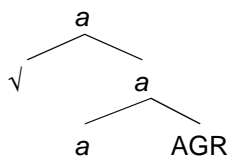


²⁴ Medeiros (2008) mostra (i) e (ii) abaixo para a estrutura sintática e estrutura morfológica dos adjetivos respectivamente e exemplificada em (iii) com o adjetivo *psicológicos*:

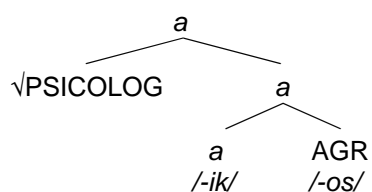
(i) Estrutura Sintática de adjetivos:



(ii) Estruturas Morfológica de adjetivos:



(iii) Estrutura Morfológica do adjetivo *psicológicos*:



Com base nos dados acima e de acordo com o primeiro capítulo desta tese, especificamente na subseção 1.2, podemos assumir que os morfemas *agentivo –or* e *–ista* bloqueiam a concatenação do VI *–mente* por dar ao adjetivo uma leitura atributiva, ou seja, é uma função que os advérbios não assumem. Ainda, as palavras *trabalhador* e *pianista* possuem os traços [+NSN] [+Mod], pois são modificadores e podem fazer parte também de núcleos de SN, como em *O trabalhador*, *O pianista cego* etc. Por outro lado, palavras como *psicológico* possuem os traços [-NSN] [+Mod] e, por essa razão, são chamadas de adjetivos.

3.3 A ESTRUTURA MORFOLÓGICA

3.3.1 Operações morfológicas

No curso da derivação, uma determinada expressão adquire duas descrições estruturais: morfofonológica e morfossintática, como mostra (16) abaixo. A estrutura morfossintática de uma expressão, por sua vez, é gerada por vários mecanismos. Harley e Noyer (1999, p.5) afirmam que a Sintaxe, usando operações convencionais, como movimento de núcleo, desempenha um papel importante na construção de estruturas morfossintáticas, incluindo a estrutura interna da palavra.

16. The expression cows:

Morphosyntactic description: [Root [+plural]]

Morphophonological description: [kaw+z]²⁵

²⁵ A expressão *vacas*

Descrição morfossintática	[Raiz {plural}]
Descrição morfológica	[vac-a-s] (Tradução nossa)

Como podemos observar acima, as palavras no PB podem receber ainda um nó temático, destinado às vogais temáticas, fato que para o inglês, nesse exemplo, inexistente.

Na DM, algumas operações adicionais são importantes como, por exemplo, o **Empobrecimento** (*Impoverishment*), cuja função é eliminar traços de morfemas antes da Inserção de Vocabulário e cria, com isso, certos tipos de sincretismos sintáticos. Uma outra operação é a **Fissão** (*Fission*) que ocorre concomitantemente com o spell-out e permite a inserção de mais de um Item de Vocabulário em um único terminal sintático (EMBICK e NOYER, 2005, p. 17). Mais uma operação pode ser desencadeada no processo derivacional, é a **Fusão** (*Fusion*), a qual toma dois nós terminais irmãos que estão sob o nó de uma mesma categoria e os funde em um único nó.

Nas seções subsequentes, iremos apresentar uma breve explanação sobre as operações morfológicas Empobrecimento, Fissão e Fusão, ilustrando alguns exemplos extraídos de Embick e Noyer (2005), Harley e Noyer (1999) e Medeiros (2008)

3.3.1.1 Empobrecimento

Como observado anteriormente, essa operação exclui traços morfossintáticos de alguns morfemas em certos contextos. Quando alguns traços são apagados, a inserção de um determinado VI que pede esses traços para ser inserido não ocorre, e um item menos especificado pode ser inserido em seu lugar (cf. MEDEIROS, 2008).

Um exemplo simples que leva em consideração a operação acima descrita é dado em Embick e Noyer, (2005, p. 17, ex. (29)). Esses autores analisam a declinação substantival do arábico clássico, em (17), afirmando que os nomes e adjetivos se flexionam em três casos (nominativo, genitivo e acusativo), em (18), e definitude.

17. Case features for Arabic

	Nom.	Acc.	Gen
Oblique	-	-	+
Superior	+	-	-

(18) Some Arabic declensions

	Nom. Indef.	Gen. Indef.	Acc. Indef.	Nom. Def.	Gen. Def.	Acc. Def.
rajul- 'man'	-u-n	-i-n	-a-n	-u	-i	-a
rijal- 'men'	-u-n	-i-n	-a-n	-u	-i	-a
hasim- 'Hashim'	-u-n	-i-n	-a-n			
harun- 'Aaron'	-u	-a	-a			
madaʔin- 'cities'	-u	-a	-a	-u	-l	-a

Como podemos verificar acima, o padrão de declinação, como em *rajul*- 'man' (homem), *rijal*- 'men' (homens) e *hasim*- 'Hashim', esses três casos possuem sufixos distintos e a indefinidade é expressa pela adição de *-n*. Assim, os VIs que competem para a inserção no morfema de caso apresentam os expoentes fonológicos, representados em (19) abaixo:

19. a. u ↔ [+superior]
 b. i ↔ [+obliqué]
 c. a *elsewhere (default)*

De acordo com Embick e Noyer (2005), a definitude é expressa por:

20. n ↔ [-definite]
 ∅ ↔ *elsewhere*

De modo geral, quando as regras de Empobrecimento apagam traços com valores mais marcados e deixa disponível que traços menos marcados se insiram, isto é, o Empobrecimento expressa o *retreat to the general case*,²⁶ (cf. HALLE e MARANTZ, 1994). Com base no que apresentamos, a operação de

²⁶ Uma tradução aproximada seria: *Retroceder ao caso geral*. Caso aqui deve ser entendido como a forma *default*, haja vista que esta possui propriedades mais gerais.

Empobrecimento acontece de forma distinta da Fissão e é sobre esta última que discorreremos brevemente na próxima subseção.

3.3.1.2 Fissão

A proposta sobre Fissão surgiu originalmente em Noyer (1997), com a finalidade de dar conta de situações em que um único morfema poderia corresponder a mais de um VI. Segundo Harley e Noyer (1999), em situações normais, somente um VI pode ser inserido num dado morfema. No entanto, exceções a regra de relação um-para-uma são frequentes. Especificamente, há inúmeros casos em que um único morfema parece dividido em várias partes independentes (EMBICK e NOYER, 2005).

Como uma forma de exemplificar essa operação, podemos citar Harley e Noyer (1999, p.6, ex. (14)), no qual esses autores apresentam a língua Tamazight Berber. Na conjugação do prefixo²⁷, o morfema AGR pode aparecer como um, dois ou três VIs separados, e estes podem ainda aparecer como prefixos ou sufixos, como observamos em (20), seguido logo abaixo em (21) dos Itens de Vocabulário:

20. Tamazight Berber Prefix Conjugation, dawa ‘cure’

	Singular	plural
3m	i-dawa	dawa-n
3f	t-dawa	dawa-n-t
2m	t-dawa-d	t-dawa-m
2f	t-dawa-d	t-dawa-n-t
1	dawa-y	n-dawa

²⁷ No original, *Prefix conjugation*.

21. Vocabulary Items

/n-/	↔	1 pl
/-ɣ/	↔	1
/t-/	↔	2
/t-/	↔	3 sg f
/-m/	↔	pl m (2)
/i-/	↔	sg m
/-d/	↔	sg (2)
/-n/	↔	pl
/-t/	↔	f

Harley e Noyer (1999), baseados nos dados em (21), pontuam que alguns traços estão entre parênteses. Assim, essa notação denota que o VI em questão pode ser inserido somente se o traço que se encontra entre parênteses já tenha sido negociado. Dessa maneira, por exemplo, *-m* pode ser inserido somente em um verbo ao qual a “2” já tenha sido adjungida. Com isso, os parênteses são usados para denotar traços que estão expressos secundariamente por um VI (HARLEY e NOYER, 1999). Os afixos apresentados em (20) são adicionados em uma ordem determinada pela Hierarquia de Traços (HARLEY e RITTER, 2002)²⁸.

3.3.1.3 Fusão

Uma outra operação importante para o modelo da DM é a *Fusão*, haja vista que essa operação, como havíamos posto anteriormente, toma dois nós terminais irmãos que estão sob o nó de uma mesma categoria e os funde em um único nó. Logo após que a Fusão acontece, apenas um VI pode ser inserido no nó resultante, e esse item para ser inserido, precisa ter um subconjunto de traços morfossintáticos

²⁸ Não iremos, nesta tese, discutir os argumentos das autoras em favor de uma Hierarquia de Traços, porém, recomendamos, além da leitura de Harley e Ritter (2002), a tese de Carvalho (2008), em que este linguista adota a geometria de traços proposta em Harley e Ritter (2002) para dar conta da estrutura interna dos pronomes pessoais no PB, assumindo, para tanto, uma postura léxico-sintática.

dos nós fundidos. Um bom exemplo sobre isso pode ser constatado em (22), retirado de Medeiros (2008).

22. Canta-v-am

Como verificamos no exemplo acima, o VI /v/ realiza concomitantemente os nós de tempo e modo, fundidos num único nó. Com base nisso, o autor (p.36) conclui que o item /-v/ traz consigo, como informação sintática para sua inserção, o conjunto dos traços presentes no nó formado pela fusão: passado e indicativo.

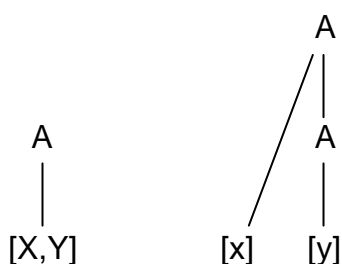
Com base no que foi posto nas seções (3.3.1.1), (3.3.1.2) e (3.3.1.3), apresentamos, de acordo com Calabrese (1998, p.76), uma formalização das operações morfológicas, em (23) abaixo

23. Formalização das Operações Morfológicas

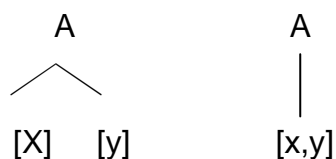
a. Empobrecimento

$bF \rightarrow \emptyset / [__, aG]$

b. Fissão



c. Fusão



Em resumo, Empobrecimento, Fissão e Fusão são as operações carro-chefe propostas na DM para a componente morfológica e, como apontam Herley e Noyer (1999), muitas questões permanecem ainda em aberto.

Vale acrescentarmos ainda que uma característica importante no modelo atual da DM é que a derivação se estabelece por fases, ideia análoga àquela proposta em Chomsky (1998, 1999, 2000), em que esse autor afirma existirem v e CP (do inglês *Complementizer Phrase*) no curso da derivação como pontos dos quais determinados elementos são enviados para *Spell-Out*²⁹, contrariando, de certa forma, autores que se baseiam na Hipótese Lexicalista, pois, neste modelo, a sentença é inteiramente computada para então sofrer o *Spell-Out*, onde os traços fonológicos e sintático-semânticos que estão amalgamados nas estruturas se separam e são enviados para as interfaces PF e LF, a fim de serem interpretados. Marantz (2001), por seu turno, assume que todos os núcleos categorizadores definem margens de fases e é sobre isso que discorreremos no capítulo 4.

3.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O acima exposto representa uma breve incursão sobre a Teoria da Morfologia Distribuída e seus pressupostos basilares, que nortearão a fundamentação teórica aqui adotada. Entretanto, não nos aprofundamos nos possíveis problemas ligados aos conceitos apresentados, tendo em vista que esse capítulo serve apenas como guia para a leitura do capítulo 4, no qual iremos apresentar uma proposta de análise da estrutura interna advérbios em *-mente* e a implicação dessa estrutura em casos de conversão do adjetivo em advérbio (cf. capítulo 1), como em (24) abaixo:

24. a. A Maria anda *rápido*.
b. A Maria anda *rapidamente*.

²⁹ Para uma boa discussão e uma proposta de revisão sobre os níveis que determinam fase no modelo minimalista, ver Sibaldo (2009). Em sua tese, esse autor irá propor que, baseado na sintaxe das *Small Clause* (Orações Pequenas), não apenas vP e CP constituem fases (CHOMSKY, 2000), mas também TP.

Antes, é preciso salientarmos que a DM adota uma postura estritamente sintática da formação de palavras. A estruturação dos traços morfossintáticos dos primitivos³⁰ é feita pelas mesmas operações que formam a estrutura sintática. Assim, traços que eventualmente serão realizados como sub-parte de palavras fonológicas não são tratados de forma diferente dos traços que eventualmente serão analisados como palavra autônoma. Para Harley e Noyer (1999), a realização fonológica dos traços é feita por um conjunto de operações distintas na Inserção de Vocabulário (3.3). em outras palavras, a DM adota o chamado *Separacionismo*, i.e., as unidades morfológicas, com forma fônica, menores do que a palavra, só serão inseridas no fim da computação sintática, a qual se aplica a traços. Isso denota que a computação sintática é bem separada da implementação fonológica, como pudemos constatar em (2).

³⁰ Ver subseção (3.2.2).

CAPÍTULO 4

4. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA OS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

4.1 INTRODUÇÃO

Como pudemos observar no capítulo anterior, a natureza de *-mente* não ficou claramente definida, tendo em vista que as abordagens que o tomam como composto e/ou morfologicamente derivado não conseguem estabelecer um padrão. Por essa razão, buscaremos subsídio no modelo teórico da DM, que postula a existência de uma só máquina gerativa e estabelece correspondência entre som e significado (MARANTZ, 2001). Em outras palavras, a sintaxe congrega tanto palavras quanto sintagmas, que são submetidos a outros dois módulos independentes, morfologia e fonologia.

Por essa razão, argumentaremos, nas seções (4.2) e (4.3), que a DM, mais especificamente o trabalho de Marantz (2001), nos oferecerá suporte teórico para uma análise dos advérbios em *-mente*, bem como o trabalho de Harris (1999). A proposta principal deste capítulo está baseada na idéia de que *-mente* é um VI formador de advérbio, que apresenta restrições quanto ao elemento a que se adjunge.

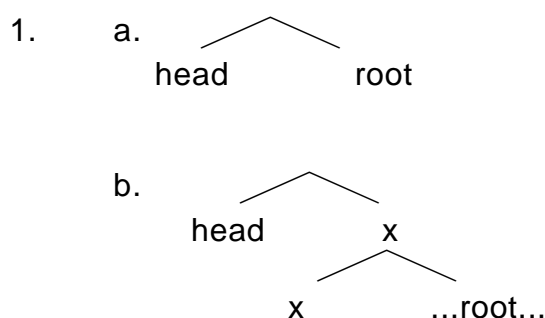
Mais adiante, na subseção (4.3.1.1), apresentaremos uma breve análise sobre o fenômeno da conversão, tomando como base as discussões levantadas sobre a estrutura interna dos advérbios em *-mente*.

Na seção (4.4), apresentaremos a conclusão do capítulo, salientando o fato de que qualquer tentativa de análise aqui deve ser entendida como ponto de partida relevante, pois, observamos o fato de que não há muitos trabalhos no PB que procuram esclarecer o que há na estrutura interna dos advérbios terminados em *-mente*.

4.2 O LUGAR DA CONSTRUÇÃO DAS PALAVRAS (MARANTZ, 2001)

Marantz (2001) propõe a existência de dois lugares possíveis para a construção das palavras. Esses dois lugares emergem das operações da sintaxe, tanto estrutural (posição na árvore sintática) quanto derivacionalmente (envolvendo domínios cíclicos).

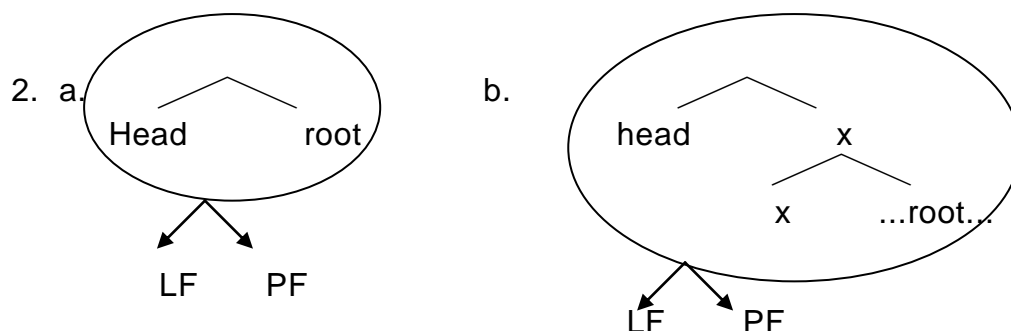
Um desses lugares está no domínio da raiz, onde morfemas podem ser adjungidos antes da inserção do núcleo funcional que determina a categoria sintática da palavra (N, V, Adj.)¹. O outro lugar está fora do domínio do núcleo funcional que determina sintaticamente a categoria (v, n, a). Esses lugares são apresentados respectivamente em (1a) e (1b). Em suma, os morfemas são inseridos ou acima ou abaixo de x.



Para esse autor, o x, derivacionalmente, determina a periferia² de um domínio cíclico, ou seja, uma Fase nos termos de Chomsky (2000). Assim, a combinação da raiz com o x é enviada para LF e PF para a interpretação fonológica e semântica, como em (2a). Os núcleos adjungidos fora do domínio de x tomam como complemento a estrutura em que a significação e a pronúncia da raiz já foram saturadas, como em (2b):

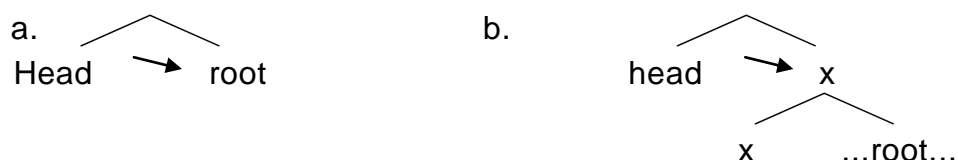
¹ Marantz não faz qualquer referência à categoria advérbio em seu artigo. Assim assumimos a missão de tentar formular uma análise que possa dar conta da estrutura interna dos advérbios em *-mente*.

² *Edge*, no original.

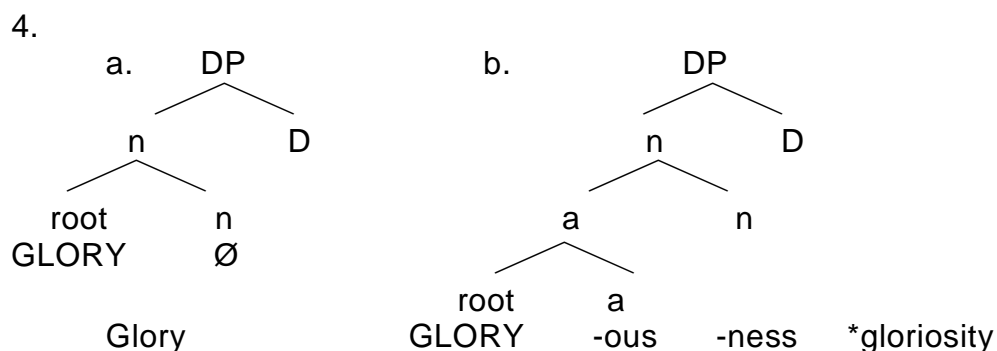


Marantz (2001) afirma que, estruturalmente, quando um núcleo adjuge-se fora do x (*little x*), como em (2b), tal núcleo vê os traços de x localmente, não os traços, as propriedades de x. Assim, conclui que suas propriedades seletivas são satisfeitas pelos traços de x, não pelas propriedades da raiz, que são idiossincráticas. Por outro lado, quando um núcleo é concatenado à raiz, suas propriedades seletivas devem ser satisfeitas pelas propriedades idiossincráticas das raízes, como ilustra abaixo:

3. Domínio de localidade para seleção



Os esquemas acima apresentados serão o ponto de partida para Marantz (2001) analisar nominalizações no inglês. Para esse pesquisador, os IVs (afixos) que são selecionados por uma raiz particular podem também depois ser selecionados por outros IV particulares. Assim, como em (4), *-ity* é selecionado por um conjunto de raízes, mas também, por exemplo, por *-able*.

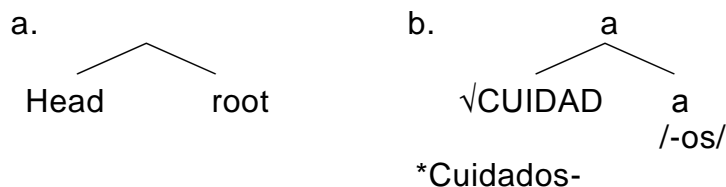


Assim, onde VI *-ity* não seleciona um afixo formador de adjetivo, ele não seleciona *-ous*, em (4b), conseqüentemente, não será inserido em um nó terminal formador de nome, portanto, será bloqueado³ por *-ness*. Onde VI *-ity* seleciona um afixo formador de adjetivo, como *-able*, então *-ness* será bloqueado por *-ity* para inserção no nó terminal formador de nome: *return-ability/ *returnableness*; *refuse-ability/ *refuseableness*, contrastando com: **glorious-ous-ity/ gloriousness* (cf. MARANTZ, 2001, p. 12).

Marantz (2001) argumenta que todos os núcleos categorizadores definem margens de fases. Assim, em (4b), por exemplo, temos *root + a*, o que determina, assim, uma fase e é enviada para *Spell-Out* (*glorious*). Se a derivação continuar, pode-se a esse complexo já saturado ser concatenado localmente com mais um sufixo, assim temos: [*root+a*]+n (*gloriousness*), sempre num processo cíclico.

Com relação ao que foi exposto, principalmente a (4b), que versa sobre o fato de quando o núcleo é concatenado à raiz deve ir a *Spell-Out*, podemos observar que algumas alterações precisam ser feitas para dar conta de dados do PB. Assim, vejamos o exemplo abaixo:

³ A realização fonológica dos nós vindos da sintaxe envolve competição entre os IV para sua inserção nesses nós, como parte da interpretação fonológica da sentença. Assim, unidades como tempo passado no inglês, por exemplo, /-d/, não são parte da computação sintática, melhor dizendo, nós contendo traços como “tempo passado” são parte da sintaxe e o IV /-d/ é especificado para ser inserido no nó sintático que contém esse traço [tempo passado]. Todos os IV competem para inserção no nó dado pela sintaxe.

5. *Cuidadosa*

Como podemos ver acima, precisamos de mais um nó acima de x para alocarmos um nó destinado ao /-a/ identificador de classe formal (HARRIS, 1999), pois a derivação inevitavelmente fracassará quando for mandar (5b) para *Spell-Out*. Nesse sentido, faz-se necessário realizarmos algumas alterações, como já frisamos, na proposta de Marantz (2001) a fim de abarcarmos também os dados do PB, o que será de fundamental importância quando formos analisar a estrutura interna dos advérbios em *-mente*. Para tanto, na seção seguinte, basear-nos-emos na proposta de Harris (1999), que toma os dados do espanhol para fundamentar sua análise.

4.3 O MORFEMA DE CLASSE FORMAL (HARRIS, 1999)

Harris (1999) propõe que deva haver cinco classes de palavras não-verbais para o espanhol, tomando como base os pressupostos da DM. Assim, o autor divide as palavras do espanhol em dois grandes grupos. Um deles reúne as formas finitas dos verbos; o outro abarca todo o resto: verbos no infinitivo, gerúndios, participípios, nomes, adjetivos, etc.

Neste último conjunto, as palavras podem ser separadas em classes parecidas com classes de declinação do latim (MEDEIROS, 2008). Cada classe formal é identificada explicitamente pela configuração fonológica do respectivo morfema de classe formal (sufixo temático). Segundo essa proposta, e como aponta Alcântara (2003), a distribuição dos morfemas de classe formal exige ter acesso à Sintaxe, uma vez que os membros de classe dependem da

concordância, mas as próprias classes formais e seus sufixos temáticos não desempenham papel algum neste módulo.

Para Harris (1999), a única função dos morfemas de classe formal é satisfazer a boa formação morfológica. Esse teórico acrescenta ainda que as classes de declinação do espanhol não são classes de gênero⁴ gramatical. Alcântara, ao analisar as classes formais para o PB, enfatiza que:

O gênero gramatical não determina o pertencer a uma dada classe; todas as classes maiores carregam membros cujo gênero é gramaticalmente masculino e membros cujo gênero é gramaticalmente feminino, abrigando também certas formas verbais e advérbios que não participam no sistema de gênero, ou seja, não desencadeiam a concordância de gênero nem são a ela submetidos (pp. 51-52).

Como mostramos acima, há no espanhol, segundo Harris (1999), cinco classes, das quais destacaremos as três principais⁵. A classe I, que carrega todos os vocábulos terminados na vogal átona /o/ (exemplos: *tío, libro, tribo*), ou seja, é a classe *default* para o gênero masculino; a classe II, que abriga todas as palavras cuja vogal átona final é /a/ (exemplos: *jirafa, espantosa, día*), que é *default* para as palavras do gênero feminino e classe III, que por sua vez, é definida através da vogal /e/ e /ø/ (exemplos: *bote, chefe, grande*). Para esta última classe, iremos propor que haja um grupo de palavras que terminam em vogal átona /-e/ (Classe III) e outro grupo de palavras com terminação /-l, -s, -r/ (Classe IV).

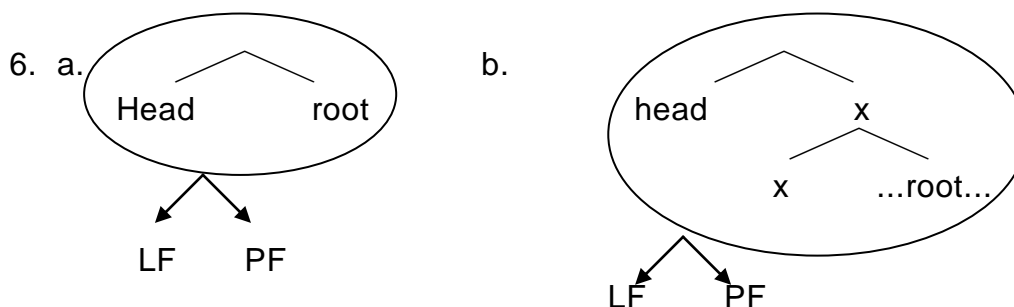
O exposto acima, em suma, quer dizer que uma raiz ou radical, na presença do traço feminino, passa a ser do tipo classe II, e, assim, recebe a vogal temática –a. Raízes ou radicais sem especificação de classe I, na presença de um traço feminino, passam a ser do tipo classe II. Medeiros (2008, p. 38) nos oferece um bom exemplo do espanhol: a raiz $\sqrt{\text{PAS}}$, junta com o traço [feminino], passa a ser do tipo classe II (ganha o traço [II]), e o item de

⁴ Alcântara (2003, p.58), seguindo Harris (1991a e 1991b), afirma que no caso dos nomes, o gênero é uma propriedade linguística idiossincrática, ao passo que, nos adjetivos, essa informação é adquirida mediante relações de concordância.

⁵ A classe IV corresponde tão somente aos vocábulos que, inesperadamente, carregam a vogal /e/ depois de consoantes licenciadas pela coda (exemplos: *pirámide, Tule, curare, pose*) e a Classe V é destinada aos estrangeirismos, chamada por Harris (1999) *xenonym class*.

vocabulário *-a* é inserido, gerando *pasa*; caso contrário, recebe o item de vocabulário *default*, e temos então *paso*.

Como afirma Alcântara (2003), o importante a ser fixado se refere ao fato de a boa formação morfológica da palavra somente ser alcançada mediante a adjunção de um morfema de classe formal ‘ξ’. Para esta autora, essa é uma condição que vigora não apenas para o espanhol, mas também para outras línguas românicas inclusive o português. Assim, a estrutura proposta por Marantz (2001), ilustrada em (2), aqui repetida em (6), parece dar conta apenas dos dados do inglês, uma vez que para esta língua não se faz necessário concatenar um sufixo atribuidor de classe formal.



Segundo Alcântara (2003, p.58),

os radicais⁶, sejam eles terminados com consoante ou não, não podem funcionar como palavra morfológicamente completas, independentes sem uma afixação posterior, seja através dos morfemas flexionais como no verbo *faxin+á+v+a+mos*, seja através de morfema de classe, como a vogal *-a* nos nomes *faxin+eir+a* e *faxin+a*.

Segundo ela, ainda, os radicais do tipo *faxin-* (*faxina*), *mit-* (*mito*), *pel-* (*pele*) não possuem um afixo derivacional explícito, ou seja, uma expressão fonológica que lhes forneça uma designação de categoria morfossintática indispensável.

Com base no exposto, Harris (1999) argumenta que, para o espanhol, toda categoria morfossintática, X° , exige um sufixo temático ‘ξ’. Esse fato pode ser corroborado também para o PB, como já vimos acima.

⁶ O termo *radical* é entendido por Alcântara (2003) como uma raiz+um afixo derivacional, que pode ser zero.

não desempenham papel algum na sintaxe. Embora a atribuição de classe formal seja idiossincrática para muitos radicais, são os morfemas de classe formal e não os traços de gênero que adquirem substância fonológica pela operação *Inserção Vocabular*, no componente morfológico da gramática (ALCÂNTARA, 2003).

4.3.1 Os advérbios em *-mente*

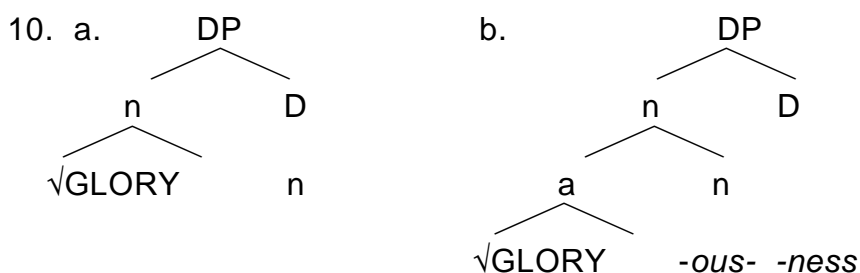
Seguindo as análises apresentadas acima, podemos estendê-las a fim de dar conta da formação dos advérbios em *-mente* no PB. De início, observemos os dados contidos em (9):

9. a. Inteligente *-mente*
- b. Contente *-mente*
- c. Convencional *-mente*
- d. Proporcional *-mente*
- e. Feliz *-mente*
- f. Similar *-mente*
- g. Veloz *-mente*
- h. Rápida *-mente* / * Rápido *-mente*
- i. Lenta *-mente* / *Lento *-mente*
- j. Última *-mente* / *Último *-mente*

A partir dos exemplos em (9), podemos, inicialmente, formular algumas hipóteses. A primeira é a de que *-mente* pode ser adjungido a três tipos de adjetivo, os que terminam em */-a/*, (9h – 9j) (Classe II), os que terminam em */-e/*, que é o caso de (9a) e (9b) (Classe III) e os que terminam em */-l, -s, -r/* (9c – 9g) (Classe IV). É imperativo pormos em destaque que os adjetivos, cuja

terminação é *-o*, indicando gênero masculino⁸, não admitem *-mente* em sua estrutura.

Adaptando, então, as análises feitas por Marantz (2001) e Harris (1999), às construções em (9), propomos que, assim como acontece nas nominalizações, em (4), aqui repetida em (10), o elemento adverbializador *-mente* também apresenta restrição de seleção, de forma que apenas se combinam com os morfemas Classe II, Classe III e Classe IV.



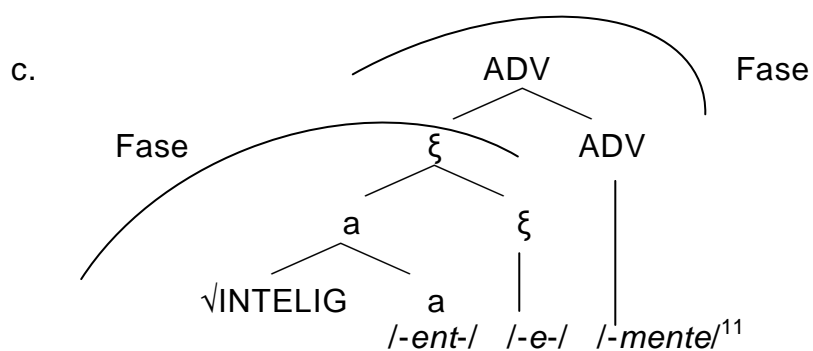
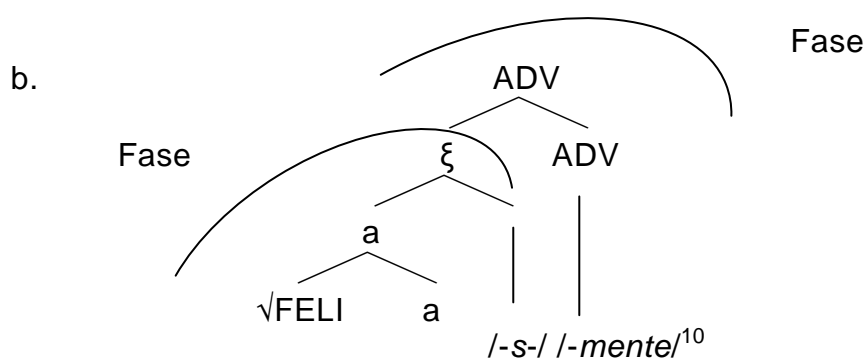
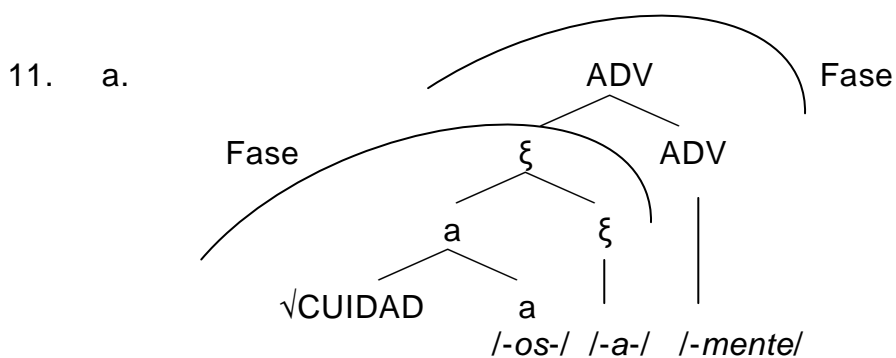
Partindo disso e, se nossa análise de que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos estiver correta (ver capítulos 1 e 2), podemos então propor que o elemento adverbializador *-mente* é, em outras palavras, o IV formador de advérbio que é c-comandado pela raiz + *a*, junto com seu sufixo temático (ξ), o que explicaria o fato de *-mente* adjungir-se apenas a adjetivos.⁹

Nesses termos, se tomarmos como parâmetro (8), *-mente* é selecionado, pelo morfema não-nulo mais próximo, ou seja, se for selecionado pelo morfema */-a/*, automaticamente bloqueia os morfemas das classes III e IV, como em (11a), do mesmo modo que ocorre com a nominalização. Seguindo esse raciocínio, quando *-mente* é selecionado pelo morfema */-l, -s, -r/*, automaticamente bloqueia os morfemas das classe II e III, como em (11b), quando *-mente* é selecionado por */-e/*, as outras duas classes II e IV são bloqueadas, como em (11c):

⁸ Porém, não é fato universal *-mente* se adjungir a adjetivos somente em sua forma feminina, haja vista que línguas românicas, como o Francês, também podem construir advérbios a partir de adjetivos masculinos, como mostram os exemplos abaixo:

- (i) *vrai – vraiment* (verdadeiramente)
- (ii) *poli – poliment* (educadamente)
- (iii) *Éperdu – éperdument* (desnorreadamente)

⁹ Apesar de encontramos no dialeto não-padrão formas como, *apenasmente*, *derrepentemente* ou ainda, *multissimamente*.



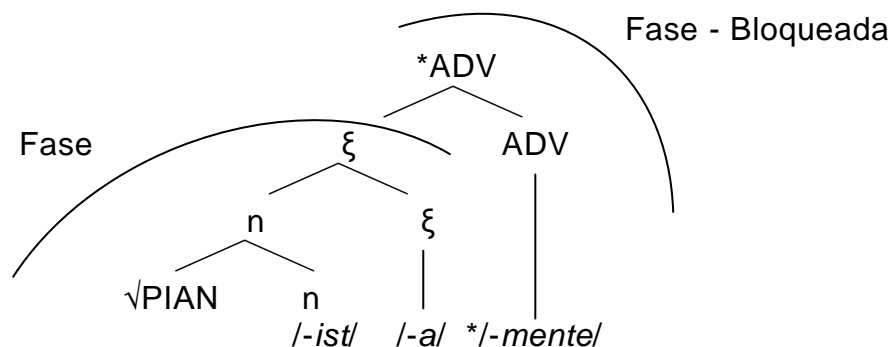
A estrutura arbórea para os exemplos *similarmemente*, *velozmente* e *proporcionalmente* estão em (12a), (12b) e (12c), respectivamente. Com base nesses exemplos, fica claro que o VI adverbializador */-mente/* é adjungido ao complexo $\sqrt{\text{...}} + \xi$, depois que estes já tiverem concluído a primeira fase.

¹⁰ Estamos considerando *Feli-* como sendo a raiz, haja vista que temos construções como: *Feli[cidade]*.

¹¹ Assim como *Feliz*, consideramos *Intelig-* como sendo a raiz, pelo fato de termos *intelig[ível]*.

VI *-mente* se adjungir apenas a adjetivos¹² no PB. Caso contrário, se a $\sqrt{\quad}$ se concatenar, por exemplo, com um *n*, bloqueará a inserção de *-mente*, mesmo se essa palavra sintaticamente for um adjetivo, como em (13) abaixo:

13. O rapaz *pianista*

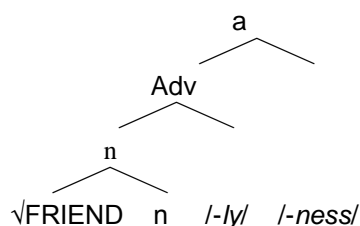


Entretanto, se observarmos (13) com acuidade, veremos que o termo *pianista* apesar de ter forma nominal, na verdade, no contexto inserido: *O Rapaz pianista*, é um adjetivo, como em (14), uma vez que a sintaxe dá a informação estrutural para que os VIs sejam inseridos, isto é, o *output* da sintaxe é o *input* para morfologia. Dessa forma, o exemplo supracitado apresenta contra-argumentos a nossa proposta, pois se esperaria que *pianista* recebesse *-mente*, uma vez que a informação que a sintaxe traz é a de que essa palavra é um adjetivo.

¹² É importante salientarmos que em outras línguas, como por exemplo no inglês, o morfema adverbializador *-ly* (*-mente*) é inserido tanto para formar advérbios de bases adjetivas, como formar adjetivos de base nominais, conforme os exemplo em (i) retirados de Lyons (1987, p.119) [1981]. Vejamos uma representação arbórea para *friendliness* em (ii) abaixo:

- (i) a. Unfriendliness (não-propensão à amizade)
 b. manly (viril)
 c. womanly (feminino)
 d. friendliness (amistoso)

(ii)



semelhantes, como, por exemplo, modificadores, podemos atribuir-lhes, baseado nos contextos de conversão, traços que expliquem o uso de um ou de outro morfema.

Temos até aqui alguns contextos de inserção do VI */-mente/* já definidos, a saber, *-mente* só se adjunge à */-a/*, */-e/* ou */-l, -s, -r/*, Classe II, Classe III e Classe IV, respectivamente. A inserção de uma dessas classes bloqueia as outras duas, conforme (12). Porém, os contextos de conversão nos mostram mais uma possibilidade a inserção, o morfema */-o/* (exemplos 15a e 15c), que pertence a Classe I. Com base nisso, propomos em (16) os seguintes traços para a inserção desse morfema:

16. */-o/* {CLASSE I, +MOD(event)}

De acordo com (16), o morfema *-o*, assim como *-mente*, possui a propriedade de modificar um evento. Isso explica o fato de haver a disputa nos contextos de conversão.

Outro contexto bastante debatido é o de coordenação entre advérbios em *-mente* em que apenas o último recebe *-mente*. Assim, a proposta anterior fica enfraquecida, haja vista em que nos contextos de coordenação, o morfema licenciado é */-a/*, pertencente à Classe II, como mostra (17):

17. a. Elas falam *rápida* e *cuidadosamente* sobre os maridos
b. Elas falam *rápido* e *cuidadoso* sobre os maridos.

Nos contextos de coordenação, podemos atribuir mais um traço ao nó de inserção do morfema */-a/*, como em (18).

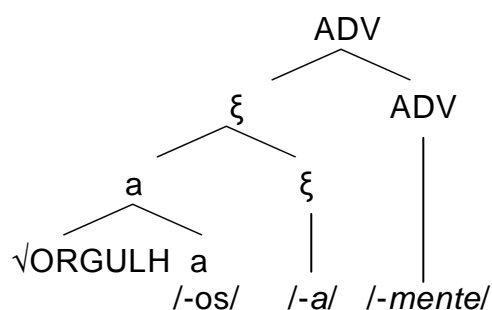
18. */-a/* {CLASSE II, MOD(event), Coord.}

Com base nisso, a sintaxe fornece o contexto sintático em que esse morfema pode ser inserido, isto é, em coordenações e com o objetivo de modificar VP, por isso o traço {+MOD(event)}, pois sem esse traço, poderá haver conflitos com relação ao nó de concordância, como em (19).

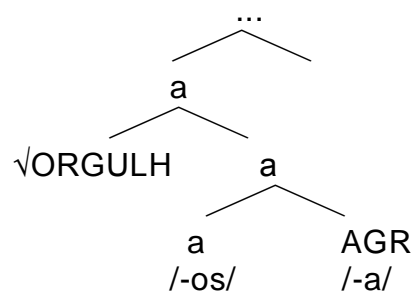
19. a. Ela falava *orgulhosa* dos filhos
 b. Ela falava *orgulhosamente* dos filhos

O acima exposto revela aquilo que já havíamos frisado anteriormente, a saber, o morfema /-a/, em (19b) e (17a), só pode ser considerado como um sufixo temático, como mostra a árvore em (20a), diferente do nó AGR, como mostra (20b), baseado em (19a).

20. a.



21. b



É imperativo salientarmos que não é o objetivo principal desta tese descrever/analisar o fenômeno da conversão, uma vez que tal fenômeno só serve como evidências empíricas para nossa hipótese central, a saber, advérbios devem ser considerados uma subclasse dos adjetivos.

4.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Procuramos, neste capítulo, traçar alguma linha de análise daqueles constituintes terminados em *-mente*, levados, para tanto, por observações empíricas (capítulo 1) e teóricas (capítulo 2). As empíricas foram determinantes para sugerimos que o *advérbio* seja considerado como uma classe pertencente à outra classe de palavras, pois há, segundo a discussão aqui levantada, uma ligação extremamente estreita entre *advérbio* e a categoria sintática *adjetivo* em diversas línguas, principalmente, quando se trata de conversão, cujas configurações sintáticas são idênticas, não trazendo prejuízo para a leitura de uma determinada sentença se forem permutados, conforme exemplos abaixo:

21.a. A Vera saiu *rapidamente*.

b. A Vera saiu *rápido*.

Numa análise menos aprofundada, poderíamos inferir que os advérbios formam, de fato, uma subclasse dos adjetivos, com base em toda discussão apresentada. Entretanto, se formos mais criteriosos, chegaremos a uma conclusão, ainda “inconclusa”, de que, na verdade, os advérbios de modo, ou seja, aqueles que se configuram como elementos predicativos, devam ser considerados como pertencente à classe dos adjetivos. Isso nos impulsiona a pesquisar mais dados sobre esse fenômeno, mais contextos sintáticos, mais tipos de adjetivo e, principalmente, os tipos de verbos. Estes podem oferecer caminhos mais seguros na construção da argumentação aqui defendida. Sem dúvida, ao trabalharmos com esses tipos de elementos, *advérbio* e *adjetivo*, necessitamos observar qual a relação que há entre esses itens predicativos e o verbo na sentença. A hipótese que lançamos é que, se houver alguma diferença entre (21a) e (21a’), será mínima. Tal hipótese pode ser corroborada pelo fato de utilizarmos essa variação indiscriminadamente na língua em sua modalidade oral. Assim, sugerimos que, no segundo caso, há uma forma *default* do adjetivo, enquanto no primeiro há uma forma mais especificada do adjetivo, pois entra em competição com mais um morfema, *-mente*. Isso pode explicar o motivo pelo qual o falante prefira o adjetivo nu e não a forma mais especificada.

Por outro lado, devido a fatores referentes às restrições que o próprio tipo de verbo impõe, apenas a forma especificada é licenciada, conforme (22), ou, em outros casos, a forma *default*, conforme (23); ou ainda ambas, de acordo com o exemplo em (21). Curiosamente, encontramos, por diversas vezes, no *corpus* do dialeto quilombola, em Moura (2009), o advérbio em *-mente* substituindo outro advérbio, nesse caso, um circunstancial, como podemos ver em (24). Isso pode ser mais um indício para afirmarmos que os circunstanciais sejam, de fato, separados da classe dos advérbios (cf. ILARI, 2002).

22.A Isabel assistiu ao filme *atentamente* / **atento*.

23.A Patrícia vendeu *caro* / **caramente* o apartamento.

24.O pessoal de *antigamente* / *antes*.

Partindo do pressuposto acima, defendemos que há um IV formador de advérbios quando se junta a bases adjetivais. Para tanto, subsidiamos-nos nos trabalhos de Marantz (2001), em que esse pesquisador traz uma análise interessante para as nominalizações no inglês, mostrando que alguns morfemas bloqueiam outros no processo de construção das palavras. Assim, alargamos essa análise pontuando que um elemento deva ter um morfema indicador de sua categoria. Por isso, tomamos como decalque o trabalho de Harris (1999).

Admitindo, junto a Marantz (2001), que o processo de criação de palavras é cíclico, como já vimos anteriormente, isto é, o IV *-mente* se adjunge depois que a raiz + ξ foram saturados e enviados para LF, como Fase, nos termos de Chomsky (2000). Esse processo parece dar conta da construção dos advérbios em várias línguas, pois o processo é o mesmo. Obviamente, cada língua terá suas restrições na formação dessa categoria, no francês, por exemplo, há casos em que o advérbio se junta a uma base substantiva; no romeno, por sua vez, haverá mais ocorrências da forma *default*, pois nesta língua o adjetivo nu em posição predicativa é considerado o único uso adverbial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advérbio tornou-se, nas últimas décadas, um grande campo de investigação linguística, proporcionando, para os pesquisadores dessa área, um importante diagnóstico para a análise de movimentos de outros elementos sintáticos em uma determinada sentença (cf. COSTA, 1998; POLLOCK, 1988; TAVARES SILVA, 2004 e outros). Entretanto, o tratamento dispensado a essa classe de palavras, principalmente no Brasil, está muito aquém do esperado, talvez isso se explique pelo fato de o advérbio ser um elemento, cujas características morfossintáticas são demasiadamente heterogêneas.

Partindo disso, nossa pesquisa buscou estudar a dinâmica morfossintática envolvida na formação dos advérbios em *-mente* no PB, seguindo, para tanto, dois questionamentos básicos postos na introdução desta tese:

- (i) Qual a relação que há entre advérbios e adjetivos?
- (ii) Qual a estrutura interna dos advérbios terminados em *-mente*?

A indagação apresentada em (i) tem razão de ser se levarmos em consideração o exemplo (1) abaixo, em que observamos que há a ocorrência de um adjetivo na posição predicativa e que pode, facilmente, ser substituído por um advérbio em *-mente*, sem que a semântica da sentença seja prejudicada:

1. a. Maria fala inglês *lento*.
b. Maria fala inglês *lentamente*.

Esse tipo de construção é nomeado por Basílio (2007) de fenômeno da *conversão*, uma vez que o adjetivo possui, nesse caso, uma leitura adverbial na sentença em (1a), isto é, apresenta forma de adjetivo, mas com características típicas de advérbios. Assim, como podemos observar, o adjetivo em (1a) refere-se ao VP e não ao NP sujeito (Maria).

Com base nisso, procuramos descrever, no Capítulo 1, os contextos estruturais em que ocorrem a permuta do adjetivo e do advérbio em *-mente*, lançando mão de dados de outras línguas como o espanhol, inglês, português europeu, latim etc, com o objetivo de levantarmos argumentos em favor de corroborar a hipótese de que os advérbios devem ser considerados como uma subclasse dos adjetivos. Se nossa assunção estiver correta, explicaria, por exemplo, o fato de Chomsky (1970) não incluir o advérbio em seu quadro das categorias lexicais, em (2), haja vista que os advérbios devem assumir os mesmos traços propostos para os adjetivos.

2.

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	Preposição
[+V]	Adjetivo	Verbo

O exemplo dado em (1) nos revela que, se adotarmos o argumento defendido nesta tese de que os advérbios formam uma subclasse dos adjetivos, poderíamos validar a visão de que temos em um caso um adjetivo com um elemento *-mente* (1b); e, em outro caso, um adjetivo nu (1a) (*Bare adjective*, nos termos de Corver, 2005). Nesse último caso, preferimos afirmar que se trata de uma espécie de forma *default* do adjetivo. Por outro lado, a base adjetival acrescida de *-mente* seria mais especificada. Esse capítulo da tese nos rendeu bons questionamentos que por ora não temos ainda explicação satisfatória (4.3.1.1), a saber:

- (i) É possível estabelecermos contextos estruturais que deem conta da dinâmica morfossintática do fenômeno da conversão?
- (ii) Se sim, quais seriam esses contextos?
- (iii) O que explicaria a variação entre a forma *default* e a forma mais especificada?

Na tentativa de corroborarmos nossas suposições acerca do fenômeno da conversão, procuramos delimitar, no Capítulo 2, a fronteira que separa adjetivos de advérbios, baseados tanto em características sintáticas, como vimos nos exemplos acima, quanto morfológicas. Com relação ao aspecto morfológico, Radford (1988) nos revela que novos adjetivos inseridos numa determinada língua podem ter correspondentes adverbiais, bastando acrescentar-lhe um morfema como, por exemplo, *-mente* no PB. Ainda há línguas em que determinadas construções não há distinção morfológica entre o advérbio e o adjetivo, como é o caso do alemão, em (3), ou romeno (4). Nesta última língua, a conversão do adjetivo em advérbio é o único processo licenciado para uma leitura de modo.

- 3. a. Er ist *klug*;
“Ele é esperto”
b. Er spielt *klug*.
“Ele joga espertamente”
- 4. a. scrisul frumos
“A letra bonita”
b. El scrie frumos
“Escreve bonito”

No capítulo 3, apresentamos os pressupostos básicos do modelo teórico da Morfologia Distribuída, cujo requisito era nortear as discussões levantadas no capítulo 4.

No Capítulo 4, discutimos a estrutura interna dos advérbios em *–mente*, mostrando que, por um lado, alguns linguistas analisam-no como composto (ZAGONA, 1990); por outro lado, há linguistas que o assumem como participante de uma derivação morfológica (PIERA; VARELA, 1999). A primeira proposta se baseia na seguinte construção para o espanhol:

5. Lo hice rápida y cuidadosamente
“Eu o fiz rápida e cuidadosamente”

6. a. Directa o Indirectamente.

“Direta ou indiretamente”.

b. Lo han resuelto tanto técnica como teóricamente.

“Eles o resolveram tanto técnica como teoricamente”.

(TORNER, 2005, p. 3)

O que ocorre nos exemplos acima é que na coordenação de compostos há a elisão do núcleo no primeiro conjunto. Isso pode ser também verificado nos casos de coordenação dos advérbios, como em (7) abaixo. O problema para esse tipo de análise é que Zagona (1990) irá assumir que o elemento *–mente* tem natureza nominal, fato que não se verifica no PB.

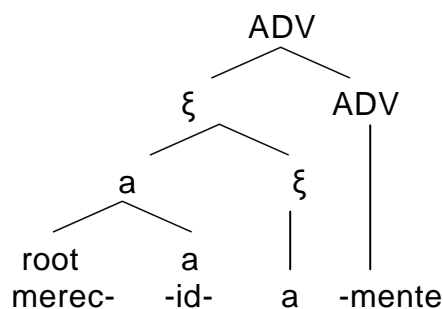
7. Direta ou indiretamente.

A segunda proposta assume que os advérbios em *–mente* são derivados morfológicamente e que *–mente* é um afixo que seleciona sua própria base para se adjungir, como acontecem com outros afixos, por exemplo, *-dad*

(espanhol), *-ity* (inglês) e *-dade* (PB) só se juntam a adjetivos; *-ble* (inglês); *-vel* (PB) se juntam a verbos etc. Essa proposta parece ter maior poder explicativo para a formação dos advérbios em *-mente*, mas assumindo o fato de que *-mente* é um elemento que pode ser elidido numa coordenação, apontado por Zagona (1990), isso traz complicações cruciais para a análise que versa em favor da derivação (PIERA; VARELA, 1999).

Assim propusemos, no Capítulo 4, uma análise que explicasse a formação morfológica dos advérbios em *-mente* no PB, tomando como ponto de partida o trabalho de Marantz (2001). Chegamos à seguinte conclusão: o elemento *-mente* é considerado pela nossa abordagem como um IV formador de advérbios e que estabelece uma série de restrições à categoria que se adjunge, de maneira semelhante ao que ocorre com as nominalizações; estas, como já havia posto, foco de pesquisa de Marantz (2001). Entretanto, nossa análise postulou algumas modificações desta proposta, tomando por empréstimo a noção do morfema caracterizador de categorias ou sufixo temático, ξ , em Harris (1999). Assim, obtemos a seguinte formação:

8.



O mecanismo de formação é bem simples. Vejamos, uma raiz se adjunge a um morfema adjetival, formando, assim, uma base; essa base, por sua vez, se adjunge a um elemento formador de categoria gramatical, assim obtemos [menc-id-a], segundo as postulações apresentadas por Marantz (2001), esse complexo deve ser considerado uma Fase, a esse complexo adiciona-se o IV formador de advérbios *-mente* numa segunda Fase. Entretanto, há algumas restrições de ocorrência, semelhante ao que ocorre com as nominalizações, isto

é, o elemento adverbializador *-mente* apenas se combina com os morfemas /-a/, /-e/ ou /-l, -s, -r/.

Destacamos que esta pesquisa não exaure o fenômeno aqui descrito; pelo contrário, oferece ainda mais questionamentos e pontos em aberto para trabalhos futuros, corroborando, assim, a epígrafe desta tese, a saber: o conhecimento científico avança quando a dúvida se instaura.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. P. The English noun phrase in its sentential aspect. PhD dissertation, MIT, Cambridge, Mass, 1987.
- ADGER, D. *Core Syntax: a minimalist approach*. New York: Oxford University Press, 2004.
- ALCÂNTARA, C da C. *As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da Morfologia Distribuída*. 2003. Tese (Doutorado em Lingüística – Pontifícia Universidade Católica PUC-RS).
- ALEXIADOU, A. Adverb placement: a case study in antisymmetric syntax. *Linguistik Aktuell*, vol. 18, 1997, p.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- ARAD, Maya. Locality Constraints on the interpretations of roots: the case of Hebrew denominal verbs, 2003. Disponível em: <<http://web.mit.edu/~marantz/Public/>>. Acesso em: 20 set. 2004.
- ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Linguistic Inquiry Monograph I. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
- BARTRA, A.; SUÑER, A. Inert agreement, projection and the syntax of the bare adjectives. *PROBUS*, 9, 1997.
- BARBOSA, M. G. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre adjetivos adverbializados*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BASÍLIO, M. Produtividade e Função dos Processos de Formação de Palavras no Português Falado. In: *Atas do IX Congresso Internacional da Alfal*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- BASÍLIO, M. Morfológica e Castilhamente: um estudo das construções X-mente no português do Brasil. *DELTA*, 14, ESPECIAL ISSUE, São Paulo, 1998.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 8ed. São Paulo: Ática, 2007 [1987]
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ed. rev. amp. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BELLETTI, A. *Generalized verb movement*. Turin: Rosenberg e Sellier, 1990.

BOSQUE, I. Constricciones morfológicas sobre lá coordinación. *Linguística Española Actual* 9, p. 83-100, 1987.

BOWERS, J. Adjective and adverbs in English. *Foundations of Language* 13, p. 529-562, 1975.

CALABRESE, A. Some remarks on the Latin case system and its development in Romance. In: Trevino, E.; Lema, J. (Eds.) *Theoretical Analysis of Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1998, p. 71-126

CÂMARA JR. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARVALHO, D. S. A estrutura interna dos pronomes pessoais em Português Brasileiro. Maceió, 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas.

CASTILHO, A. T. de.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado: níveis de análise lingüística*. 4ed. Campinas: UNICAMP, 2002.

CEZARIO, M. et al. *Ordenação de advérbios em textos religiosos*. 2009. Disponível em <<http://www.pqletras.uerj.br/matraga16/matraga16a15.pdf>>. Acesso em: 25 de set. de 2009.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Tradução de Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Londrina, PR: EDUEL, 2003.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press., 1965.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. A.; P. ROSENBAUM (Eds). *Readings in English Transformational Grammar*, Waltham, Massachusetts: Ginn and Company, 1970.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and binding*. Cambridge, MA: MIT Press 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praege, 1986.

CHOMSKY, N. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In HALE, K; S. J. KEYSER (Eds). *The View From Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993, p. 1-52.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. *Minimalist Inquiries: the Framework*. Cambridge, MA: MIT Press, ms., 1998.

- CHOMSKY, N. *Derivation by Phase*. Cambridge, MIT, 1999. Texto datilografado.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS D.; URIAGUERKA, J. (Eds.). *Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, p. 89-155.
- CHOMSKY, N. *Beyond Explanatory Adequacy*. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, vol. 20. Cambridge, MA: MITWPL, 2001.
- CHOMSKY, N.; LASNIK, H. The theory of principles and parameters. In: JACOBS, J. von STECHOW, A.; STERNEFELD, W.; VENNEMANN, T. (Eds.) *Syntax: an International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter, 1993, p. 506-69.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- CLIMENT, M. B. de. *Sintax histórica de la lengua latina*. Tomo I: introducción, género, número, casos. Barcelona: Instituto Antonio de Nebrija, 1945.
- CORVER, N. *Copular –ly*. Utrecht Institute of Linguistics-OTS/Utrecht University, ms, 2005.
- COSTA, J. *Minimalizing adverbs*. MA Thesis, University of Lisbon, 1994.
- COSTA, J. *Word Order Variation: A Constraint-Based Approach*. Doctoral dissertation, HIL\Leiden University. 1998.
- COSTA, J. *O advérbio no português europeu*. 2009. Mimeografado.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 11ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986, p. 499.
- DIXON, R. M. W. Where have all the adjectives gone? In: DIXON, R.M.W. (Ed.) *Where have all the adjectives gone? And Other essays in Semantic and Syntax*. Mouton, New York, 1977, p. 1-62.
- EMBICK, D.; NOYER, R. *Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface*, 2005. Mimeografado.
- EMONDS, J. *A unified theory of syntactic categories*. Dordrecht: Foris, 1985.
- ERNST, T. *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FARIA, E. *Gramática da Língua Latina*. Rio de Janeiro: FAE, 1995.
- FRANÇA, A. I.; LEMLE, M. Arbitrariedade Saussuriana em foco. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n. 69, mai/ago, p. 269-288, 2006.

FOLTRAN, M. J. A Alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, 2010. No prelo.

FUDEMÁN, K. Adjectival agreement vs. Adverbial inflection in Balanta. *Língua*, 2004 p. 105-123.

GEUDER, W. Oriented Adverbs: issues in the lexical semantics of event adverbs. Disponível em: <<http://w210.ub.uni-tuebingen.de/dbt/voltexte/2002/546>>. Acesso em: 02 fev. 2002.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical representation of syntactic relations. In: KEYSER S. J.; HALE, K. (Eds.) *The View from Building 20*. Cambridge, MA.: MIT Press, 1993, p. 53-109.

HALLE, M.; VAUX, B. *Theoretical aspects of indo-european nominal morphology: the nominal declensions of Latin and Armenian*, 1997. Mimeografado.

HALLE, M; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALLE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvian Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993, p. 11-176.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key features of distributed morphology. In: *MITWPL 21: Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994, p. 275-288.

HARLEY, H. & NOYER, R. State-of-the-article: distributed morphology. *GLOT*, 4.4, p. 3-9, 1999.

HARLEY, H.; RITTER, E. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. *Language* 78, 2002, p. 486-526.

HARRIS, J. W. The exponence of gender in Spanish, *Linguistic Inquiry*, 22, 1, p. 27-62, 1991a.

HARRIS, J. W. The form classes of Spanish substantives. *Morphology Yearbook*, 1, p. 65-88, 1991b.

HARRIS, J. W. Nasal depalatalization *no* morphological wellformedness *si*; the structure of Spanish word classes. In: *MITWPL 33 Papers on syntax and morphology*. Cambridge. MA: MIT Press, 1999, p. 47-82.

HUMMEL, M. Considerações sobre os tipos *ela fala esquisito* e *ela chega cansada* no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal. *Actas do Colóquio internacional: A investigação do português em África, Ásia, América e Europa: balanço e perspectiva*. Berlin, 2000.

HUMMEL, M. Considerações sobre os Tipos *Ela Fala Esquisito* e *Ela Chega Cansada* no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. In: *Confluência, revista do Instituto de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2002a.

HUMMEL, M. A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, *Actas do Sexto Congresso da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas* (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), 2002b. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/ail.html>. Acesso em: 25 jan. 2010.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (org.). *Gramática do Português Falado: a ordem*. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1972.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007. (série princípios)

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énociation. De la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1989.

KOVACCI, O. El advérbio. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 705-786.

LEMLE, M. *Análise sintática: teoria e ensino*. 1982. Dissertação (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LEUNG, R. T. F. *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LIMA, R. B. de. *Advérbios focalizadores no português brasileiro*. Maceió, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas.

LIMA, R. B de. A análise de advérbio em sala de aula: uma possível contribuição ao ensino de língua portuguesa. *Anais do III ECLAE*, Universidade Federal de Alagoas, 2007.

LIMA, R. B. de. Algumas notas acerca do comportamento sintático dos advérbios focalizadores no PB: uma análise sintático-semântica. In: MOURA, D. *Os desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL p. 451-453, 2008.

LOBATO, L. Sobre o Suposto Uso Adverbial de Adjetivo: a Questão Categorial e as Questões de Variação e da Mudança Lingüística. Apresentado no *V Workshop 'Formal Linguistics at USP'*, 2005. Trabalho não publicado.

LYONS, J. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1987 [1981].

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1970.

MARANTZ, A. A late note on Late Insertion. In.: KIM, Y et al. (Eds.). *Exploration in Generative Grammar*. Seoul: Hankuk, 1995, p. 369-413.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In.: DIMITRIADIS, A; SIEGEL, L. et al. (Eds). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, 1997*, p. 201-225.

MARANTZ, A. *Words*. MIT. Cambridge, 2001. Mimeografado.

MARTELOTTA, M. E; PROCESSY, W. *Os advérbios em latim*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Mimeografado.

MARTELOTTA, M. E.; PROCESSY, W.; SANTOS, M. N. dos. A ordenação de advérbios no latim clássico e no latim medieval. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Patrimônio Cultural e Latinidade*, n. 35, 2008, p. 49-59.

MARTÍNEZ, M. A. A. *El adverbio*. 2ed. Madrid: Arco Libros, 1994.

MEDEIROS, A. B. de. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MENUZZI, S de. M.. *Sobre a modificação adjetival no português*. Campinas, 1992. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

MILLER, P.H. *Edge inflection on the French NP*. Souza Cruz. CA: University of California. Syntax Research, 1991, p. 91-3.

MILLER, P.H. *Clitics and constituents in Phrase Structure Grammar*. New York: Garland, 1992.

MORAES, R. C. P. de. Junção dos adjetivos resultativos psicológicos – derivados de verbos de mudança de estados psicológicos – com *mente* na formação de advérbios de modo. *Estudos lingüísticos XXXV*, 2006, p. 1641-1649.

MOURA, D. Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas. *Leitura*, v. 33, p. 87-110, 2006.

MOURA, D. A predicação copulativa em português brasileiro e espanhol. *Revista do Gelne*, v. 2, p. 67-76, 2007.

MOURA, D. (org.). *Resquícius de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz*. Maceió: EDUFAL, 2009.

NOYER, E. *Feature, positions and affixes in autonomous morphological structure*. New York: Garland. Revised version of 1992 MIT Doctoral Dissertation, 1997.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M. Os advérbios circunstanciais de lugar e de tempo. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado: níveis de análise lingüística*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2002.

OLIVEIRA, A. M. da Cunha. *Dos advérbios*. 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

PAVEAU, M; SARFATI, G. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. Tradução de Rosário Gregolin et al. São Paulo: Claraluz, 2006.

PEREIRA, E. C. *Gramática Histórica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935.

PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. 4. ed. 11 impr. São Paulo: Ática, 2007.

PESETSKY, D. *Zero syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

PIERA, C.; VARELA, S. Relaciones entre morfología y sintaxis. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*, 1999, p. 4367-4426.

PINKSTER, H. *On Latin adverbs*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1972.

POLLOCK, J. Y. Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*. 20 : 3, p. 365-424, 1989.

RADFORD, A. *Transformational grammar: a first course*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ROCHETTE, A. *La Structure D'Arguments Et Lês Propriétés Distributionnelles Des Adverbes*. Revue Québécoise de Linguistique. 20: 1, 1991.

RODRIGUES, S. *Advérbios de modo terminados em –mente no português falado do sul do Brasil*. Relatório de Iniciação Científica. Curitiba: Universidade Federal de Paraná, 2007.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964, p. 183-203.

SAPORTA, S. The status of Spanish forms in –mente. *Hispanic Linguistics* 4, p. 181-183, 1990.

SIBALDO, M. A. *A sintaxe das small clauses livres do português brasileiro*. Maceió, 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas.

SOUZA, S. C. T. e. *Análise contrastiva do processo de formação de palavras por conversão em português e em inglês*, 2010. Mimeografado.

TAVARES SILVA, C. R. *A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. Maceió, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas.

TORNER, S. On the morphological nature of Spanish adverbs ending in *–mente*. *Probus*. 17. p. 115-114, 2005.

TRAVIS, L. The syntax of adverbs. *McGill Working Papers in Linguistics: Special Issue on Comparative Germanic Syntax*, p. 280-310, 1988.

TRUDGILL, P. *The dialects of English*. Cambridge, MA: Blackwell, 1990.

VARELA ORTEGA, S. *Fundamentos de morfologia*. Madrid: Síntesis, 1990.

WIERZBICKA, A. What's in a noun? (or: How do nouns differ in meaning from adjectives?). *Studies in Language*. 2, p. 353-389, 1986.

ZAGONA, K. T. *Mente adverbs, compounding interpretation and the projection principle*. *Probus* 2. p. 1-30, 1990.

ZWICKY, A. M. Suppressing the Zs. *Journal of Linguistics* 23, p. 133-148, 1987.